

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Nilsa Maria Conceição dos Santos

**NEGRAS VELHAS:**  
UM ESTUDO SOBRE SEUS SABERES NAS PERSPECTIVAS DE  
ENVELHECIMENTO, TRABALHO, SEXUALIDADE E  
RELIGIOSIDADE

Porto Alegre  
2016

Nilsa Maria Conceição dos Santos

**NEGRAS VELHAS:**  
UM ESTUDO SOBRE SEUS SABERES NAS PERSPECTIVAS DE  
ENVELHECIMENTO, TRABALHO, SEXUALIDADE E  
RELIGIOSIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

*Orientador: Prof. Dr. Johannes Doll*

Linha de Pesquisa: Trabalho, Movimentos Sociais e Educação.

Porto Alegre  
2016

### CIP - Catalogação na Publicação

Conceição dos Santos, Nilsa Maria  
Negras Velhas: Um estudo sobre seus saberes nas  
perspectivas de envelhecimento, trabalho,  
sexualidade e religiosidade / Nilsa Maria Conceição  
dos Santos. -- 2016.  
138 f.

Orientador: Johannes Doll.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de  
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Mulheres Negras. 2. Envelhecimento. 3.  
Trabalho. 4. Sexualidade. 5. Religiosidade. I. Doll,  
Johannes, orient. II. Título.

Nilsa Maria Conceição dos Santos

**NEGRAS VELHAS:**  
UM ESTUDO SOBRE SEUS SABERES NAS PERSPECTIVAS DE  
ENVELHECIMENTO, TRABALHO, SEXUALIDADE E  
RELIGIOSIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação

Aprovada em 14 de janeiro de 2016.

---

Prof. Dr. Johannes Doll – Orientador

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leni Vieira Dornelles – UFRGS

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sônia Maria dos Santos Marques – UNIOESTE

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sueli Souza dos Santos – IBGEN

*Às Negras Velhas de ontem, de hoje, e de amanhã,  
que construíram, constroem e construirão, com os seus saberes,  
as mulheres negras de todos os tempos.*

Ao concluir esta dissertação, quero agradecer...

... às Negras Velhas entrevistadas, senhoras Marisa, Wilma, Vera, Norma, Carmen e Petronilha, por confiarem a mim as suas histórias de vida, abrindo suas casas e seus corações. Sem elas, esta pesquisa não teria razão de ser e, ao mesmo tempo, por elas, percebi a razão de ser desta investigação;

... ao meu orientador, Johannes Doll, pela paciência e tranquilidade no trato com suas pupilas e pupilos e, especialmente, pela autonomia dada, que nos deixa livres e, ao mesmo tempo, comprometidas em dar o nosso melhor, não por que haja cobranças, e sim, pela certeza de que trilhar esse caminho foi uma escolha nossa, que prevê uma maturidade importante, já que o tema escolhido é Educação e Envelhecimento;

... às colegas do Grupo de Estudos Educação e Envelhecimento Denise Ceroni, Júlia Gallego, Carmen Soares, Verônica Bohn, Elisiane Jahn, Nelsa Campos, Janair de Souza e ao colega Saulo Neves - o meu abraço festivo. Foi muito bom poder contar com vocês nessa trajetória. Agradeço o apoio, o carinho e as contribuições na construção da dissertação;

... à minha família: minha mãe, Francisca Maria da Conceição Santos; minhas irmãs Elza, Ilza, Neusa e Nilce e aos meus irmãos Jorge, Luís Henrique, Gérson e Fernando; às queridas sobrinhas Dalva e Miriam e aos sobrinhos João, Andres, Andrew e Álvaro;

... às amigas e aos amigos que prestigiaram a minha qualificação e defesa do Mestrado: Terezinha Perin, Carmen Gonçalves, Ilma Machado, Patrícia Teixeira, Maria Goreti Machado, Mirtha Rodrigues, Rebeca Donazar, Cristiane Difini, Nádia Barbosa, Luciana Turchielo, Fabiano Hanauer, Leunice Martins, Edianie Bardoni, Cibele Soares, Guilherme Souza, Maria Cristina Santos, Vera Dutra e Evelyn de Oliveira, Doris Ribeiro e Marilene Paré.

... à minha Banca de Qualificação e Defesa, Prof.<sup>as</sup> Dr.<sup>as</sup> Sônia Marques, Sueli Santos e Leni Dornelles que, com suas recomendações e orientações, qualificaram o meu projeto e nortearam as minhas investigações;

... à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmem Lúcia Bezerra Machado pelo incentivo e apoio e pela orientação nos encontros informais ao longo dessa trajetória;

...às revisoras, Simone Oliveira e Luciana Brito, pelo profissionalismo, dedicação e carinho;

... às minhas avós (em memória) Leonor e Julieta, e ao meu pai Jorge dos Santos (em memória), pela fortaleza e pelo amor;

... a Deus, à Mãe Iemanjá e a todos os orixás e entidades do Centro Ecumênico Espiritualista Cristão Ilê Yá Omí/Axé Yá Bocí (CEECIYO-AYB) - meu porto seguro, meus agradecimentos eternos.

*Sempre fica um pouco de perfume nas mãos de quem oferece flores.*  
*(Provérbio chinês)*

*Um sorriso negro, um abraço negro  
Traz... felicidade  
Negro sem emprego, fica sem sossego  
Negro é a raiz da liberdade*

*Negro é uma cor de respeito  
Negro é inspiração  
Negro é silêncio, é luto  
negro é a solidão*

*Negro que já foi escravo  
Negro é a voz da verdade  
Negro é destino é amor  
Negro também é saudade (um sorriso negro !)*

*Um sorriso negro, um abraço negro  
Traz felicidade  
Negro sem emprego, fica sem sossego  
Negro é a raiz da liberdade*

*(Sorriso Negro. Dona Ivone Lara<sup>1</sup>, 1999)*

---

<sup>1</sup> Yvonne Lara da Costa, mais conhecida como Dona Ivone Lara, é uma cantora e compositora brasileira de 93 anos. É a matriarca do samba, também chamada de A Rainha do Samba. Nascimento: 13 de abril de 1922.

## RESUMO

Esta dissertação investigou alguns dos saberes produzidos pelas mulheres negras e velhas nas relações de poder e nos seus relacionamentos. É uma pesquisa qualitativa, para a qual foi utilizada a técnica de entrevista narrativa na coleta dos dados. Foram entrevistadas seis mulheres autodeclaradas negras (pretas e pardas), com idades entre 72 e 86 anos. A análise dos dados é de inspiração Foucaultiana e utilizou os procedimentos que controlam, regulam e delimitam os discursos, desenvolvidos por Foucault em sua obra “A Ordem do Discurso” (2013). Buscou-se interrogar os saberes das negras velhas nas perspectivas do envelhecimento, do trabalho, da sexualidade e da religiosidade, além das relações com alguns discursos hegemônicos dessas temáticas: quais os saberes que eles proporcionam? Com quais polemizam? Com quais se articulam? Quais as estratégias de adesão? Quais as estratégias de resistência? Na temática do envelhecimento, os saberes suscitados foram: “Reconhecimento da diferença”; “Eu não quero ser velha!”; “Depressão: evitar!”; “Fase de conquistas” e “Planos para o futuro”. Em relação ao envelhecimento, observou-se que essas mulheres estão muito bem, contrariando alguns discursos dominantes sobre a compreensão da velhice que, ainda vista como um fardo, fomenta o discurso de horror a essa fase da vida que circula em diversos setores. Na temática do Trabalho, os saberes foram “Potencial laborativo” e “Reconhecimento da diferença no trabalho”, com destaque para o avanço na mobilidade social e educação formal dessas mulheres em relação à geração anterior. Ficou evidente o potencial dessas mulheres, expresso e materializado em suas práticas, nos efeitos de seus discursos que materializam uma condição financeira que as permite viver com mais conforto e qualidade de vida do que a geração que as antecedeu. Elas relatam situações de racismo enfrentadas e como a diversidade de origem, cultural e de classe não era contemplada nas escolas, e o quanto essa discussão sobre diversidade é recente. Na temática da Sexualidade, os saberes foram denominados “Não ao sexo rei”, trazendo um discurso que pode modificar substancialmente as relações de poder e, talvez, constituir-se em uma alternativa de resposta à indagação de Foucault (2013) sobre o que há, afinal, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? E, na temática da Religiosidade, os saberes foram “Ecumenismo” e “Poder da fé”, em que se materializam os efeitos de um discurso acerca da compreensão da importância e dos benefícios de uma experiência religiosa diversa, e do poder da fé para o enfrentamento das adversidades, o qual atua como um fator de proteção contra sentimentos de abandono e solidão e, ao mesmo tempo, fortalece uma visão positiva da vida.

Palavras-chave: **Mulheres. Negras. Envelhecimento. Trabalho. Sexualidade. Religiosidade.**

## RESUMEN

En esta disertación se investigó algunos de los saberes producidos por las mujeres negras y viejas en las relaciones de poder y en sus relacionamientos. Es una investigación cualitativa, para la cual se utilizó la técnica de encuesta narrativa en la recogida de datos. Han sido entrevistadas seis mujeres autodeclaradas negras con edades entre 72 y 86 años. El análisis de los datos se inspiró en Foucault y utilizó los procedimientos que controlan, regulan y delimitan los discursos desarrollados por el teórico en su obra “A Ordem do Discurso” (2013). Se buscó interrogar los saberes de las viejas negras en las perspectivas del envejecimiento, del trabajo, de la sexualidad y de la religiosidad, además de las relaciones con algunos discursos hegemónicos de estas temáticas: cuáles saberes son proporcionados? Con cuáles se polemizan? Con cuáles se articulan? Cuáles con las estrategias de adhesión? Cuáles son las estrategias de resistencia? En la temática del Envejecimiento, los saberes suscitados han sido: “Reconocimiento de la diferencia”; “No quiero ser vieja”; “Depresión: evitar!”; “Fase de conquistas” y “Planes para el futuro”. Sobre el envejecimiento, se observó que esas mujeres se encuentran muy bien, contrariando algunos discursos dominantes sobre la comprensión de la vejez que, todavía, es vista como un fardo y fomenta el discurso de horror a esa fase de la vida que transita en diversos sectores. En la temática del Trabajo, los saberes tratados fueron “Potencial laboral” y “Reconocimiento de la diferencia en el trabajo”, dándose relieve al avance en la movilidad social y en la educación formal de esas mujeres respecto a la generación anterior. Fue evidenciado el potencial de esas mujeres, manifiesto y materializado en sus prácticas, en los efectos de sus discursos que confirman la condición financiera que les permite a ellas vivir con más comodidad y calidad de vida que la generación que las antecedió. Ellas relatan las situaciones de racismo enfrentadas y como la diversidad de origen cultural y de clase no era contemplada en las escuelas, y el cuanto esa discusión sobre diversidad es reciente. En la temática de la Sexualidad, los saberes fueron denominados “No al sexo rey”, conduciendo un discurso que puede modificar de manera sustancial las relaciones de poder y, quizás, constituirse una alternativa de respuesta a la indagación de Foucault (2013) sobre lo que hay, al final, de tan peligroso en el hecho de que las personas hablen y de que sus discursos proliferen indefinidamente? Por fin, en la temática Religiosidad, los saberes tratados han sido “Ecumenismo” y “Poder de la fe”, en que se materializan los efectos de un discurso sobre la comprensión de la importancia y de los beneficios de una experiencia religiosa diversa, y del poder de la fe para el enfrentamiento de las adversidades, el cual actúa como un factor de protección contra sentimientos de abandono y soledad y, a la vez, fortalece una visión positiva de la vida.

**Descripción: Mujeres. Negras. Envejecimiento. Trabajo. Sexualidad. Religiosidad.**

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
1.1 OBJETIVOS .....	14
1.2 JUSTIFICATIVA .....	15
1.3 BENEFÍCIOS E RISCOS DA PESQUISA .....	15
1.4 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA: UM SUJEITO QUE NÃO FALA E NÃO É FALADO .....	16
<b>2 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA</b> .....	17
2.1 AS SEIS MARIAS .....	18
<b>2.1.1 Diário de Campo: entrevista feita a Marisa em sua residência</b> .....	18
<b>2.1.2 Diário de Campo: entrevista feita a Carmen em sua residência</b> .....	20
<b>2.1.3 Diário de Campo: entrevista feita a Norma em sua residência</b> .....	21
<b>2.1.4 Diário de Campo: entrevista feita a Wilma em sua residência</b> .....	22
<b>2.1.5 Diário de Campo: entrevista feita a Vera em sua residência</b> .....	23
<b>2.1.6 Diário de Campo: entrevista feita a Petronilha em sua residência</b> .....	24
2.2 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO DE CAMPO .....	25
2.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS .....	27
<b>3 MULHERES NEGRAS: UMA QUESTÃO DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE</b> .	30
3.1 EMPREGO DOS TERMOS “RAÇA” E “GÊNERO” NESTE ESTUDO .....	31
3.2 RACISMO .....	34
<b>3.2.1 Avanços nas políticas sociais</b> .....	34
<b>3.2.2 Avanços nas práticas sociais</b> .....	35
3.3 SIGNIFICADOS E DIFERENÇAS ENTRE “NEGRA VELHA”, “NEGA VEIA”, “PRETA VELHA”, “IDOSO”, “VELHO” E “TERCEIRA IDADE” .....	42
3.4 MULHERES NEGRAS E VELHAS .....	45
3.5 ENVELHECIMENTO DE MULHERES NEGRAS .....	47
3.6 EDUCAÇÃO E ENVELHECIMENTO DE MULHERES NEGRAS .....	49
<b>4 DE QUE SABERES ESTAMOS FALANDO?</b> .....	54
<b>5 SABERES SOBRE ENVELHECIMENTO</b> .....	56
5.1 SABERES DAS NEGRAS VELHAS SOBRE ENVELHECIMENTO .....	59
<b>5.1.1 Reconhecimento da diferença</b> .....	59
<b>5.1.2 Eu não quero ser velha!</b> .....	64
<b>5.1.3 Depressão: evitar!</b> .....	66
<b>5.1.4 Planos para o futuro</b> .....	67
<b>5.1.5 Fase de conquistas</b> .....	69
5.2 SABERES DAS NEGRAS VELHAS: ENVELHECIMENTO E SUAS RELAÇÕES .....	70
<b>6 SABERES SOBRE TRABALHO</b> .....	74

6.1 SABERES DAS NEGRAS VELHAS SOBRE TRABALHO .....	77
<b>6.1.1 Potencial laborativo</b> .....	78
<b>6.1.2 Emancipação feminina</b> .....	83
<b>6.1.3 Reconhecimento da diferença no trabalho</b> .....	85
6.2 SABERES DAS NEGRAS VELHAS: TRABALHO E SUAS RELAÇÕES.....	89
<b>6.2.1 Algumas considerações sobre os saberes do trabalho</b> .....	93
<b>7. SABERES DA SEXUALIDADE</b> .....	96
7.1 SABERES DAS NEGRAS VELHAS SOBRE SEXUALIDADE.....	100
<b>7.1.1 Não ao sexo rei</b> .....	100
<b>7.1.2 Empoderamento e sexualidade</b> .....	106
7.2 SABERES DAS NEGRAS VELHAS: SEXUALIDADE E SUAS RELAÇÕES .	107
<b>7.2.1 Algumas considerações sobre os saberes da sexualidade</b> .....	109
<b>8 SABERES DA RELIGIOSIDADE</b> .....	110
8.1 SABERES DAS NEGRAS VELHAS SOBRE RELIGIOSIDADE .....	111
<b>8.1.1 Ecumenismo</b> .....	112
<b>8.1.2 Poder da fé</b> .....	114
8.2 SABERES DAS NEGRAS VELHAS: RELIGIOSIDADE E SUAS RELAÇÕES	116
<b>8.2.1 Algumas considerações sobre os saberes da religiosidade</b> .....	117
<b>9 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	118
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	122
<b>APÊNDICE A</b> .....	130
<b>APÊNDICE B</b> .....	131
<b>APÊNDICE C</b> .....	132
<b>ANEXO A</b> .....	134
<b>ANEXO B</b> .....	135
<b>ANEXO C</b> .....	137

## 1 INTRODUÇÃO

Falar de Negras Velhas, para mim, é falar de ancestralidade, das mulheres que vieram antes de mim e forjaram – com seus saberes transmitidos de geração em geração – muito do que hoje sou.

A primeira negra velha que me vem à lembrança é a minha avó materna, Leonor, que me ensinou o que é ser avó, uma pessoa doce e forte que nunca permitia, quando estava em nossa casa, que nossos pais nos repreendessem com uma palmada ou qualquer tipo de castigo. Ela retrucava “elas não vão fazer mais” e o assunto era encerrado, tamanha era a sua autoridade matriarcal. Assim, apesar de não sermos crianças “rebeldes ou danadinhas”, eventualmente, acorriamos a sua presença solicitando proteção contra os pais que tentavam nos disciplinar por alguma “arte”.

Hoje, passados 30 anos de seu retorno à Pátria Espiritual, sinto e sei que ela está mais presente em minha vida, pelas memórias e doces lembranças que emergem em um instante, conduzindo-me a uma viagem em que me torno menina e me desloco até o passado. E cada vez que o visito, eu o reconstruo e o torno mais presente. E o passado se torna também um presente. “[...] na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado [...]”. (HALBWACHS *apud* BOSI, 1987. p. 17).

Outra negra velha foi minha avó paterna, Julieta. Ela era parda, cabelos lisos e nós adorávamos penteá-la até que ela nos indicasse o limite, quando informava que já estava ficando, literalmente, com dor de cabeça, em razão dos diversos penteados que durante a tarde nós (eu e minhas irmãs) inventávamos.

As outras negras velhas que me vêm à lembrança são as relacionadas à minha ancestralidade africana religiosa: as *yabás*, que no Brasil são todos os orixás femininos; as *yamins*, cujo poder é atribuído às mulheres velhas e um dos seus pássaros é a coruja e as negras velhas da Umbanda, denominadas “pretas velhas”.

Eu pratico a religião de matriz africana, Nações Africanas que cultuam essas entidades em um centro ecumênico cristão, de matriz africana. Assim, a escolha da temática é uma forma de reverenciar e valorizar as negras velhas e, ao mesmo tempo, descobrir no sentido etimológico da palavra – ou seja, “tirar o que cobre”, “encontrar o que era desconhecido”, “aparecer à vista”, “mostrar-se”, “encontrar”, “compreender” –

os saberes das anciãs negras da atualidade, acerca da vida, em especial nas perspectivas do envelhecimento, do trabalho, da sexualidade e da religiosidade.

Essas temáticas despertam a minha curiosidade em razão do momento específico de transição pelo qual passamos, em que a mobilidade social do negro se evidencia por uma série de dispositivos, e vários deslocamentos das verdades ditas absolutas caem por terra, em especial a falácia de que no Brasil não existe racismo e que os preconceitos seriam de classe social. De acordo com Ilka Boaventura Leite (2005):

No momento em que a discussão sobre o racismo está sendo provocada desde a base das instituições, em que há inúmeros dispositivos jurídicos propugnados por instâncias e organismos internacionais preocupados com os direitos humanos como a UNESCO, a ONU, a Organização Internacional do Trabalho, a Conferência de Durban, que incidem sobre questões cruciais a serem postas em prática para se atingir um estado mínimo de dignidade humana; no momento em que tais instituições reconhecem a necessidade de proteção do patrimônio cultural afro-brasileiro, do apoio aos estudantes negros que buscam uma chance para se profissionalizar, em que a regularização fundiária das terras ocupadas pelas famílias afrodescendentes estão sendo vinculadas com o combate ao êxodo e à fome, que apontam formas de abolir certas discriminações no mercado de trabalho; no momento em que se discute amplamente no país e se busca soluções que contemplem essas populações historicamente alijadas [...]. (LEITE, 2005, p. 3).

Esta pesquisa está inserida na linha de pesquisa “Trabalho, Movimentos Sociais e Educação”, na temática “Educação e Envelhecimento”, com recorte de gênero e raça, e se insere, também, no campo de “Estudos Culturais”.

As investigações que adotam a perspectiva dos Estudos Culturais não procuram ser neutras ou imparciais, ao contrário, nas relações de força que se estabelecem nas sociedades, “tomam claramente o partido dos grupos em desvantagem”. (SILVA, 2004, p. 134),

Desse modo, no decorrer da investigação, realizei leituras de trabalhos que utilizam os Estudos Culturais em suas pesquisas. Dentre esses, destaco as teses de Shirlei Rezende Sales (2010) e de Sandra dos Santos Andrade (2008), que me serviram como referências para pensar as possibilidades de construção da discussão e análise das narrativas desta dissertação.

Para identificar os saberes das negras velhas, produzidos nas relações de poder, foi preciso analisar as práticas discursivas (os enunciados propriamente ditos ou escritos) e as práticas não discursivas (fatores econômicos, políticos e sociais, materializados nas instituições) que expõem as lutas e estratégias postas em jogo na disputa dos vários campos de poder pela hegemonia de seus saberes sobre esse sujeito.

Foi necessário, também, atentar que esse sujeito em análise possui um discurso próprio, que se confronta com o que dizem sobre ele, ora se articulando, ora polemizando.

A dissertação está organizada da seguinte forma: Na **Introdução**, são apresentados os objetivos, a justificativa, os benefícios e os riscos da pesquisa, e a revisão bibliográfica. Nos **Procedimentos da Pesquisa**, como recursos para o levantamento dos dados, foram utilizados os diários de campo com as percepções próprias de cada encontro. As entrevistas foram estruturadas pela técnica de entrevista narrativa. Para a análise e descrição dos dados, buscou-se compreender quais os discursos das mulheres negras velhas e suas relações com alguns discursos presentes na sociedade. Como inspiração para essa análise, utilizaram-se alguns dos procedimentos da obra “A Ordem do Discurso”, de Michel Foucault (2013).

Em **Mulheres Negras: uma questão de gênero, raça e classe**, são articuladas as questões de gênero, raça e classe social; no item “Significados e diferenças entre ‘negra velha’, ‘nega veia’, ‘preta velha’, ‘idoso’, ‘velho’ e ‘terceira idade’” são apresentados os significados atribuídos aos termos “negras” e “velhas” nesta investigação; no item “Mulheres negras e velhas”, são interrogadas, por meio de suas narrativas, as participantes, acerca do que é ser mulher, negra e velha; no item “Envelhecimento de mulheres negras”, apresentam-se dados específicos sobre o envelhecimento de mulheres negras e o quanto a idade pode se constituir em um quarto fator de discriminação; no item “Educação e envelhecimento de mulheres negras”, aponta-se que o analfabetismo funcional abrange, em sua maioria, as mulheres negras e velhas, ou seja, o nosso sujeito é majoritariamente o sujeito excluído da educação formal e a criança negra (a quem não são dadas, hoje, condições para frequentar a educação formal) será a negra velha analfabeta de amanhã.

Em **De que saberes estamos falando?** – inicia-se com o referencial teórico de insurreição de saberes dominados (FOUCAULT, 2008). Nos **Saberes sobre envelhecimento**, apresentam-se as categorias utilizadas para organizar alguns dos saberes das negras velhas sobre envelhecimento: “Reconhecimento da Diferença”; “Eu não quero ser velha!”; “Depressão: evitar!”; “Fase de conquistas” e “Planos para o Futuro”. Nos **Saberes sobre Trabalho**, foram selecionados saberes das negras velhas acerca do trabalho, que consistem em “Potencial laborativo” e “Reconhecimento da diferença no trabalho”. Nos **Saberes sobre Sexualidade**, os saberes das negras velhas selecionados foram denominados “Não ao sexo rei”. Os **Saberes sobre Religiosidade** trazem o “Ecumenismo” e o “Poder da fé”. Nas seções relacionadas aos saberes, são

apresentados os discursos dominantes em cada temática, relacionados os saberes identificados com os discursos hegemônicos e efetuadas algumas considerações sobre cada saber e as relações com eles estabelecidas. Por fim, têm-se as considerações finais, as referências, os apêndices e os anexos.

## 1.1 OBJETIVOS

Por meio da identificação dos saberes das negras velhas, nas perspectivas do Envelhecimento, do Trabalho, da Sexualidade e da Religiosidade, produzidos nas relações de poder e suas correlações, buscou-se problematizar as verdades estabelecidas e, assim, possibilitar uma insurreição dos saberes dessas mulheres que foram sujeitados por tais verdades.

Segundo Foucault (1999, p. 13), quando se elege um saber ou um discurso – o científico, por exemplo – como o saber legítimo, desqualifica-se, em contrapartida, outro que não pode ganhar esse estatuto. Nesse sentido, a produção de saberes está sempre em uma relação dialética também com a desqualificação de saberes.

Assim, o que se pretende com esta pesquisa é realizar a insurreição dos saberes das negras velhas, trazê-los à tona, desvelá-los e vê-los, na tentativa de encontrar uma boa perspectiva, um ângulo adequado e os instrumentos necessários para, articulando-os com os saberes ditos científicos, legitimá-los.

## 1.2 JUSTIFICATIVA

Segundo dados da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD) 2014, a população negra (pretos e pardos) predomina na população brasileira. São 109 milhões de pessoas que se declararam negras (pretas e pardas) e 92,4 milhões de pessoas que se declararam brancas.

A população negra, apesar de ser uma maioria quantitativa no país, é uma minoria<sup>2</sup> marginalizada. As mulheres negras sofrem dupla discriminação – de gênero e de raça – e, muitas vezes, até mesmo uma terceira (de classe social), pois, geralmente, pertencem às camadas sociais mais pobres. O envelhecimento dessas mulheres pode representar uma quarta discriminação: “mulher, negra, pobre e velha”.

## 1.3 BENEFÍCIOS E RISCOS DA PESQUISA

É sabido que os velhos, em nossa sociedade, têm pouco espaço e, apesar de terem muitas histórias para contar, são poucos os ouvidos dispostos a escutar o que eles têm a narrar sobre o tempo vivido, o passado e a sua relação com o presente, suas expectativas e seus sonhos. A sociedade não espera que eles tenham sonhos ou quaisquer expectativas. Espera-se, somente, que tenham serenidade e aceitação de sua condição de velhos até a chegada da morte, em que deixam de ser uma fonte de lembranças para se tornarem fonte de saudades.

Ao serem informadas dos objetivos da pesquisa, as participantes se sentiram honradas e prestigiadas por serem alvo de estudo. Sentiram que podem interagir com o mundo moderno e com a Universidade (mesmo que a maioria delas não a tenha frequentado), que os seus saberes importam e constituem problemas de investigação científica, que podem contribuir para a melhoria das relações na sociedade, em especial, para a valorização da mulher, da negra e das velhas.

---

<sup>2</sup> O termo minoria diz respeito a determinado grupo humano ou social que esteja em inferioridade numérica ou em situação de subordinação socioeconômica, política ou cultural, em relação a outro grupo, que é majoritário ou dominante em uma dada sociedade. Uma minoria pode ser étnica, religiosa, linguística, de gênero, idade, condição física ou psíquica. É com esse segundo sentido que utilizamos este termo.

Os riscos, que foram os de caráter emocional, ficaram minimizados em razão de que a escolha dos acontecimentos a serem narrados foi controlada pelas participantes, que decidiram, escolheram e selecionaram o que narrar de cada etapa da sua vida.

#### 1.4 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA: UM SUJEITO QUE NÃO FALA E NÃO É FALADO

Ao realizar a revisão bibliográfica, observou-se que o sujeito da investigação é um sujeito que congrega em si o interesse de diversas áreas de pesquisa, tal como é o processo de envelhecimento que é transdisciplinar, multidisciplinar e interdisciplinar.

Verificou-se, acessando títulos ou resumos que chamaram a atenção, que, em muitos trabalhos – apesar de terem como participantes das pesquisas “mulheres negras e velhas” e analisarem seus “saberes de vida” – não são elas, nem seus saberes o objeto da investigação. A partir dessa constatação, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e, de maneira intuitiva, acessados alguns trabalhos que se destacaram. Além disso, foram recebidas indicações de professores e colegas de pesquisas relacionadas ao tema (apêndice “C”).

Por meio da pesquisa bibliográfica, verificou-se a ausência desse sujeito como interesse de pesquisa, o que coaduna com a invisibilidade das mulheres negras, principalmente se essas forem velhas. Elas não são objeto principal dos estudos, o que corrobora o ineditismo desta pesquisa e a necessidade desta investigação sobre essas mulheres, conduzindo ao grande desafio de iniciar uma investigação sem conhecer um caminho já percorrido e assumindo os possíveis méritos e todos os riscos.

## 2 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

A pesquisa foi qualitativa, por trabalhar com valores, crenças, hábitos, atitudes, representações e opiniões, possibilitando a compreensão de fenômenos caracterizados por um alto grau de complexidade interna. (MINAYO; SANCHES, 1983).

Os sujeitos sociais da pesquisa são mulheres na faixa dos 72 aos 86 anos de idade, autodeclaradas negras (pretas e pardas), de acordo com o critério do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>3</sup>. A seleção das entrevistadas foi realizada por meio das relações sociais da pesquisadora e, também, por meio de contatos ocasionais em que a pesquisadora se apresenta, informa sobre a pesquisa e consulta sobre o interesse em participar.

As entrevistas foram narrativas, conforme sugestão da Banca de Qualificação, que considerou essa técnica a mais apropriada. Por meio da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social. (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p.110).

Ao mesmo tempo, a entrevista narrativa vai ao encontro dos mecanismos de conservação e transmissão do saber em culturas orais, como as de origem africana no Brasil. Gilberto Freyre (1961) relembra, em “Casa Grande e Senzala”, a importância que tiveram as negras velhas na preservação da memória brasileira, por terem sido elas as grandes contadoras de histórias, legando à sociedade um saber que, de outra forma, se perderia por não ter nenhum registro escrito.

Inicialmente, foram explicados às entrevistadas o contexto da pesquisa e o procedimento a ser adotado, bem como solicitada a permissão para gravação da entrevista parcialmente (vídeo) e na íntegra (áudio), com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo A) e da Autorização de Uso da Imagem (anexo C). Os vídeos serão editados e, posteriormente, entregues às entrevistadas como uma devolutiva de sua participação na pesquisa, de modo que elas tenham a íntegra dos seus registros e os das outras negras velhas.

---

<sup>3</sup> Ao adotar a classificação do IBGE sem nenhum tipo de reflexão, fui desafiada pela Banca de Qualificação a discutir esse protocolo oficial. Em busca de melhor compreender essas classificações, realizei uma revisão teórica sobre o sistema de classificação do IBGE, encontrando na pesquisa, intitulada “O Sistema Classificatório de ‘Cor ou Raça’ do IBGE”, de Rafael Guerreiro Osório (2003), produzido pelo IPEA, as justificativas para a minha escolha pela utilização dessa classificação, que constam no Anexo B.

Para traçar o perfil das informantes, foi preenchido um formulário com os seguintes dados: pseudônimo, data de nascimento, idade, estado civil, cidade de nascimento, cidade onde reside, grau de escolaridade, profissão e religião (apêndice B). Para a realização da entrevista, utilizou-se um roteiro (apêndice C) com as seguintes questões: “Conte um pouco da sua história”; “Fale sobre a sua infância”; “Fale sobre a sua juventude e a sua vida afetiva (relacionamentos amorosos)”; “Fale sobre a sua vida profissional”; “Fale sobre a sua religião”; “Fale sobre o seu momento atual” e “Haveria, ainda, alguma coisa que você gostaria de narrar?”.

## 2.1 AS SEIS MARIAS

Neste estudo, foram entrevistadas seis mulheres. Todas negras e velhas. Inicialmente, elas teriam o pseudônimo “Maria” e seriam identificadas pelos números de 1 a 6. Essa proposta foi apresentada a elas, mas, todas optaram para que fossem usados os seus próprios nomes. Elas se chamam: Marisa, Norma, Vera, Carmen, Wilma e Petronilha.

A seguir, é apresentado o perfil das participantes com fragmentos de suas narrativas e as percepções de cada encontro, registradas nos diários de campo. Também são apresentadas algumas reflexões acerca do percurso referentes às situações de contato, à realização da entrevista e ao roteiro da entrevista.

### 2.1.1 Diário de Campo: entrevista feita a Marisa em sua residência

Marisa nasceu em 26/2/1939, tem 76 anos de idade e é divorciada. Natural de Rio Pardo, ela reside em Porto Alegre desde os 19 anos de idade. Escolaridade: ensino médio completo. Profissão: era atendente de nutrição e hoje está aposentada. Religião: passou por várias e, agora, crê em Deus. Frequenta um centro evangélico, mas não se considera evangélica.

Nós rimos muito, gargalhamos até. Ela passou café, esquentou leite, preparou uma mesa farta, com torta, pães, queijo, patê, margarina. A louça eram xícaras de porcelana, presente de casamento. Ela explicou: “[...] restaram duas, as outras quebraram nas mudanças.” Complementou: “Não gosto daqui. Quero sair daqui. Por isso eu tô sempre na rua. Moro aqui há 16 anos”.

Ela me apresentou um mundo de ações e contradições. Eu me senti feliz em alguns momentos e, em outros, melancólica. Divisei, ali, a vida como ela é: luz e sombra. Momentos de glória, com momentos de solidão.

Quem escolhe? Somos nós ou o destino? A nossa condição de mulher, de negra, de velha interfere até que ponto nesse destino? Até que ponto a nossa condição humana nos condiciona e/ou nos autoriza? Somos os únicos responsáveis por nossas escolhas? Ou as nossas escolhas são restritas, limitadas pelas nossas condições? O que faz com que alguns burlem as suas condições e alcancem metas improváveis? O que nos distancia da vida que almejamos? Enfim, muitas perguntas e uma sede por respostas. Conforme Munanga (2013), as nossas pesquisas podem, pela observação, descrição, análise e explicação, eventualmente apontar algumas pistas de mudança ou saída. Acredito que isso norteou esta pesquisa e norteará as minhas futuras investigações. (SANTOS, Diário de Campo, 22 de junho de 2015).

Olha, no meu tempo de criança a gente iniciou, também, [...] com bastante dificuldade [...]. A gente ia pra escola, a gente não tinha alimentação suficiente, a gente não tinha vestuário suficiente, era tudo muito difícil, a vida no interior e a gente teve que viver essa vida, né, muito difícil pra tudo. E com oito anos eu entrei no primeiro ano, na minha terra, e aí ali eu já comecei rodando, devido às dificuldades do vestuário que não tinha suficiente por causa do frio. Na época era muito frio mesmo, não é que nem agora. A gente chegava na escola toda molhada. Elas, as professoras mandavam pra casa, então a gente já tinha dificuldade para o aprendizado. Ia pra casa, faltava, chegava o final do ano acabava rodando. E aí, quanto à alimentação também era tudo muito difícil, e pra gente fazer uma alimentação pra cozinhar tinha que ir no mato. Fazer lenha, antes de ir pro colégio. Fazer lenha, cortar, arrancar toco no mato, cortar graveto, trazer pra casa, na cabeça. Feixe de lenha na cabeça, pra chegar em casa, se arrumar e ir pro colégio. E os anos assim foram passando, quando cheguei lá pelos quatorze, quinze anos, aí comecei a lavar pra fora, pra ganhar algum dinheirinho. A gente lavava para pessoas que tinham condições de pagar. E aí a gente quando secava, na época de verão, quando secava as sangas, a gente tinha que ir pra beira da praia. Aí pegava uma trouxa de roupa, com vários lençóis e toalhas e tudo, bem pesado, ia lavar na beira da praia. Aí quando lavava, deixava secar um pouco no sangazeiro e botava aquela trouxa de roupa na cabeça e vinha pra casa pra passar aquelas roupas, entregar, pra no fim de semana ter um dinheiro pra ajudar a mãe, que o pai tinha problema de saúde, né. [...] Eu e a minha irmã mais velha. A mais moça não. Ela era uns cinco anos mais nova, não dava pra fazer esse tipo de trabalho. E aí, depois continuou a vida, né, fui trabalhar com os professores também. Professores da escola onde eu estudava e aos dezenove anos eu vim pra cá, pra Porto Alegre. Daí meu pai faleceu. Lá era tudo muito difícil [...] aí vim morar aqui pra poder trabalhar. E aqui eu vim, fiquei doméstica, passando trabalho, passando humilhação, até que eu consegui entrar numa empresa, [...] Aí depois que eu entrei (nessa empresa) eu fiquei 12 anos. Depois eu fui para outra empresa na qual eu me aposentei. (texto corrigido para facilitar a compreensão). (MARISA)

### 2.1.2 Diário de Campo: entrevista feita a Carmen em sua residência

Carmen nasceu em 5/5/1932, tem 81 anos e é solteira. Natural de Porto Alegre. Escolaridade: ensino médio completo. Profissão: funcionária pública aposentada (agente administrativo). Religião: católica.

Chovia muito e eu me perdi em plena Porto Alegre, em um trajeto que faço há mais de 30 anos. Qual seria o motivo de eu ter me atrapalhado? A chuva? O medo do desconhecido que habita no conhecido? Depois de uma boa caminhada em sentido contrário, retorno com a ajuda de um estranho ao trajeto correto.

Pés molhados, roupas chafurdadas pela chuva. Chego ao destino conhecido para iniciar a entrevista em uma viagem rumo ao desconhecido. A entrevista flui e eu viajo no tempo, pelas memórias.

Após a entrevista, o ritual de sempre: um bom café, seguido de conversas sobre assuntos variados. Lá fora, a chuva persiste, mas não me assusta mais. Agora conheço melhor o caminho e não erro a trajetória, me sinto segura.

Faço a escolha correta de volta ao meu destino e, nesse momento, mais do que nunca, descubro que o que eu considerava um clichê é pura verdade: o caminho se faz caminhando. (Santos, Diário de Campo, 8 de julho de 2015).

A minha mãe quando eu era criança trabalhava na casa de uma família que eles eram meus padrinhos. Daí eles conversaram com a minha mãe e me colocaram em um colégio de freiras. Eu fui pra lá eu tinha 3 anos. Fiquei internada. [...] Eu usava cachos naquela época, meu cabelo mudou, eu cortei o cabelo no internato das freiras. Fiquei dois meses com cabelo comprido. [...] eu nunca esqueço, com três anos de idade, três anos e meio eu queria ir de cacho e a minha mãe fez. [...] me criei naquela zona passando o Parcão [...]. Chegava no fim do mês ela pegava a gente pra passear e depois de noite voltava outra vez pra lá e ela ficava na casa da família e uma vez por mês eu saía com ela toda a tarde, aquela coisa assim de mãe pra filha, porque ela tinha que trabalhar. [...] eu fui bem pequena, porque minha mãe tava separada, meu pai deixou da minha mãe e meus padrinhos tomaram conta e daí lá ficamos. Eu fiquei lá até 14 anos, 14 para 15 anos, eu tava com 14 anos e meio, mas eu tava bem, não posso me queixar [...] porque tinha, conforme a pessoa, o aluno, a criança se queixava, mas cada um tinha uma maneira de se portar. Era colégio de freira, de manhã a gente tinha aula de bordado e de tarde era aula de escrita e vinha a professora do Colégio Paula Soares para dar aula junto com as freiras que davam aula pra gente. E sempre eu saía com as freiras, se precisavam de uma companhia pra andar com elas na rua, elas sempre escolhiam eu, porque de repente tinha as que ficavam pra ficar no bordado, tinha as da cozinha, tinha as da lavanderia, mas eu nunca fui desse tipo de serviço. Eu sempre fiquei saindo quando elas precisavam de companhia. Até viajei com elas. Porque naquele tempo as viagens eram bem diferentes de agora. Pra elas visitarem as famílias delas. [...] naquele tempo a gente tinha que atravessar uma balsa [...]. Eu nunca me esqueço que eu tinha 11 anos eu fiz essas viagens com elas. [...] Quando veio uma superiora de Santos ela fez uma limpa com as gurias, tirou todas as gurias que tinham 14 anos, e eu também tava nesse bolo. Aí eu fui morar com a minha mãe mesmo. [...] E sempre eu ia ao colégio, colégio Rui Barbosa, na Osvaldo Aranha. (CARMEN)

### 2.1.3 Diário de Campo: entrevista feita a Norma em sua residência

Norma nasceu em 20/12/1936, tem 78 anos e é solteira. Natural de Dom Pedrito, reside há 40 anos em Porto Alegre. Escolaridade: ensino médio incompleto. Profissão: funcionária pública aposentada (agente administrativo). Religião: católica não praticante.

Essa foi a terceira entrevista realizada sobre e com as negras velhas e constatei o quão diferentes são as histórias de vida e o que as une, além de serem negras e velhas: é uma resiliência e, ao mesmo tempo, uma força que, como elas dizem nas suas palavras: “vem de mim mesma”. Não foi ensinada.

Essas três mulheres entrevistadas, Marisa, Carmen e Norma, cada qual com as suas particularidades, ensinam formas, maneiras de viver singulares e um cuidado de si próprio.

A velhice é tratada de forma natural, sem nenhuma ruptura. Não assinalam o momento em que se reconheceram como velhas e, talvez, esse seja o maior saber: lidar continuamente com a vida, sem rupturas cronológicas configuradas pela sociedade moderna.

Essas mulheres não estão preocupadas com a finitude, estão saudáveis e querem viver mais. (SANTOS, Diário de Campo, 10 de julho de 2015).

A minha história desde pequena? Eu fui criada pelos meus avós. Aos quinze anos que eu fui saber que eu não tinha mãe. Eles me batiam muito.[...] os vizinhos cercaram a casa, deram parte e o juiz me tirou de lá. Aos 18 o juiz me tirou de lá e aí porque eles me bateram eu disse que eles não eram meus pais, que eu tinha descoberto. Porque quando eu era assim na base de 13, 14 anos eu via que me chamavam muito e eu ia olhar, falava, não tinha ninguém. Às vezes eu via uma pessoa na janela me olhando eu saía correndo para ir ali [...] não existia. Aí me falavam pra mim quando te chamarem tu diz que não quer ir. Até aí eu não sabia que eu não tinha mãe. Quando eu descobri, aí eu vi que era a minha mãe, né. Depois eles me judiavam muito. Eu tinha uma tia que era da mesma idade [...] quase a idade minha, um pouco mais moça. Ela tinha tudo que queria, eu não. Eu fui interna no colégio de freira, ela não. Ela tava no piano, eu não. Me botaram na costura, eu tinha pavor. Aquelas coisas assim, né, de te judiarem. Quando o juiz me tirou de lá, eu fui morar com um tio por parte de pai, perto. E naquele tempo a gente pedia benção e meu avô me negou. Mas tudo bem, nunca tive raiva dele, pra mim passou, passou né. [...] fui trabalhar numa casa, trabalhei 16 anos naquela casa, criei todos eles [...] acho que tinha uns 20 anos [...] criei os guris tudo. Eles me chamavam de mãe. Aí depois eu vim embora, mas eu ia sempre pra [...] visitar, ficava sempre parava nessa família. [...] vinha uma família que a gente sempre convivia, ia a bailes [...] vieram embora [...] aí eu vim embora pra Porto Alegre, [...] nesse meio tempo trabalhei em uma casa de família pra me equilibrar por um ano. Depois opereí o estômago. Fui pra casa dessa senhora pra me recuperar (no interior). Quando eu voltei fiz concurso e passei, e aí depois de cinco anos de estar nesse emprego público que eu engravidei. [...] A única filha que é tudo pra mim. (NORMA)

### 2.1.4 Diário de Campo: entrevista feita a Wilma em sua residência

Wilma nasceu em 19/12/1927, tem 86 anos e é viúva. Casou-se aos 19 anos de idade. Natural de Guaíba, desde os 3 anos de idade reside em Porto Alegre. Escolaridade: 4º ano primário. Profissão: do lar. Trabalhou na indústria por muito pouco tempo. Religião: primeiramente, respondeu católica, depois, africana praticante. Foi “filha de Maria” na Igreja Nossa Senhora de Lourdes.

Fui recebida com muito carinho e zelo na casa de Wilma. Ela me aguardava toda bonita, cabelos bem penteados, presos em um coque. A entrevista foi realizada na sala. Após o encerramento da entrevista, um belo café com os familiares.

Por duas horas e meia, viajei no tempo, em um passado tão interessante, tão vivo quanto distante. Era como se peças de um jogo, um quebra-cabeça, começasse a se formar, produzindo as imagens e os cenários que explicam e dão sentido às memórias, ao que é revelado e ao que é silenciado. A avó dela havia sido escrava e a mãe vivia como escrava. Ela relatou: “era quase como uma escrava. Não tinha instrução nenhuma. Eu sabia mais que ela.”.

Wilma tem uma vida boa. Comemorou os 25 anos de casada, bodas de prata, renovando os votos na igreja, ou seja, realizou uma nova cerimônia de casamento.

Eu me perguntei: teria sido a minha bisavó também escrava? Onde? Em que família? Minha mãe e minha irmã dizem que a bisavó materna não foi escrava. Teria nascido livre, pela Lei do Ventre Livre ou filha de escrava forra? Perguntas para as quais, no momento, não tenho respostas. (SANTOS, Diário de Campo, 27 de julho de 2015).

[...] com sete anos a gente ia pra escola primária, não lembro o nome [...]. Depois eu já achava que os livros iam sair caro eu mesma já me agarrei desisti no quarto ano desisti, que eu achei, agora vem a seleta, isso vai ser muito caro. Da seleta todo mundo falava [...] que dali já ia pro Instituto de Educação. [...] Aí ali eu já encerrei por minha conta (risos). Dali era a quarta para fazer a quinta, daí eu não fiz a quinta. [...] Não, não falei com os pais. Disse que dizia tudo. E a sua mãe não ficou brava. Não a mãe não tinha tanta instrução, criada assim, quase como escrava. E quer dizer, daí eu disse que era caro. Sabia que ela não ia falar nada. Se eu não vou ir pro Instituto, não vou tirar curso de professora, nem nada. Achei que já não precisava, então daqui já vou parar. Parar para arrumar serviço. Aí com quatorze anos eu fiquei em casa, fazendo uma coisinha ou outra. Ajudando em casa a cuidar dos sobrinhos que iam nascendo. Ajudando a minha mana. Sempre na lida da casa. Lavando, fazia de tudo para entrar um troco. Assim um serviço que ela não podia fazer. Se eu achava que a casa não tinha tanta cerimônia: lavar casa, limpar cozinha, eu ia. [...] Aí eu já tinha 9, 10 anos. [...] Eu ia ajudar a minha irmã em tudo de serviço doméstico, [...] pra ela poder estar às 3 horas em casa pra dar maminha, né, então, eu já

ia, saía, vinha em casa, almoçava e já me tocava até lá aonde ela estava [...]. Ajudar na cozinha, na limpeza lá, deixar em dia. E depois em casa um serviço e outro, fazendo, ajudando, cuidando os negos, ajudando a esquentar a comida pro cunhado quando ela não tava. Fazer companhia pra ela, pra minha irmã que ia assim nessas festas: aniversário, isso, aquilo. Lidar na copa, na cozinha. [...] Eu sou a filha mais nova. [...] Dos 9 aos 14 anos fiquei esperando a idade pra trabalhar. (WILMA)

### 2.1.5 Diário de Campo: entrevista feita a Vera em sua residência

Vera nasceu em 9/10/1942, tem 72 anos e é viúva. Natural de São Jerônimo, desde que se casou, em 1965, reside em Porto Alegre. Escolaridade: ginásio completo, equivalente hoje ao ensino médio. Religião: foi católica, mas deixou de praticar porque casou com um ateu.

Inicialmente, a entrevistada disse não ter nada para contar, não lembrar-se de nada. E, apesar de sermos amigas, me senti uma estranha, uma invasora. Ela disparou: “Nada a declarar”. Nesse momento, me distanciei e me desarmeí, disposta a ouvir o que ela se dispusesse a contar.

Continuei com as perguntas. Nesse momento, e em vários outros, até a entrevista fluir, percebi a importância de ter um roteiro como apoio para não me perder no turbilhão de pensamentos e sentimentos que me bombardearam, naquele curto espaço de tempo em que tive dúvidas se a entrevista iria de fato acontecer.

Em seguida, a entrevista fluiu e, após o seu fechamento, continuamos a conversar, como amigas, não mais estranhas; pelo contrário, ficamos mais íntimas, compartilhamos sonhos e medos. Descortinou-se, ali, um mundo de possibilidades e saberes até então não cogitados. A partir desse instante, os nossos discursos se cruzaram e, da mesma forma que o nosso pensamento, viajaram. Metaforicamente, comparei a vida a uma loja de balas. Antigamente, com poucos tipos para escolher, mas, atualmente, com vários tipos, o que faz com que fique difícil a escolha. E como saber qual a melhor opção? Para essa pergunta, tenho dois discursos: “não há como saber” ou “há como saber?”. (SANTOS, Diário de Campo, 28 de julho de 2015).

[...] O que tu achas que eu posso lembrar? [...] eu não tive infância (risos) [...] eu tive infância, claro que eu tive. [...] não sei o que eu posso dizer. [...] Eu tive uma infância tranquila, não tive nem altos, nem baixos. Não passei por nada que a maioria às vezes passa. Eu não tenho nada a declarar como dizem. [...] Colégio normal. [...] Três irmãos e eu. Sou a do meio: sanduíche. [...] Não teve aquela rivalidade também, eu ganhava todas (risos). Eu não tive uma adolescência brava, não, bem tranquilo. [...] Meu pai trabalhava [...] e viajava pra iniciar o serviço em algum outro lugar [...] a rotina pegava, não podia dizer que aquilo ali influenciou alguma coisa, não. A gente entendia, precisava de grana, tinha que buscar. [...] Não tinha nada de muito difícil na

minha vida. [...]. Minha mãe costurava, era alfaiate. [...] 13, 14 eu tava no ginásio. [...] Era normal, não tinha rivalidade nenhuma, nem pela parte de eu ser, não sei se eu era a única negra na sala de aula, mas não, foi tranquilo. Até perdi uma viagem porque imaginei: a única negra e vá que vão querer entrar em algum lugar e vão ser barrados (risos), mas não tinha, tu achas que eles iam fazer uma excursão sem saber qual o risco que eles iam correr, mas a minha cabeça tava a mil. Aí na última hora depois de estar com tudo pronto, tudo arrumadinho, eu disse não. Ficar em casa. [...] era pra Brasília. [...] Sou uma mulher viajada que não viajou (risos). [...] Era a viagem de formatura. (VERA).

### 2.1.6 Diário de Campo: entrevista feita a Petronilha em sua residência

Petronilha nasceu em 1942, tem 73 anos de idade e é solteira. Natural de Porto Alegre. Escolaridade: Doutora em Ciências Humanas, com Pós-Doutorado. Profissão: professora universitária aposentada. Religião: católica.

Minhas impressões foram muito boas. Vivencie, ali, o futuro! O futuro da comunidade negra e da humanidade, com oportunidades iguais e acesso aos bens materiais e culturais. Acesso ao capital material e cultural que permite e possibilita o crescimento e desenvolvimento de acordo com as nossas escolhas.

Ali, havia uma história com início, meio e fim, sobre a Colônia Africana que havia em Porto Alegre, no Bairro Rio Branco e nas suas imediações. Ficaram para trás algumas perguntas e uma série de considerações que fogem do objetivo desta pesquisa, mas que poderão nortear outras investigações, tão necessárias e importantes para mapearmos a história da comunidade negra em Porto Alegre. Ficou, também, um gostinho de saudade e quero mais, porque, pelas lembranças da Petronilha, eu visitei um passado coletivo. Uma memória coletiva de um passado que se inscreve no presente (pelas memórias) e ressuscita toda uma história não contada, não oficialmente contada, mas que pulsa e sobrevive, e insurge, apesar do silenciamento e sepultamento acerca da sua existência. (SANTOS, Diário de Campo, 4 de setembro de 2015).

Eu nasci aqui, neste lugar, meu umbigo está enterrado aqui. Eu sou do tempo que nascia em casa, com a parteira. [...] Claro que a casa não era essa. Esse terreno foi comprado pelos meus bisavós maternos no início do século XX, em plena Colônia Africana. Em 1905. Este bairro era chamado Colônia Africana. Em 1905 eles construíram a casa que ficou até 1994, um chalé, de madeira [...]. Eu nasci aqui, neste bairro que era conhecido como Colônia Africana, embora já tivesse o nome oficial de Rio Branco [...]. Eu nasci aqui, me criei aqui, fiquei adulta aqui. E a gente brincava muito. [...]. Os adultos ensinavam. Uma prima da minha mãe, depois que a minha avó faleceu, veio morar conosco, pra ajudar a me cuidar, que a minha mãe trabalhava. Então, com o pão dormido, pão que a gente já não ia comer, ela ensinava a gente a amassar bem o pão ficava como se fosse uma massinha, e aí a gente fazia bichinho [...] brincava muito na terra de fazer comidinha [...] e alguns vizinhos mais próximos brincavam com a gente. [...] e no verão a gente brincava na calçada. [...] Então a gente tinha brinquedo e imaginação. [...]. Felizmente a gente teve uma infância boa, sem agressões, a gente não tinha medo. E por

exemplo os adultos homens não eram vistos como perigo. Eles eram adultos e cuidavam também das crianças. [...] Outra coisa, a gente tinha muito livro. [...] A leitura era incentivada, mesmo pelas pessoas que tivessem pouco estudo. Eu tenho livros até hoje que foram dados por pessoas que tinham somente os primeiros anos do primário. E não era qualquer livro, então tinha esse cuidado. [...] A gente lia muito, quando era adolescente. Época de ginásio, a gente sempre ganhava um livro novo para ler nas férias [...]. A gente se divertia [...] e uma coisa que foi marcante foi o Natal. Eu me lembro que tinha os enfeites que eram da árvore de Natal da minha mãe e do meu tio [...]. Chegava a época do Natal tinha um estrado, tinha grama, tinha um laguinho, tinha bichinhos de pão [...] e quando a gente era menor os reis magos caminhavam e a primeira coisa que a gente fazia quando saía da cama era ver se os reis magos haviam caminhado até chegar o dia do Natal. [...] Toda santa noite, do dia de Natal até 06 de janeiro acendiam as velinhas [...] e vinham todas as crianças [...]. A gente cantava a “Noite Feliz”, apagava as velinhas e depois a gente comia, tinha assim gelatina, tinha doces [...]. (PETRONILHA)

## 2.2 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO DE CAMPO

O trabalho de campo é a coleta do material que constituirá o *corpus* da pesquisa. Então, é uma fase importante e crucial. É a partir do resultado dessa coleta de dados que a pesquisadora irá realizar as suas análises e conduzir o estudo conforme o referencial teórico escolhido.

Na primeira entrevista realizada, é tudo novo: manuseio do material (apresentação do termo de consentimento livre e esclarecido, dos objetivos da pesquisa, de como vai funcionar a entrevista, o manuseio do gravador e da câmera, o preenchimento do formulário com dados da entrevistada, enfim, uma parafernália necessária para se chegar à atividade fim, que é a realização da entrevista).

Isso tudo toma tempo e pode atrapalhar no início. Além disso, há o nervosismo relacionado às expectativas em relação ao material a ser coletado, para que nada importante se perca, uma vez que, se aqueles momentos não forem registrados, não poderão ser reproduzidos.

À medida que as entrevistas vão acontecendo, a pesquisadora vai se familiarizando e encontrando maneiras de realizar o processo de forma tranquila, com menos expectativas e mais trabalho, ou seja, preparando-se melhor para a entrevista, focando nos seus objetivos e no roteiro, enfim, empregando as técnicas aprendidas e se aperfeiçoando a cada encontro.

Mas, é claro que todo novo encontro gera uma turbulência de emoções que, muitas vezes, nem sabemos explicar. É um misto de alegria, tristeza, paz, angústia; contudo, o mais importante de tudo é estar na trajetória. O caminho começou a ser

percorrido, apesar de não se ter certeza de qual seria o desfecho dessa trajetória. Está no início da caminhada.

Logo após a realização de cada entrevista, precisei afastar-me das narrativas, porque elas me mobilizavam por demais, a ponto de me paralisarem. Eu precisava de um tempo para assimilá-las e revê-las. Cada mulher entrevistada deixou em mim alguma marca. Não há como passar por tantas recordações e narrativas sem envolvimento, sem sorriso e sem algum lamento. Especialmente por serem mulheres negras, minhas antecessoras. Elas podiam ser da minha família: minhas tias, minha mãe, minhas avós. E, de alguma forma, elas são familiares, têm um pouquinho de cada uma em mim agora. Elas me ajudaram a me constituir como mulher, como negra e, oxalá queira: como velha!

O referencial teórico escolhido foi o de “insurreição dos saberes dominados” de Michel Foucault (2008, p. 170). Esse referencial deu conta de algo que eu buscava nas teorias, mas que não encontrava: *compreender por que um saber é legitimado e outro não*. Por meio da obra de Foucault, aprendi que isso não é um processo natural, e sim histórico.

Assim, para realizar as análises do material coletado, fui à busca de teorias de Foucault que pudessem operacionalizar a análise e, ao mesmo tempo, realizar um aprofundamento nos estudos dessas teorias. Mas, em virtude do prazo para a conclusão do mestrado e da riqueza do material coletado, foi necessário definir um percurso, e o escolhido foi o de análise das narrativas por meio dos procedimentos que controlam a produção dos discursos, ou seja, busquei aliar a teoria desenvolvida por Foucault em sua obra “A ordem do discurso” (2013) ao *corpus* da minha pesquisa: os discursos das negras velhas.

Nos diários de campo, além das minhas impressões de cada encontro, registrei, também, vestígios de histórias que não foram narradas e as relações dessas histórias com as minhas questões, tais como: “a condição humana e os destinos ou as escolhas, quem decide? Somos nós? Ou as nossas escolhas são limitadas?”; “Minhas bisavós foram escravas ou nasceram livres pela Lei do Ventre Livre ou filhas de escravas forras?”; “Como saber qual o melhor caminho a seguir?” e “Sobre a Colônia Africana em Porto Alegre, quem irá contar essa história?” Então, pincelei, em meus registros, essas indagações.

Abaixo, é apresentado o Quadro com a síntese dos dados das entrevistadas.

**Quadro 1**

<b>SÍNTESE DOS DADOS DAS ENTREVISTADAS</b>					
<b>NOME</b>	<b>IDADE</b>	<b>Nº DE FILHOS</b>	<b>ESTADO CIVIL</b>	<b>ESCOLARIDADE</b>	<b>PROFISSÃO</b>
Marisa	76	1	Divorciada	Ensino médio completo	Atendente de nutrição (aposentada)
Norma	78	1	Solteira	Ensino médio incompleto	Agente administrativo estadual (aposentada)
Vera	72	3	Viúva	Ensino médio completo	Do lar (pensionista)
Wilma	81	3	Viúva	4º ano do primário	Do lar (pensionista)
Carmen	86	0	Solteira	Ensino médio completo	Agente administrativo municipal (aposentada)
Petronilha	73	0	Solteira	Doutorado em Ciências Humanas, com Pós-Doutorado	Professora universitária (aposentada)

### 2.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Nas análises, busquei os saberes produzidos nas relações de poder e suas associações: “com quais outros discursos eles se articulam?”; “Com quais discursos eles polemizam ou entram em conflito?”; “Quais as estratégias de adesão aos discursos e quais as estratégias de resistência?”; “Quais os mecanismos de subjetivação e quais as relações de poder que lhes permitiram dizer o que foi dito e do modo como foi dito?”.

Segundo Sandra dos Santos Andrade:

[...] os discursos, de modo geral, estão imbricados em relações de poder. Por meio dessas relações, produzem-se conhecimentos e saberes que determinados grupos buscam definir como verdadeiros, normais e hegemônicos. (ANDRADE, 2012, p. 177).

Na perspectiva na qual este trabalho se inspira, não há verdades absolutas. Não existe uma verdade a ser descoberta. O que existe são discursos que a sociedade aceita, autoriza e faz circular como verdadeiros (FOUCAULT, 2000, p. 23). Nessa perspectiva de investigação, compreende-se que os discursos possuem um caráter temporário, conforme o jogo de relações de uma determinada época.

Desse modo, as regras para a emergência de um objeto de saber e não de outro dependem dessas relações. Assim, o objeto “negras velhas” existe sob certas condições positivas: as discussões sobre gênero e raça, impulsionadas pelo feminismo negro; o envelhecimento como um fator humano; o contingente maior de mulheres negras na academia e, neste caso específico, as inquietações da pesquisadora, da mulher, da negra a caminho do lugar socialmente denominado “velhice”, que fazem emergir as “negras velhas” como objeto de saber.

[...] certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT *apud* AZEVEDO, 2013, p. 156).

Para a realização das análises, segundo Maria do Rosário Gregolin (2008), a produção do discurso é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por procedimentos que visam a determinar aquilo que pode ser dito em determinado momento histórico. Sobre isso, relata Foucault (2013, p. 8,9):

[...] suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2013, p. 8, 9).

Para a análise dos discursos das negras velhas e de suas relações com alguns discursos hegemônicos, nas temáticas do envelhecimento, do trabalho, da sexualidade e da religiosidade, o referencial teórico utilizado foi a obra “A Ordem do Discurso” de Michel Foucault (2013). Nessa obra, o autor desvenda as relações entre as práticas discursivas e os poderes que as permeiam, ao percorrer os diversos procedimentos que cerceiam e controlam os discursos na sociedade (SAMPAIO, 2013).

Assim, a análise inicia com a apresentação de alguns discursos hegemônicos na sociedade, relacionados às já referidas temáticas. Na sequência, serão apresentados os discursos das negras velhas sobre essas temáticas: os seus saberes.

Após, serão apresentadas as relações dos saberes das negras velhas com os discursos dominantes apresentados: “com quais discursos os saberes das negras velhas polemizam?”; “com quais discursos se articulam?”; “quais as estratégias de adesão?” e “quais as estratégias de resistência?”.

E, por fim, as considerações sobre os saberes, os discursos e as relações apresentados.

### 3 MULHERES NEGRAS: UMA QUESTÃO DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE

As negras velhas são mulheres do século XX, nascidas até 1955. Segundo Sueli Souza dos Santos:

[...] dar voz a essas mulheres, resgatar suas narrativas de vida [...] seu papel fundamental na construção da sociedade brasileira, assim como na educação afetiva das gerações que sucederam desde o período da escravatura e que acredito, forjaram nossa forma brasileira de ser. A capacidade de resiliência do povo negro, suas condições criativas no enfrentamento das adversidades, são elementos determinantes do caráter afetivo e criativo de nosso povo. [...] acompanharam as transformações das relações de trabalho, da institucionalização da liberdade de credo na primeira metade do século XX, e principalmente, as lutas pela liberação sexual depois dos anos 60, seguramente nos trará uma riqueza documental sobre uma geração que não tem sido pesquisada, as sexagenárias e pós- sexagenárias negras. (SANTOS, 2014, pp.1-2)<sup>4</sup>

Esta pesquisa está inserida na linha de pesquisa “Trabalho, Movimentos Sociais e Educação”, na temática “Educação e Envelhecimento”. Considero importante contextualizar o momento atual em que esse sujeito “mulher negra” se situa nas suas relações que envolvem gênero, raça, práticas sociais, educação e envelhecimento.

Para tanto, nesta seção será desenvolvida a compreensão do uso dos termos “raça” e “gênero” nesta pesquisa. É dedicada uma parte especial ao tema “racismo”, que acompanha a trajetória da população negra, seja homem, mulher, jovem, criança ou velho ao longo de sua existência, nas diversas práticas sociais. Uma vez que as mulheres entrevistadas estão na fase denominada velhice, essas têm um acumulado de experiências com o racismo, nas diversas fases e espaços de suas vidas, diferentes do momento atual, pois considero que ocorreram avanços no trato dessa questão que, antes, era silenciada e que, agora, ocupa espaço na mídia, na educação, no trabalho e na cultura.

O racismo foi, por muito tempo, considerado algo “natural”, e isso fez com que os acontecimentos que o envolvessem fossem ignorados, não causando qualquer desconforto para os que o propagavam nas diferentes práticas sociais.

Segundo Oliveira *et al.*:

---

<sup>4</sup> Comunicação pessoal à autora. Parecer de aprovação do projeto de pesquisa da mestranda em 19 de setembro de 2014.

As práticas sociais decorrem de e geram interações entre os indivíduos e entre eles e os ambientes, natural, social, cultural em que vivem. Desenvolvem-se no interior de grupos, de instituições, com o propósito de produzir bens, transmitir valores, significados, ensinar a viver e a controlar o viver, enfim, manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas. As práticas sociais se estendem em espaço/tempo construído por aqueles que delas participam seja compulsoriamente, seja por escolha política ou de outra natureza. Sua duração – permanência, desaparecimento, transformação – depende dos atores que as constroem, desenvolvem, mantêm ou suprimem; bem como dos objetivos que com elas se quer atingir e do momento histórico. Os atores são participantes das relações sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, políticas e históricas, o que permite que se apropriem dos valores e comportamentos de seu tempo e lugar, **lutando pela sua existência**. Não são, portanto, essas pessoas, meros receptáculos das situações que ocorrem na sociedade na qual vivem (OLIVEIRA *et al*, 2009, p. 4, grifos meus).

As práticas sociais trazidas neste estudo são as que envolvem segmentos diversos, com público também diverso, ou seja, espaços em que há pessoas de todas as raças, classes e idades, de modo que o fato apresentado possa retratar, de uma maneira objetiva e prática, as situações em que os indivíduos negros (pretos e pardos) se deparam com o racismo, e quão diferentes esses espaços se constituem, ratificando que o racismo subalterniza outras questões como as de gênero e classe social. Daí a importância dessa temática sempre que se fala de população negra, pois o racismo permeia todas as relações na nossa sociedade, e os seus efeitos estão por toda a parte.

### 3.1 EMPREGO DOS TERMOS “RAÇA” E “GÊNERO” NESTE ESTUDO

Atualmente, o termo “raça” tem significados diferentes conforme as diversas áreas do conhecimento, desde a biologia até as ciências sociais. Esse termo tem sido alvo tanto de discursos racistas como de discursos que lutam contra o racismo. Desse modo, é importante destacar o emprego desse termo nesta investigação.

O termo raça humana, segundo Paixão e Carvano (2008) vem sendo percebido sob dois vetores principais. Por um lado, ele persiste fundamentado na continuidade de ideologias racistas em suas diversas formas de manifestação, mais ou menos ostensivas, intolerantes e agressivas, reconhecendo e discriminando – por minuciosos critérios de aparência e origem – cada vestígio de ascendência não europeia. Esses critérios acabam sendo decisivos nas trajetórias pessoais e profissionais de cada pessoa, seja ampliando (no caso dos parecidos com o tipo físico predominante e/ou portadores dos valores culturais semelhantes ao hegemônico), seja reduzindo (no caso dos discrepantes dos

tipos físicos predominantes e/ou dos portadores dos valores culturais dessemelhantes ao hegemônico) suas respectivas chances de mobilidade social.

Outra via que se propõe nesta pesquisa é a persistência de “raça” decorrente da perspectiva do movimento negro, que entende que esse termo corresponde a um resgate positivo da trajetória histórica e cultural de seus ancestrais, em prol de mudanças de padrões estéticos e simbólicos, favorecendo sua ação coletiva em defesa da integridade física, legal e/ou territorial pela adoção de medidas de promoção da qualidade de vida da população negra.

Em suma, trata-se da recriação de uma perspectiva de pensamento racializada, porém, visando à promoção do seu contrário, ou seja, ao combate ao racismo e às suas consequências deletérias.

De acordo com Sueli Carneiro (2003), o movimento de mulheres do Brasil é um dos mais respeitados do mundo e uma referência fundamental em certos temas do interesse das mulheres no plano internacional. Porém, em conformidade com outros movimentos sociais progressistas da sociedade brasileira, o feminismo esteve, por muito tempo, preso à visão eurocêntrica e universalizante das mulheres, o que o impossibilitou de reconhecer as diferenças e desigualdades presentes no universo feminino além do gênero. De acordo com Louro (1992, p. 57):

Gênero, bem como a classe, não é uma categoria pronta e estática. Ainda que sejam de naturezas diferentes e tenham especificidade própria, ambas as categorias partilham das características de serem dinâmicas, de serem construídas e passíveis de transformação. Gênero e classe não são também elementos impostos unilateralmente pela sociedade, mas com referência a ambos supõe-se que os sujeitos sejam ativos e ao mesmo tempo determinados, recebendo e respondendo às determinações e contradições sociais. Daí advém a importância de se entender o fazer-se homem ou mulher como um processo e não como um dado resolvido no nascimento. O masculino e o feminino são construídos através de prática sociais masculinizantes ou feminizantes, em consonância com as concepções de cada sociedade. Integra essa concepção a ideia de que homens e mulheres constroem-se num processo de relação. (LOURO, 1992, p.57).

Desse modo, as vozes silenciadas e os corpos estigmatizados de mulheres vítimas de outras formas de opressão continuaram no silêncio e na invisibilidade. Sobre isso, afirma Joana Maria Pedro:

Mulheres negras, índias, mestiças, pobres, trabalhadoras, muitas delas feministas, reivindicaram uma "diferença" – dentro da diferença. Ou seja, a categoria "mulher", que constituía uma identidade diferenciada da de "homem", não era suficiente para explicá-las. Elas não consideravam que as

reivindicações as incluíam. Não consideravam, [...], que o trabalho fora do lar, a carreira, seria uma "libertação". Estas mulheres há muito trabalhavam dentro e fora do lar. O trabalho fora do lar era para elas, apenas, uma fadiga a mais. Além disso, argumentavam, o trabalho "mal remunerado" que muitas mulheres brancas de camadas médias reivindicavam como forma de satisfação pessoal, poderia ser o emprego que faltava para seus filhos, maridos e pais. (PEDRO, 2005, p. 82).

Assim, verifica-se que o racismo subalterniza as questões de gênero em relação às mulheres negras e, também, em relação aos homens negros, que detêm prestígio inferior ao das mulheres brancas, ou seja, não usufruem dos mesmos privilégios que os homens brancos e estão, na maioria dos indicadores sociais, abaixo das mulheres brancas.

Diante disso, constata-se que o racismo vem impedindo a mobilidade social das mulheres negras e dos homens negros. Para adentrar em uma situação em que as questões de gênero possam ser analisadas, desconsiderando a questão racial, é necessário que se atinja uma igualdade nos privilégios entre homens brancos e homens negros e uma desigualdade entre as mulheres negras em relação aos homens brancos, igual à desigualdade entre as mulheres brancas em relação aos homens brancos. Mas, esse não é o cenário que se tem sobre igualdade no gênero masculino (homens brancos e homens negros) e muito menos sobre igualdade no gênero feminino (mulheres brancas e mulheres negras).

Segundo Sueli Carneiro:

[...] o protagonismo político das mulheres negras tem se constituído em força motriz para determinar as mudanças nas concepções e o reposicionamento político feminista no Brasil, promovendo o reconhecimento da falácia da visão universalizante de mulher e a opressão que a branquitude, como padrão estético privilegiado e hegemônico, exerce sobre as mulheres não brancas. (CARNEIRO, 2003, p. 126).

Assim, diante dos fatos colocados, que demonstram o quanto o racismo ainda impede o crescimento, o desenvolvimento e a equidade entre brancos e negros, e impacta no cotidiano das pessoas, faz-se necessário contextualizar a situação atual da mulher negra na educação, na mídia, no trabalho, enfim, nas práticas sociais e nos espaços onde a sociedade se movimenta e ensina os modos de ser e de se ver, bem como os efeitos do racismo nessas relações.

## 3.2 RACISMO

Não é possível falar ou escrever sobre mulheres negras e velhas sem falar de racismo. Pois o racismo, no Brasil, acompanha as mulheres negras durante toda a sua vida. Na fase infantil, na adolescência, na fase adulta e na velhice. A cor não tem idade e, em que pesem os avanços, os efeitos de ter uma cor de pele mais escura ou mais clara, ainda, faz toda a diferença no Brasil.

Desse modo, as mulheres negras e velhas entrevistadas possuem referenciais históricos sobre a sua condição racial e os efeitos do racismo. Elas são da segunda geração após a abolição da escravidão, ou seja, possuem experiências com o racismo bem presentes e podem fornecer dados importantes sobre suas estratégias de resistência, suas memórias das lutas e de seus embates para a sobrevivência.

Suas narrativas, também, se constituem em evidências do quanto se avançou nessa questão e de que a caminhada rumo a uma sociedade mais justa já iniciou.

### 3.2.1 Avanços nas políticas sociais

O Brasil avançou em relação ao reconhecimento das diferenças, do preconceito racial (racismo) e de suas consequências: violência e discriminação. Uma das evidências desse avanço, por exemplo, é o fato de estar em pauta a questão racial na agenda das políticas sociais. De acordo com Edward E. Telles:

Essa nova fase se reflete no reconhecimento da existência de racismo no Brasil e nas tentativas do governo de reparar essa situação. A questão racial no Brasil foi colocada no centro da agenda das políticas sociais. Como resultado, tem crescido vertiginosamente o interesse do público pelo assunto. Pela primeira vez na história brasileira, políticas sociais começam a promover explicitamente a integração de negros e mulatos. Tais políticas não buscam simplesmente eliminar ou aliviar a pobreza material, mas também se propõem a eliminar ou reduzir as discriminações por classe, raça, gênero ou de outros tipos que impeçam o acesso dos cidadãos à justiça social. Isso inclui tanto políticas universalistas aplicáveis a toda a população ou aos pobres, como também políticas mais específicas de combate à discriminação e promoção de categorias de pessoas que tradicionalmente são excluídas com base em características particulares, como a raça. O desenvolvimento de tais políticas varia amplamente, mas, juntas, elas procuram tratar de uma vasta gama de exclusões sociais que se manifestam econômica, psicológica, política e culturalmente [...]. (TELLES, 2004, p. 19).

Esse avanço também se evidencia na existência de um Ministério para tratar das políticas para a igualdade racial, o Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos.

### 3.2.2 Avanços nas práticas sociais

Outra evidência do avanço em relação ao reconhecimento das diferenças, do preconceito racial e de suas consequências foi a repercussão das manifestações racistas de parte da torcida do *Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense*, que ofenderam o goleiro Aranha que defende o *Santos Futebol Clube*. Esse tipo de ofensa nos estádios de futebol gaúchos não é novidade, tanto que, ao ser trazido o fato à tona, vários jornalistas do segmento futebolístico minimizaram, naturalizando o ocorrido como parte da cultura do futebol. O avanço nesse episódio foi o não silenciamento por parte da vítima do ocorrido, ou seja, o que antes era tido como uma “cultura do futebol”, agora não é mais. Segundo Munanga:

[...] estamos num país onde certas coisas graves e importantes se praticam sem discurso, em silêncio, para não chamar a atenção e não desencadear um processo de conscientização, ao contrário do que aconteceu nos países de racismo aberto. O silêncio, o implícito, a sutileza, o velado, o paternalismo, são alguns aspectos dessa ideologia. O racismo brasileiro na sua estratégia age sem demonstrar a sua rigidez, não aparece à luz: é ambíguo, meloso, pegajoso, mas altamente eficiente em seus objetivos. (MUNANGA, 1996, p. 214-215).

A vítima, ciente dos seus direitos e de que o racismo é crime no Brasil, valeu-se não somente dos instrumentos jurídicos, mas também se posicionou durante a partida, manifestando o seu descontentamento com a situação.

Essa reação gerou uma série de outras manifestações, colocando o racismo, o preconceito racial e suas consequências na pauta da mídia em geral, em todo o País, estimulando o debate na sociedade. Essas ações estimulam outras pessoas vítimas do racismo a buscarem os seus direitos e, ao mesmo tempo, têm um poder educativo.

Além desse fato, teve-se, também no Rio Grande do Sul, o tradicional concurso *Garota Verão 2015*, que já anunciava nas suas chamadas de divulgação uma abertura para a diferença, com três modelos: uma negra e duas brancas (uma loira e uma morena). Ressalte-se que, nas chamadas dos anos anteriores, a modelo sempre era branca e loira. E, pela primeira vez, na sua 32ª edição, teve a primeira vencedora negra,

Gabrielle Martins. Nesse mesmo concurso, em uma das seletivas, a participante Vanessa ficou conhecida nas redes sociais por concorrer, mesmo estando com o peso acima dos padrões ostentados nos concursos de beleza.

Esses dois fatos, em um estado conhecido por ter os padrões de vida e beleza europeus e por ter como suas representantes Xuxa<sup>5</sup> e Gisele Bündchen<sup>6</sup> foram um avanço considerável e, oxalá,<sup>7</sup> que isso possa se evidenciar também nos certames de beleza no interior do estado, como Rainha da Festa da Uva e outras similares.

Já os avanços na educação, para a população negra, se efetivam a partir da implementação da Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-brasileira na educação básica, rompendo com um tipo de postura pedagógica que não reconhece as diferenças resultantes do nosso processo de formação nacional. Em conformidade com Silvério e Sousa, tem-se que:

[...] os questionamentos transitam desde a imagem retratada nos livros didáticos, passando pelos termos pejorativos presentes nos textos, chegando aos conteúdos ministrados nos cursos de formação de professores e, de forma mais ampla, se dirigem à exigência de uma mudança radical na estrutura curricular dos cursos em todos os níveis, modalidades de etapas do ensino que desconsiderem ou simplesmente omitem a participação africana e afro-brasileira na construção do conhecimento em diferentes áreas das ciências. (SILVÉRIO; SOUZA, 2010, p. 112).

Outro avanço no reconhecimento da diferença na educação foi a implantação do sistema de cotas, um tipo de ação afirmativa que, segundo o jurista Joaquim Barbosa Gomes, pode ser definida como:

[...] um conjunto de políticas públicas e privadas de caráter compulsório, facultativo e voluntário, concebidas com vista ao combate à discriminação racial, de gênero, por deficiência física e de origem nacional, bem como para corrigir ou mitigar os efeitos presentes da discriminação praticada no passado, tendo por objetivo a concretização do ideal de efetiva igualdade de acesso a bens fundamentais como educação e o emprego. (GOMES, 2012, p. 53).

---

<sup>5</sup> Maria da Graça "Xuxa" Meneghel é uma apresentadora de televisão, cantora pop infantil, atriz, modelo e empresária brasileira. Duas vezes vencedora do Grammy Latino de melhor álbum infantil, é conhecida também pelo epíteto de Rainha dos Baixinhos.

<sup>6</sup> Gisele Caroline Bündchen é modelo, atriz, filantropa e empresária brasileira. Em 2000, Bündchen foi considerada pela revista *Rolling Stone* a modelo mais bonita do mundo e, entre 2004 e 2010, pela revista *Forbes*, a mais bem paga.

<sup>7</sup> Oxalá é uma palavra da língua portuguesa utilizada como interjeição para expressar o desejo que algo aconteça. É sinônimo de "tomara" ou "queira Deus".

Em matéria da *Revista Isto É*: “Por que as cotas raciais deram certo no Brasil!” (abril/2013), observam-se os ganhos quantitativos e qualitativos dessa ação afirmativa no País:

[...] o sistema de cotas para negros carece de estudos que reúnam dados gerais do conjunto de universidades brasileiras. Mesmo analisados separadamente, eles trazem respostas extraordinárias. É de se imaginar que os alunos oriundos de colégios privados tenham, na universidade, desempenho muito acima de seus pares cotistas. Afinal, eles tiveram uma educação exemplar, amparada em mensalidades que custam pequenas fortunas. Mas a esperada superioridade estudantil dos não cotistas está longe de ser verdade. A Uerj analisou as notas de seus alunos durante 5 anos. Os negros tiraram, em média, 6,41. Já os não cotistas marcaram 6,37 pontos. Caso isolado? De jeito nenhum. Na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que também é referência no País, uma pesquisa demonstrou que, em 33 dos 64 cursos analisados, os alunos que ingressaram na universidade por meio de um sistema parecido com as cotas tiveram performance melhor do que os não beneficiados. E ninguém está falando aqui de disciplinas sem prestígio. Em engenharia de computação, uma das novas fronteiras do mercado de trabalho, os estudantes negros, pobres e que frequentaram escolas públicas tiraram, no terceiro semestre, média de 6,8, contra 6,1 dos demais. Em física, um bicho de sete cabeças para a maioria das pessoas, o primeiro grupo cravou 5,4 pontos, mais dos que os 4,1 dos outros (o que dá uma diferença espantosa de 32%). [...] um relatório interno, a Unicamp avaliou que seu programa para pobres e negros resultou em um bônus inesperado. “Além de promover a inclusão social e étnica, obtivemos um ganho acadêmico”, diz o texto. (*Revista Isto É*, 10/abril/2013, ano 37, nº 2264, p. 54).<sup>8</sup>

No que diz respeito aos avanços no trabalho, desde o dia 10 de junho de 2014 está em vigor a Lei nº 12.990/2014, que destina um quinto das vagas de concursos públicos para negros e pardos, nos concursos em âmbito federal e para os cargos ligados ao Poder Executivo. Estão excluídos, portanto, os certames municipais e estaduais, bem como os relacionados aos poderes Legislativo e Judiciário. O Senado é a única exceção, tendo instituído a reserva de 20% das vagas para negros e pardos em seus concursos e contratos de terceirização.

O texto define reserva de 20% das vagas em concursos para administração pública federal direta e indireta, autarquias, agências reguladoras, fundações públicas, empresas públicas e sociedades de economia mista, controladas pela União. Podem concorrer às vagas da cota racial todos os que se declararem pretos ou pardos no ato da inscrição no concurso, conforme os critérios do IBGE.

Pelo menos quatro estados já possuíam leis que reservam cotas de vagas para candidatos negros: Paraná, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. No

---

8

Rio Grande do Sul, a lei prevê a reserva de 15% das vagas para negros, pardos e indígenas em todos os concursos da administração pública direta e indireta de todos os poderes do Estado. No Paraná, são 10% para negros; no Mato Grosso do Sul, 10% para negros e 3% para índios e, no Rio de Janeiro, 20% para negros e índios.

Essa lei é de suma importância para a população negra que, de modo geral, enfrenta no mercado de trabalho o racismo como principal empecilho para a sua mobilidade e ascensão social, o que faz com que, entre dois candidatos com a mesma qualificação, o candidato negro seja preterido pelo candidato branco. E, mesmo que o candidato negro apresente mais qualificação, anos de estudo e investimento na carreira, ainda assim ele é preterido por um candidato branco menos qualificado e com menores investimentos em sua formação.

Nos meios de comunicação, destaca-se a televisão, por ser uma das mídias de maior alcance para todas as classes sociais do País e por seu poder de influência na subjetivação dos sujeitos, ditando, além de moda, os costumes, o que pode e o que não pode e quem pode e quem não pode.

Segundo Almeida (2003), a televisão é um dos temas mais estudados pelos pesquisadores interessados em compreender a realidade brasileira contemporânea, *status* conquistado pela condição de essa mídia estar mais presente do que a geladeira e o rádio nos domicílios urbanos do Brasil, com o índice de 93,2%.

Na televisão, a maior emissora do país e a quarta do mundo, a Rede Globo, tem realizado a inserção gradativa nos seus diversos produtos midiáticos de diversos profissionais negros. Homens e mulheres negros como protagonistas em novelas, seriados e programas de entretenimento. Um exemplo é o programa *Esquenta*, em que há um protagonismo negro entre os seus colaboradores permanentes (quatro sambistas e uma blogueira negra) e um elenco coadjuvante com um número significativo de negros e negras entre adultos, jovens e crianças. Esse programa foi alvo de críticas por alguns colonistas, que o acusaram de ser racista (por reforçar os estereótipos negros) e estar apresentando “mais do mesmo”.

De acordo com Hall:

[...] reconheço que os espaços “ganhos” para a diferença são poucos e dispersos, meticulosamente policiados e regulados. Eu acredito que sejam limitados. Sei, às minhas próprias custas, que eles são absurdamente subfinanciados, que existe sempre um preço de incorporação a ser pago quando a ponta de lança da diferença e da transgressão é desviada para a espetacularização. Eu sei que o que substitui a invisibilidade é um tipo de

visibilidade segregada que é cuidadosamente regulada. Mas simplesmente apelidá-la de “o mesmo” não adianta. Depreciá-la desse modo reflete meramente o modelo específico de políticas culturais ao qual continuamos apegados, precisamente um jogo de inversão – nosso modelo substituindo o modelo deles, nossas identidades em lugar das suas [...]. Embora os negros e as tradições e comunidades negras apareçam e sejam representadas na cultura popular sob a forma de deformados, incorporados e inautênticos, continuamos a ver nessas figuras e repertórios, aos quais a cultura popular recorre, as experiências que ficam por trás deles [...] a cultura negra popular tem permitido trazer à tona, dentro de modos mistos e contraditórios, até da cultura popular mais comercial, os elementos de um discurso que é diferente – outras formas de vida, outras tradições de representações. (HALL, 2003, p. 5-8).

Nesta dissertação, são apresentados alguns dos avanços nas representações e espaços ocupados pelos negros na sociedade brasileira, em especial na televisão. Esta pesquisadora está de acordo com Hall (2003) quando o autor afirma que os espaços “ganhos” não são necessariamente os mais adequados. Contudo, acredita-se que mesmo os negros ricos recebem tratamento diferente dos brancos ricos pelas redes de poder, já que a manifestação do racismo independe de classe social, econômica, financeira ou cultural.

Há registros de racismo sofrido por professores negros em universidades brasileiras<sup>9</sup>. A questão é a cor da pele. Há preconceito de classe? Sim. Mas o racismo subalterniza o preconceito de classe. É muito provável que um negro, mesmo rico, não seja tão bem tratado quanto um branco, mesmo pobre.

Recentemente, no telejornal de maior audiência do País, o *Jornal Nacional*, a “moça do tempo”, a jornalista negra Maria Júlia Coutinho, que tem sido aclamada nas redes sociais por sua elegância e profissionalismo, foi vítima de uma manifestação racista programada nas redes sociais, que foi prontamente rechaçada por milhares de internautas e pela própria emissora. Com ações institucionais de solicitação de investigação pela Polícia Federal e Ministério Público, a jornalista contou com o apoio dos colegas da mídia em geral, com notas de repúdio e manifestações de apoio.

Além dessa emissora, observam-se outras em que há uma maior inserção dos negros, tanto em canais abertos quanto fechados, com produtos direcionados a públicos diversos. São exemplos a Rede Brasil, no programa *Espelho*, apresentado por Lázaro Ramos, ator negro, protagonista de diversas produções na televisão e no cinema; a

---

<sup>9</sup> <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/07/1661225-e-uma-cicatriz-que-incomoda-diz-professor-alvo-de-racismo-em-universidade.shtml>

<http://www.geledes.org.br/professor-universitario-e-pesquisador-ipea-sofre-perseguido-racista-e-e-presos-por-policiais-civis-distrito-federal/>

TVE-RS, com o programa *Nação*, que apresenta reportagens, documentários e debates sobre a cultura popular negra, suas conquistas e lutas na sociedade; a novela angolana *Windeck* e o *reality show* de *funkeiras* brasileiras, *Lucky Ladies Brasil*, no canal fechado Fox Life.

A despeito dessas mudanças, presencia-se, gradativamente, a presença de mulheres negras em espaços outros que não somente os de subserviência, como a empregada doméstica, ou em categorias específicas, como a mulata. Essa mudança reflete, igualmente, mudanças radicais na situação da mulher negra brasileira, que não mais está ocupando apenas posições subalternas.

Segundo Sueli Carneiro (2003), embora proceda, sob certos aspectos, essa afirmativa possui uma conotação capciosa e perversa, que encobre as manobras de padrão já estabelecidas pela mídia e que são encobertas por uma possível correlação com a realidade, pois, como nos alude João Pissarra Esteves (1999), torna-se preciso repensar o papel da mídia na construção de identidades, uma vez que fazemos parte de uma sociedade midiática e consumista.

De acordo com Kellner:

Há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões, políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade. O rádio, a televisão, o cinema e os outros produtos da indústria cultural fornecem os modelos daquilo que significa ser homem ou mulher, bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou impotente. A cultura da mídia também oferece o material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade; de “nós” e “eles”. (KELLNER, 2001, p. 9).

Estar atento à qual identidade negra a televisão brasileira está construindo e propagando por meio de seus programas é papel de todo cidadão comprometido com a justiça social. E, mais do que isso, é importante ter consciência de que há um caminho a ser trilhado, e que as concessões públicas de televisão, realizadas pelo Governo, são financiadas pelos grandes donos de capitais no mundo que são, predominantemente, brancos, especialmente no ocidente e no sistema capitalista.

Assim, diante dessa complexidade que envolve a mídia, espera-se que a mulher negra seja representada levando-se em conta o espectro de funções e habilidades que ela pode exercer, mesmo em condições econômicas adversas. Conforme Viviane dos Santos Gomes:

É importante que o negro também seja representado nas classes sociais de mais *status* e de mais recursos financeiros, pois, mesmo em menor proporção, muitos participam delas. Além disso, ao mostrar personagens negras das periferias exercendo profissões consideradas marginalizadas, o que de fato ocorre com a maioria, é importante que isso seja feito conferindo-lhes dignidade, mostrando essas personagens a enfrentar problemas de ordem pessoal, financeira e social com otimismo, determinação, trabalho e alegria. (GOMES, 2010, p. 122-123).

Acredita-se que seja importante essa contextualização da situação da representação da mulher negra na sociedade, que reflete, ainda, os ideais hegemônicos (homem, branco, heterossexual e jovem), que não valorizam a herança africana, motivo pelo qual a identidade da mulher negra ainda está em construção. Porque, apesar de ser uma maioria quantitativa, a mulher negra continua como minoria no poder, na representatividade, nas universidades, nos empregos formais de maior salário e qualificação, nos melhores restaurantes, nos melhores bairros. Enfim, de tudo o que há de melhor no País, há poucas ou nenhuma mulher negra usufruindo.

Mas, nos piores empregos, nos bairros mais carentes, no sistema prisional, enfim, em todos os espaços de menor prestígio, elas estão em maioria numérica, porque esse é o legado que o racismo nos oferece diariamente e isso explica o porquê da negação pelos próprios mestiços de sua herança africana e da rejeição por parte das negras e dos negros (crianças, jovens, adultos e velhos) da sua negritude.

De acordo com Gonzalez:

O lugar natural do grupo branco dominante são moradias saudáveis, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes formas de policiamento que vão desde os feitores, capitães do mato, capangas, etc., até a polícia formalmente constituída. Desde a casa grande e do sobrado até os belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido o mesmo. Já o lugar natural no negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, invasões, alagados e conjuntos “habitaçãois” [...] dos dias de hoje, o critério tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço (GONZALEZ, 1982, p. 15).

Portanto, é mais fácil não ser negro no Brasil, pois a herança negra no País, ainda, não é valorizada. As negras têm que “matar um leão por dia” na maioria dos espaços que ocupam, porque há desconfiança dos brancos e dos próprios negros acerca da sua capacidade em ocupar os lugares e as posições para as quais são qualificadas. Em que pese que se tenha estudado nas mesmas escolas e universidades.

A cor de pele, o cabelo, enfim, os traços fenotípicos “falam”, ou melhor, “gritam” mais alto do que as suas competências. Há inúmeros relatos de pessoas negras

qualificadas que foram preteridas por serem negras. Essa é a nossa realidade e negá-la não ajuda em nada. Pelo contrário, deve-se conversar sobre isso: entre os negros, em nossas famílias, com amigos e com toda a sociedade, em especial, nos espaços educativos.

E, uma vez que a mídia se constitui em um espaço educativo que tem um poder de subjetivação dos sujeitos, ela não pode deixar de ser mencionada quando se fala de racismo, em especial a televisão, que está presente em mais de 90% dos domicílios brasileiros. Por isso, talvez, ainda seja a mídia mais dominante no País, influenciando desde a política até os comportamentos, ou seja, exercendo um poder de subjetivação que vai do coletivo ao individual e do individual ao coletivo.

Desse modo, verifica-se que existem avanços importantes na temática do racismo, mas ainda persiste uma situação de precariedade para a maioria das mulheres negras, que implicam as condições e oportunidades de trabalho, bem como a forma como a sociedade enxerga e (des)valoriza esse sujeito. Assim, em que pese os avanços há muito ainda o que fazer para que esse sujeito, mulher negra, alcance uma situação de equidade na sociedade, independentemente da faixa etária em que estiver.

### 3.3 SIGNIFICADOS E DIFERENÇAS ENTRE “NEGRA VELHA”, “NEGA VEIA”, “PRETA VELHA”, “IDOSO”, “VELHO” E “TERCEIRA IDADE”

Conforme Schwarcz (1987), em fins do século XIX os termos “negro” e “preto” eram usados em contextos bem distintos: negro era aplicado aos insubmissos, capoeiras e quilombolas e àqueles que se recusavam à dominação branca e à adesão ao ideal de brancura imposto pela brasilidade; enquanto preto era reservado aos escravos e alforriados submissos, que se contentavam com a posição subalterna e se esforçavam para cruzar as portas do “mundo dos brancos”, a despeito das consequências apontadas por Fernandes (1972).

O termo “velho”, no Brasil, segundo Clarice Peixoto (2000), apresenta uma enorme ambiguidade por ser um modo de expressão afetivo ou pejorativo, cujo emprego se distingue pela entonação ou pelo contexto em que é utilizado. Segundo ela, o termo “velho” carrega um aspecto pejorativo, pois estaria associado historicamente a pessoas que não podem assegurar seu sustento, estando desprovidas de *status social*. Os documentos oficiais publicados antes dos anos 1960 denominavam “velhas” as pessoas pertencentes à faixa etária de 60 anos. Somente no final da década que certos

documentos oficiais e a maioria das análises sobre a velhice começaram a utilizar o termo “idoso”.

Já a denominação “terceira idade” é uma construção das sociedades contemporâneas e vem sendo empregada por acreditar-se que é isenta de conotações depreciativas e, como destacou Debert (1999), para atender aos interesses de um mercado de consumo emergente. Refere-se, em geral, àqueles que ainda não atingiram a velhice mais “avançada”, estão na faixa dos 55 aos 70 anos de idade e inclui, fundamentalmente, indivíduos que ainda têm boa saúde e tempo livre para o lazer e para novas experiências nessa etapa da vida.

Sendo assim, a denominação “negra velha” possui outra conotação, de marcador social e econômico e, geralmente, é utilizada de forma injuriosa, com sentido de ofensa e desqualificação dupla, ou seja: “além de negra, é velha!”

[...] Defensor público é condenado a indenizar faxineira por chamá-la de "negra, preta e pobre" As ofensas aconteceram em 2008 na garagem do prédio onde ele morava e ela trabalhava [...] <sup>10</sup>.

[...] “Preta imunda”, cantam alunos em hino na faculdade de medicina da USP. Para justificar o racismo da canção, entoada pela bateria do curso, os uspianos argumentam: “Nosso mestre de bateria é negro”. Além disso, os estudantes afirmam, em sua defesa, que a música é antiga “o racismo e preconceito eram comportamentos corriqueiros” [...] <sup>11</sup>.

A expressão “nega veia”, muito utilizada no Rio Grande do Sul, é utilizada para mulheres, de qualquer raça e faixa etária, que exercem algum tipo de autoridade sobre um sujeito e/ou grupo em que está inserida (mãe, avó, esposa), denotando, também, uma relação afetiva, de respeito e consideração <sup>12</sup> – “hoje vou sair para jantar com a nega veia”; “vou telefonar para a minha nega veia”.

Já a expressão “pretas-velhas” é mais utilizada para denominar entidades da cultura religiosa afro-brasileira, em especial, a Umbanda. <sup>13</sup>

<sup>10</sup> <http://racismoambiental.net.br/2012/09/12/defensor-publico-e-condenado-a-indenizar-faxineira-por-chama-la-de-negra-preta-e-pobre/>.

<sup>11</sup> <http://www.geledes.org.br/preta-imunda-cantam-alunos-em-hino-na-faculdade-de-medicina-da-usp/#axzz3WppM2Z58>

<sup>12</sup> <http://www.dicionarioinformal.com.br/nega-v%C3%A9ia/>

<sup>13</sup> Umbanda é uma religião inserida na religiosidade cultural brasileira. A Umbanda é estruturada, moralmente, em três princípios: *fraternidade, caridade e respeito ao próximo*. Suas origens são remotas, vindo do berço de nossa civilização, talvez até de civilizações mais antigas, ainda desconhecidas pelo homem. A Umbanda, como a conhecemos agora, nasceu neste século, no dia 15 de novembro de 1908, através do médium Zélio Fernandino de Moraes e foi estruturada livre de práticas e mitologias passadas.

As “negras velhas”, para os não negros, conforme sua classe social, poderão estar associadas às suas babás, empregadas domésticas, cozinheiras e faxineiras, em razão da hierarquização racial existente no Brasil que impõe às mulheres negras (pretas e pardas) posições subalternas. Conforme Sônia Maria dos Santos Marques:

Refletíamos sobre os mecanismos sociais que teriam acarretado o congelamento dos sonhos da mulher quilombola, evidenciando a percepção de que a escola não era o espaço em que ela pudesse viver, tornando-se professora. Estava-lhe reservado o papel de encenar, fingir, simular a função docente? Poderíamos buscar uma infinidade de interpretações para esse depoimento. A escolha voltou-se para compreender a escola e as representações presentes no seu interior e que, de alguma forma, organizam e constroem a vida dos sujeitos, determinando espaços privilegiados para pessoas e diferentes grupos sociais. Acreditávamos que aquela noção era esclarecedora porque demonstrava como as representações e os papéis sociais atribuídos aos sujeitos podem significar vantagens, desvantagens, ganhando concretude no cotidiano das pessoas e dos grupos sociais. (MARQUES, 2007, p. 19).

De acordo com Gomes (2003), os elementos descritivos do corpo, do cabelo, da cor da pele, do nariz e da boca e a presença da vagina ou do pênis, quando são significados pela cultura, tornam-se marcas de raça, gênero, etnia, classe e nacionalidade. As marcas são distintivas e constitutivas do poder, definindo o lugar social dos sujeitos. Sobre isso, Werneck e Lopes afirmam que:

[...] já tem sido exaustivamente assinalada a obsolescência de raça como conceito baseado em características físicas biologicamente determinadas. Já se comprovou também, por diferentes meios, a desvinculação entre biologia ou genética e a produção de injustiças ou desigualdades. O que significa dizer que as diferentes tonalidades de pele ou outras variações atribuídas à raça não são suficientes para determinar ou explicar as condições de subordinação a que os grupos de pele escura estão submetidos no Brasil e em diferentes partes do mundo. Assim, a **definição de raça** [grifo meu] como uma construção social implica a denúncia da existência e atuação de um sistema complexo de hierarquização social que utiliza características biológicas específicas como marcadores de diferenças e desigualdades hierárquicas entre grupos humanos, sistema este denominado racismo. No Brasil, sob a égide do seu significado social e legitimada pela ideologia do racismo, estabeleceu-se a inferioridade da raça negra, a partir da qual descendentes dos diferentes povos africanos trazidos como escravos passaram a ser agrupados no estrato inferior da hierarquia sociorracial [...]. (WERNECK; LOPES, 2009, p. 15).

Desse modo, para os negros e pardos, as “negras velhas” serão as mulheres do seu círculo familiar: mães, tias, irmãs, primas, avós e bisavós. Ao escolher o termo “negras”, me apoio nas mesmas considerações de Kaercher para a escolha do termo “raça”:

Ao escolher o termo “raça” [...] reforcei que como negra, pesquisadora e leitora não imaginei, nem desejei, poder livrar-me do peso que esse conceito traria a minha existência e ao meu fazer científico – congreguei sentidos que são, ao mesmo tempo, já conhecidos e desconhecidos; conservados e transformados diariamente, nos discursos que, ao empregá-lo, reinventam-no. Não vi possibilidade teórica – e nem desejo pessoal – de abandoná-lo; carreguei-o, assim, indistinguível, amalgamado aos meus olhos de pesquisadora, que, curiosa indagou aos [...] encaro a minha escolha como político-pedagógica, porque como negra assumo a necessidade de ocupar o espaço acadêmico com investigações [...] que de algum modo, contribuam para que possamos abandonar perspectivas essencialistas, e, às vezes, ingênuas de investigação acerca das questões raciais que envolvem e envolveram a nós, negros e negras [...]. (KAERCHER, 2006, p. 106).

A opção pelo termo “velhas”, no título desta pesquisa, é intencional e visa a afirmar a força dessas mulheres, empoderá-las de imediato, uma vez que a minha visão de mundo percebe as mulheres velhas como ancestrais, as que vieram antes e prepararam o terreno para que nós, mulheres da contemporaneidade, pudéssemos ser o que somos e o que nos tornaremos. Sou interpelada por esse significado para “velhas”.

De acordo com Beauvoir:

Se um grupo procura apenas sobreviver ao dia-a-dia, tornar-se uma boca inútil é declinar. Mas se, misticamente ligado aos ancestrais, deseja uma sobrevivência espiritual, então, ele encarna o velho, que pertence ao mesmo tempo ao passado e ao além; [...]. É o sentido que os homens conferem à sua existência, é seu sistema global de valores que define o sentido e o valor da velhice [...]. (BEAUVOIR, 1990, p. 108).

### 3.4 MULHERES NEGRAS E VELHAS

Nesta seção, será realizada uma reflexão acerca de como essas mulheres negras e velhas se constituíram como sujeitos nesse cenário complexo e diversificado das relações de gênero, raça e idade.

Como ser mulher? Como ser negra? Como ser velha? E como ser mulher e negra e velha? Essas perguntas não foram feitas às entrevistadas, durante o transcorrer das entrevistas. Mas, ao escrever a dissertação e ao refletir sobre o material, e após diversas leituras sobre as questões de gênero, raça, classe e envelhecimento, eu me perguntei diversas vezes sobre isso. Como as participantes desta pesquisa se constituíram como sujeitos? Esse também foi um questionamento da Banca de Defesa. Retomei as narrativas na busca de possíveis respostas, assumindo a definição de Charlot para quem o sujeito:

[...] é um ser humano aberto a um mundo que possui uma historicidade; é portador de desejos, e é movido por eles, além de estar em relação com outros seres humanos, eles também sujeitos. Ao mesmo tempo, o sujeito é um ser social, com uma determinada origem familiar, que ocupa um determinado lugar social e se encontra inserido em relações sociais. Finalmente, o sujeito é um ser singular, que tem uma história, que interpreta o mundo e dá-lhe sentido, assim como dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade. (CHARLOT, 2000, p. 33 e 51).

Charlot (2000) lembra, ainda, que a possibilidade de o ser humano se constituir como tal depende tanto do seu desenvolvimento biológico, em especial do sistema nervoso, quanto da qualidade das trocas que se dão entre os homens no meio no qual se inserem. O homem se constitui como ser biológico, social e cultural, dimensões totalmente interligadas que se desenvolvem com base nas relações que estabelece com o outro, no meio social concreto em que se insere.

Portanto, o pleno desenvolvimento ou não das potencialidades que caracterizam o ser humano vai depender da qualidade das relações sociais do seu meio. Existem várias maneiras de se construir como sujeito, e uma delas se refere aos contextos de desumanização, nos quais o ser humano é “proibido de ser”, privado de desenvolver as suas potencialidades e de viver plenamente a sua condição humana. O pouco acesso à educação foi um dos principais contextos de desumanização experimentado por essas mulheres.

Diante disso, o gênero, a raça, e o fato de terem como mães trabalhadoras com pouca escolaridade (à exceção de Petronilha, cuja mãe era diretora de escola), dentre outros aspectos, são dimensões que vão interferir na sua construção como sujeito social, independentemente da ação de cada uma.

Desse modo, ser mulher, ser negra e ser pobre (com exceção, novamente, da participante Petronilha) trouxe para essas mulheres uma carga de adversidades maiores que se constituem em marcas que irão acompanhá-las por toda a vida.

Como mulheres negras e pobres, tiveram que enfrentar uma série de dificuldades para encontrar o seu lugar no mundo. Na maioria das suas experiências, não está presente a dimensão da escolha, e sim as obrigações a cumprir ou as necessidades a serem atendidas.

Elas são sujeitos reais, com experiências diversas, cujas narrativas de vida podem fornecer elementos para melhor compreendê-las além da identidade como mulheres, negras e velhas. Expressando experiências e momentos de vida diferenciados,

revelando mundos próprios. O envelhecimento, para elas, não é um momento de crise. Não há nenhuma evidência em seus discursos de conflitos relacionados ao envelhecer.

As relações familiares são muito importantes em suas vidas. Das seis mulheres entrevistadas, três (Marisa, Vera e Norma) contaram com a presença do pai em suas vidas e relatam memórias dessa relação. Três delas (Petronilha, Carmen e Wilma) não tiveram a presença do pai em suas vidas, seja por morte ou por abandono. A mãe desempenhou um papel fundamental em suas vidas e é ela a referência de carinho, autoridade e valores.

Pelas narrativas dessas mulheres, observa-se que refletem acerca de suas condições e de suas experiências de vida, posicionando-se, expressando desejos e expectativas de qualidade de vida. E é nesse processo que elas se constituem e vão sendo construídas. Interpretando e dando sentido ao seu mundo e às relações que estabelecem, mostrando-nos um jeito próprio de viver: seus saberes.

[...] o meu aprendizado vem de mim mesmo. [...] Eu gosto de eu saber a minha maneira de saber. (MARISA)

### 3.5 ENVELHECIMENTO DE MULHERES NEGRAS

Neste item, apresento e discuto as condições de envelhecimento para as mulheres negras, dada a heterogeneidade desse processo em relação a gênero, raça e classe social. De acordo com Wahl e Heyl, *apud* Doll:

O envelhecimento é um processo dinâmico entre ganhos e perdas, marcado por processos biológicos e médicos; ancorado na biografia, marcado socialmente e economicamente; resultado da interação da pessoa com seu ambiente físico, um processo específico de gênero, diferencial, multidimensional (com dimensões objetivas e subjetivas), multidirecional e que possui uma plasticidade, que é a capacidade de se adaptar às novas situações e ou limitações. (WAHL; HEYL *apud* DOLL, 2014, p. 7).

A partir dessas constatações, observa-se que o processo de envelhecimento para as mulheres negras pode reforçar desigualdades, pois, além da discriminação de gênero, raça e classe social (geralmente, pertencem às camadas sociais mais pobres da população), agrega-se uma quarta dimensão: a idade.

No Brasil, o marcador cronológico do início da velhice é a idade de 60 anos e o número de idosos, segundo a PNAD 2014, é de 23 milhões, representando 12,5% da população. Mais de 50% da população idosa no Brasil é formada por mulheres, dada a

menor mortalidade dessas, que caracteriza o fenômeno denominado feminização da velhice, causada pela maior mortalidade dos homens.

A cor é uma variável que afeta o estado conjugal das mulheres idosas e vários estudos (BERQUÓ, 1991; LAZO, 1988; PETRUCCELLI, 2001) já apontaram para a menor nupcialidade das mulheres negras. Isso está associado às suas menores chances no mercado matrimonial, pois é mais comum homens negros se casarem com mulheres não negras do que mulheres negras se casarem com homens não negros.

O Informe Brasil para a III Conferência Regional Intergovernamental sobre Envelhecimento na América Latina e Caribe (2012),<sup>14</sup> no que diz respeito ao envelhecimento de mulheres negras, observou:

- Um crescimento expressivo de mulheres chefiando domicílios, maior entre as mulheres negras.
- Maior envolvimento das mulheres negras nas atividades domésticas (inclusive na condição de ocupadas) do que das brancas, o que sugere uma relação de gênero mais desigual entre as negras.
- O envelhecimento da população branca estava mais avançado do que o da população negra. A proporção da população negra de 60 anos de idade ou mais foi de 9,7% e a da população branca, de 13,1%.
- A fecundidade mais elevada entre a população negra tem compensado os óbitos entre a população de 15 a 29 anos de idade, que faz com que a população negra tenha uma taxa menor, em relação ao avanço no envelhecimento, do que a população branca.
- A universalidade do sistema de seguridade social: previdência urbana, previdência rural, assistência social e as pensões por morte – cobriam 77,3% da população idosa negra e 78,3% da branca. Aos 80 anos de idade e mais, 95,5% da população branca recebia algum benefício da seguridade social, enquanto a proporção comparável para os negros foi de 90,5%.
- Uma redução em relação à pobreza<sup>15</sup>, contudo, a proporção da população negra pobre, idosa ou não, é mais elevada do que a branca.

---

<sup>14</sup> <http://www.cepal.org/celade/noticias/paginas/9/46849/Brasil.pdf>

<sup>15</sup> Definiu-se como pobreza a condição social de pessoas que apresentavam renda domiciliar *per capita* menor ou igual a meio salário mínimo.

- A parcela mais importante da renda dos idosos é originária da seguridade social, contudo, o trabalho aporta uma parcela expressiva na sua renda, em especial dos brancos, de 25,1%. Para os negros, a contribuição foi de 20,9%.

Diante desses dados, percebe-se que ser mulher negra e velha conduz a uma trajetória marcada pelas desigualdades, em especial a racial. As políticas educacionais podem reforçar essas desigualdades ou atenuá-las.

Acredita-se, então, que a educação possa colaborar, por meio de políticas e de ações que contribuam para colocar esse sujeito mulher negra e velha em pauta. Como pesquisadora negra, inscrevo-me nesse discurso de promover, por meio das minhas pesquisas, um combate efetivo aos mitos, estereótipos e preconceitos que reforçam as desigualdades para as mulheres, as negras e as velhas.

### 3.6 EDUCAÇÃO E ENVELHECIMENTO DE MULHERES NEGRAS

Um dos temas mais importantes para este século é o aumento na expectativa de vida. Diante disso, o tema envelhecimento, destino comum a todos aqueles que gozam do privilégio da vida, vem sendo investigado com destaque nas distintas áreas de conhecimento, dentre elas a educação, que busca analisar e problematizar a discussão e compreensão do processo de envelhecimento humano em suas múltiplas e relacionadas dimensões.

A inserção do idoso na sociedade passa pelo processo ensino-aprendizagem – o aprendizado do viver e do envelhecer e, portanto, dos processos que caracterizam os envelhecimentos biológicos, psicológicos ou socioculturais. Além disso, a dinâmica da própria aprendizagem e da construção desse novo olhar dos velhos entre seus pares, e da sociedade para a velhice, são as principais contribuições da educação. De acordo com o Estatuto do Idoso, Lei 10.741/2003:

[...] Os currículos mínimos, do ensino fundamental ao universitário, incluirão dados sobre o processo de envelhecimento, necessidade de respeito e valorização do idoso. (BRASIL, 2006, Estatuto do Idoso, artigos 21, 22 e 25).

De acordo com Doll (2008), o trabalho educacional com pessoas idosas constitui a parte mais importante e mais desenvolvida das interfaces entre educação e envelhecimento, mas não é o único tema que pode ser abordado. Segundo o autor (2008), o estudo e a prática de ações educacionais para ou sobre velhice e indivíduos

idosos é denominada gerontologia educacional e está estruturada em três aspectos: (1) atividades educacionais voltadas para pessoas com meia-idade ou idosos; (2) atividades educacionais para um público geral ou específico sobre envelhecimento e pessoas idosas e (3) preparação educacional para pessoas que trabalham ou pretendem trabalhar com pessoas idosas, como profissionais ou de forma profissional.

A educação, de modo geral, prepara o ser humano para o desenvolvimento de suas atividades no percurso de sua vida. Nesse sentido, faz-se necessária uma educação ao longo da vida, a fim de dar suporte aos aspectos econômicos, sociais, científicos e tecnológicos, impostos por um mundo globalizado.

Hoje, sabe-se que a educação é um processo que deve acontecer durante toda a vida, tanto em instituições formais (escola, universidade), quanto em não formais (palestras, encontros, debates, etc.). Nessa ampliação da educação, também ganham atenção os processos de educação informal, aqueles que acontecem no cotidiano por meio da convivência.

Neste estudo, o aspecto que interessa é o das atividades educacionais para um público geral ou específico sobre envelhecimento e pessoas idosas, especificamente as mulheres negras. Por meio da articulação entre educação, envelhecimento, gênero e raça, esta pesquisa se propõe a buscar os saberes que possam oferecer estratégias que acoplem esses saberes particulares, locais, das pessoas, (dos espaços formais, informais e não formais) e científicos, trazendo esses saberes para a academia por meio de projetos de extensão, pesquisa e publicações científicas. E, assim, tal como deve ser uma insurreição, propõe-se a combater os discursos hegemônicos dominantes que sustentam e justificam a exploração do homem pelo homem, as desigualdades, a não aceitação das diferenças, o desrespeito e a desvalorização de outras raças e etnias, em razão da visão eurocêntrica hegemônica de mundo, que considera superiores a raça branca, o gênero masculino, a opção heterossexual e o indivíduo jovem.

De acordo com o Estatuto do Idoso, Lei 10.741/2003, entre os direitos desses idosos está o direito à Educação, cabendo à família, à comunidade, à sociedade e ao Poder Público (Município, Estado e União) fazer cumprir esse direito:

Os currículos, metodologias e material didático dos programas educacionais serão adaptados para sua faixa etária, bem como oferecidos cursos especiais para o acesso às novas tecnologias de comunicação (os computadores e à internet), convenientes à sua integração à vida moderna. Os currículos mínimos, do ensino fundamental ao universitário, incluirão dados sobre o processo de envelhecimento, necessidade de respeito e valorização do idoso.

Será apoiada a criação de universidade aberta para as pessoas idosas, bem como incentivada a publicação de livros e periódicos, de conteúdo e padrão editorial adequados ao idoso, que facilitem a leitura para os que apresentem dificuldade visual (BRASIL, 2006, Estatuto do Idoso, artigos 21, 22 e 25).

Conforme Philippe Ariès (1981), o surgimento da sociedade moderna industrial e a universalização da educação escolar foram os principais fatores de delimitação da infância como fase diferenciada da vida adulta, pois até a Idade Média, a criança era vista como “um adulto em miniatura”.

A Educação adotada nessa sociedade moderna tinha a finalidade de formar e disciplinar o futuro trabalhador de indústria. Como as pessoas de mais idade não interessavam mais ao processo produtivo, pois estavam prestes a se aposentar ou já estavam aposentados, eles foram excluídos desse projeto; do ponto de vista do capitalismo, esses indivíduos não poderiam mais contribuir para a produção de riqueza (RAMOS, 2002).

Posteriormente, surgiu a chamada “educação de adultos” ou de “jovens e adultos”, pela necessidade de preparar minimamente a classe operária, derivada do “campesinato bruto e ignorante” (PINTO, 2003). No Brasil, segundo Peres:

As principais leis da Educação, como a LDB [...] nem sequer cita a velhice, ignorando-a totalmente. Tomemos o analfabetismo como um dos exemplos mais graves de exclusão educacional e social. Se consideramos o acesso à educação formal como a possibilidade de ter contato com o conhecimento científico, a literatura, a filosofia, a arte, enfim, com a linguagem escrita como forma de expressão e comunicação, então constatamos que não saber ler e escrever significa não dispor dos recursos de interação com o “mundo civilizado” da sociedade ocidental capitalista. (PERES, 2011, p. 2).

A maioria da população analfabeta no País (IBGE, 2010) é composta por idosos (32,9% tem 60 anos de idade ou mais), sendo 50% mulheres e 70% negros ou pardos. Assim, caso não ocorra nenhuma intervenção pelo Poder Público nas atuais políticas educacionais (condições mínimas de se educar), a criança de hoje será o futuro analfabeto e, majoritariamente, mulher e negra.

O analfabetismo ou analfabetismo funcional atinge metade da população idosa. Os idosos, que são os que mais necessitam de ações do Governo na esfera da Educação, pois são os mais prejudicados pela “exclusão educacional”, são exatamente o único grupo etário não assistido pelo poder público nas atuais políticas educacionais.

O analfabetismo é um problema histórico no Brasil e a própria escola pública, até a primeira metade do século XX, era restrita às classes privilegiadas. Sabe-se que as

iniciativas de alfabetização em massa, principalmente na década de 1970, das quais o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) foi o mais conhecido, difundia, entre os alunos, uma ideologia de responsabilização pessoal pelo sucesso ou fracasso escolar obtido. Isso fazia com que a própria condição de analfabetismo fosse estigmatizada e vista de forma depreciativa pela sociedade, gerando, nos adultos e idosos que não sabiam ler e escrever, um sentimento de culpa e vergonha. (PAIVA, 1987).

Ainda hoje, o analfabetismo é, normalmente, tratado como responsabilidade pessoal dos analfabetos. O Estado se exime, atribuindo à família o dever de educar. A alternativa educacional destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria é a Educação de Jovens e Adultos (EJA), que é tratada como forma secundária de oferta educacional e destinada, principalmente, aos jovens e adultos trabalhadores. Assim, o idoso (aposentado, ex-trabalhador ou desempregado) é desconsiderado. Segundo Peres (2011), pode-se dizer que o idoso é invisível na EJA.

Uma das principais críticas à EJA é quanto à utilização da mesma metodologia de ensino para um público potencialmente heterogêneo no que se refere à idade. Em uma mesma turma, convivem, por exemplo, jovens de 18 anos, adultos de 40 anos e idosos de 70 anos de idade, ou seja, grupos com expectativas e perspectivas totalmente diferentes quanto à educação.

Diante disso, faz-se necessária uma metodologia de ensino adequada para o público adulto – andragógica, e não pedagógica – que leve em consideração as experiências de vida, o conhecimento tácito no processo de aprendizagem e o contexto sociocultural no qual vivem os alunos (ARROYO, 1996).

O Estatuto do Idoso, apesar de reunir leis específicas da velhice, não trata do problema do analfabetismo que atinge os idosos em nenhum dos itens referentes à Educação (PERES, 2005).

De acordo com Silva (2001) as representações sociais negativas sobre o negro podem ser alteradas no processo educacional, no currículo e nos materiais pedagógicos; o que, na prática, representa mais pesquisas e publicações.

Em relação às representações negativas do envelhecimento, Doll, Ramos e Buaes afirmam que:

O trabalho educativo pode desconstruir o estereótipo da velhice como algo necessariamente vinculado à fragilidade, à pobreza e à vulnerabilidade, produzindo novas imagens e novos saberes em relação aos velhos. Atualmente, as identidades de gênero, sexualidade e etnia são temas centrais no campo da Educação. (DOLL; RAMOS; BUAES, 2015, p. 11-12).

Além de mais pesquisas e publicações, verifica-se a necessidade de um investimento na educação básica que permita às crianças e aos jovens negros a permanência na escola e a contínua busca de melhoria nos currículos, com acompanhamento da implementação da Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-brasileira na educação básica, valorizando a contribuição dos negros na construção da riqueza do País.

Destaca-se que, sem a continuidade e ampliação nesses investimentos, manteremos a reprodução do sistema excludente, que fará com que nossas negras velhas continuem sendo o maior contingente dentre os analfabetos, pois os negros constituem, atualmente, a maioria numérica no País.<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> Segundo dados da PNAD 2014, a população negra (pretos e pardos) predomina na população brasileira. São 109 milhões de pessoas que se declararam negras (pretas e pardas) e 92,4 milhões de pessoas que se declararam brancas.

#### 4 DE QUE SABERES ESTAMOS FALANDO?

Diante da constatação de que o grupo dos idosos, das mulheres e dos negros são os grupos privilegiados na exclusão educacional no País, estabelecem-se os seguintes questionamentos:

- Como buscar os saberes das mulheres negras velhas?
- Que saberes são esses?

Na busca por essas respostas, busca-se apoio no que Foucault (2008, p. 170) entende, em segundo lugar, por insurreição dos saberes dominados, constante em sua obra “Microfísica do Poder”:

[...] uma série de saberes que tinham sido desqualificados como não competentes ou insuficientemente elaborados: saberes ingênuos, hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível requerido de conhecimento ou de cientificidade. Foi o reaparecimento destes saberes, que estão embaixo – saberes não qualificados, e mesmo desqualificados do psiquiatrizado, do doente, do enfermeiro, do médico paralelo e marginal em relação ao saber médico, do delinquente, etc., que chamarei de saber das pessoas e que não é de forma alguma um saber comum, um bom senso mas, ao contrário, um saber particular, regional, local, um saber diferencial incapaz de unanimidade e que só deve sua força à dimensão que o opõe a todos aqueles que o circundam – que realizou a crítica. (FOUCAULT, 2008, p. 170).

Ainda segundo o autor:

[...] trata-se da insurreição dos saberes antes de tudo contra os efeitos de poder centralizadores que estão ligados à instituição e ao funcionamento de um discurso científico organizado no interior de uma sociedade como a nossa. (FOUCAULT, 2008, p. 171).

Sobre isso, Doll afirma que:

Diante dos múltiplos questionamentos da “verdade científica” surgiu, no contexto das discussões pós-modernas, um outro conceito que ganhou bastante força: o discurso. O enfoque principal do conceito “discurso”, que relacionamos geralmente mais com a área política, não é mais sobre se é verdadeiro ou não, mas quais são os efeitos que esse discurso produz e quais são os interesses daqueles que promovem um determinado discurso. (DOLL, 2006, p. 17).

Neste trabalho, busca-se dar visibilidade aos discursos silenciados, específicos dessas mulheres, que são resultado da experiência de vida, das lutas e dos embates para a sobrevivência.

Os temas analisados foram “Envelhecimento”, “Trabalho”, “Sexualidade” e “Religiosidade”, entrecruzados pela condição particular desses sujeitos: são mulheres, são negras e são velhas. Assim, as categorias de análise de cada tema operaram com as questões de gênero, raça, idade e classe social.

Por meio da leitura e releitura das transcrições, e de reiteradas audições das entrevistas, emergiram diversas possibilidades de categorias de análise. O critério para a escolha das categorias, relacionadas a cada temática – envelhecimento, trabalho, sexualidade e religiosidade – foi a presença desses saberes nas narrativas de, pelo menos, duas entrevistadas.

Por critérios éticos, todos os nomes citados pelas participantes nas entrevistas foram substituídos por “Fulana ou Fulano”, “Beltrana ou Beltrano” e “Sicrana ou Sicrano”.

No Quadro 2, são apresentados os temas e saberes que serão tratados a seguir.

**Quadro 2**

<b>TEMAS E ALGUNS SABERES</b>	
<b>CATEGORIAS DE ANÁLISE</b>	<b>SABERES IDENTIFICADOS</b>
Envelhecimento	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Reconhecimento da diferença</li> <li>• Fase de conquistas</li> <li>• Eu não quero ser velha!</li> <li>• Depressão: evitar!</li> <li>• Planos para o futuro</li> </ul>
Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Potencial laborativo</li> <li>• Reconhecimento da diferença</li> </ul>
Sexualidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não ao sexo rei</li> </ul>
Religiosidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ecumenismo</li> <li>• Poder da fé</li> </ul>

## 5 SABERES SOBRE ENVELHECIMENTO

O fenômeno de envelhecimento demográfico e as demandas sociais específicas dele decorrentes tornaram a velhice um tema privilegiado de pesquisa em diversas áreas do conhecimento, em diferentes perspectivas de análises (SIQUEIRA; BOTELHO; COELHO, 2002).

A primeira perspectiva é a *biológico/comportamentalista*, que coloca a ênfase no processo de decrepitude física ocasionada por fenômenos degenerativos naturais do organismo. Os idosos aparecem como portadores de múltiplas patologias sobre as quais os indivíduos e a sociedade devem atuar no sentido de retardá-las, chamando a atenção para a questão do envelhecimento populacional como um problema de Estado e social que requer medidas urgentes em razão da grande e dispendiosa demanda dos serviços de saúde que, no Brasil, historicamente, atende de forma insuficiente à população em geral. Nessa perspectiva, o discurso apresenta uma aparente neutralidade.

A segunda perspectiva, segundo os autores, é a *economicista*, que se preocupa em situar o lugar dos velhos na estrutura social produtiva, centrando as análises na questão da ruptura com o mundo produtivo do mercado de trabalho. A velhice passa a ser delimitada não mais pelas transformações fisiológicas, mas por um advento social, a aposentadoria, que, de acordo com Salgado (1997), “[...] cria um princípio de identidade para a velhice, definindo esse tempo da vida pela inatividade [...]”. Nessa perspectiva, o discurso adquire contornos políticos, da simples simpatia (SIMÕES, 1998; HADDAD, 1993) à adesão explícita à luta dos aposentados (ARAÚJO, 1995; 1998; LOURENÇO, 1992).

Em outra vertente de análise, ainda tendo como referência a aposentadoria, surgem as pesquisas sobre os Programas de Preparação para a Aposentadoria, que têm por finalidade dar aos futuros aposentados condições de explorarem suas possibilidades, expectativas e desejos; informar sobre as condições de vida futura dos candidatos à aposentadoria; modificar as reações contra a aposentadoria e incutir na consciência a necessidade de planejá-la adequadamente e ajudar os aposentados a reconhecerem que o processo permanente de educação pode contribuir para o desenvolvimento psicossocial de suas vidas, estabelecendo novos desafios que valorizarão a própria existência (SALGADO, 1997).

Na terceira perspectiva, as investigações enfatizam o caráter *sociocultural*, que argumenta que, embora as questões demográficas e/ou econômicas sejam aspectos plausíveis como justificativa de reformulação de políticas públicas para a população idosa, elas são insuficientes para revelar e explicar a totalidade dos fatos que emergem da velhice como categoria analítica. Nessa perspectiva, a velhice é entendida como uma construção social. É a sociedade/cultura que estabelece as funções e atribuições preferenciais de cada idade na divisão social do trabalho e dos papéis na família (DEBERT, 1998).

Na quarta perspectiva, que adota uma abordagem *transdisciplinar* do processo de envelhecimento, a velhice é percebida como um fenômeno natural e social que se desenrola sobre o ser humano, único, indivisível, que na sua totalidade existencial defronta-se com problemas e limitações de ordem biológica, econômica e sociocultural que singularizam seu processo de envelhecimento (BEAUVOIR, 1990; BOSI, 1987). Os autores concluíram em suas obras “A velhice” e “Memória e sociedade: lembrança de velhos” que, em relação à velhice, a sociedade formula uma série de clichês, baseados no fato de que, quando se considera o homem idoso um objeto da ciência, da história e da sociedade, procede-se a sua descrição em exterioridade, ou seja, o idoso é descrito pelo outro e não por ele próprio. De acordo com Beauvoir (1990), “ele é [...] um indivíduo que interioriza a própria situação e a ela reage.” Em outras palavras, esse sujeito tem um discurso próprio sobre a sua condição, o seu processo de envelhecimento. É nessa perspectiva que esta pesquisa se insere, apresentando os efeitos dos “outros” e seus “discursos” na construção do discurso próprio dos sujeitos.

Segundo Debert (1999), atualmente o idoso é um sujeito presente em todos os discursos produzidos, sejam eles políticos, sociais, econômicos, culturais ou de lazer, em razão do aumento da longevidade. Mas a autora adverte que considerar que as mudanças nas imagens e nas formas de gestão do envelhecimento são puros reflexos de mudanças na estrutura etária da população; é fechar o acesso para uma série de reflexões sobre um conjunto de questões que interessa pesquisar.

A autora propõe uma série de questionamentos que se referem aos efeitos dos discursos dos quais os idosos se tornaram alvo. Tornam-se objeto de saber disputado por discursos oriundos de perspectivas de análise e áreas diversas do conhecimento. A confluência dos múltiplos discursos que agem sobre os sujeitos e seus efeitos nos faz perceber o quanto as coisas ditas, os discursos estão comprometidos com relações de poder e que, por meio dessas relações, produzem-se conhecimentos e saberes que

determinados grupos buscam definir como verdadeiros, normais e hegemônicos (ANDRADE, 2012, p. 177).

Meyer afirma que:

[...] os discursos instauram verdades, produzem sentidos e formam os sujeitos. Eles constroem e implementam significados nas sociedades por meio de diferenciações que dividem, separam, incluem e excluem e que, por se constituírem em dinâmicas de poder, produzem e legitimam o que, aí, é aceito como verdade (MEYER, 2000, p. 55).

Com essa dinâmica, observa-se o surgimento da gerontologia como campo de saber específico para a formação de especialistas em envelhecimento. Pode-se definir a gerontologia como o estudo do processo de envelhecimento, com base nos conhecimentos oriundos das ciências biológicas, psicológicas e sociais (NERI, 1995; MASCARO, 2004).

A concepção que associa o envelhecimento à ideia de declínio tem sido substituída pela consideração de que os estágios mais avançados da vida são momentos propícios para novas conquistas, guiadas pela busca do prazer e da satisfação pessoal. As experiências vividas e os saberes acumulados são ganhos que oferecem oportunidades de realizar projetos abandonados em outras etapas e estabelecer relações mais profícuas com o mundo dos mais jovens e dos mais velhos (DEBERT, 1999).

Mas, a autora adverte que, com esse processo de socialização da velhice, surge o que ela denominou “processos de reprivatização da velhice”, que transformam a velhice em uma responsabilidade individual. Assim, faz-se necessário enfatizar que envelhecer bem não é uma responsabilidade só do indivíduo, mas que também depende da oferta de recursos como educação, urbanização, habitação, saúde, trabalho e família.

De acordo com Lasch (1983), uma das características da nossa cultura é o horror à velhice. Assim, a cultura pós-moderna, ao mesmo tempo em que apresenta esse explícito horror, também constitui o momento histórico em que assistimos a um aumento das pesquisas sobre envelhecimento.

A primeira mudança de posição em relação ao envelhecimento apareceu na teoria de Erikson (1950/1998), em sua proposta de pensar o envelhecimento em estágios que se organizam em termos de conflitos básicos, representativos de cada momento da vida humana. Para o teórico, a vida humana é intergeracional e se realiza em um ciclo que ele chamou de *Ciclo de Vida*, entendido como o processo de desenvolvimento do ser humano que começa com a história dos pais, tem continuidade na infância, passa

pela idade adulta e vai até a velhice. Nesse ciclo, cada fase da vida se relaciona de forma imbricada e profunda umas com as outras, e cada período da vida apresenta seus desafios e suas conquistas (MOREIRA, 2012).

Na última década, no Brasil, proliferaram programas voltados para os idosos, (escolas abertas, universidades da terceira idade e grupos de convivência) que demonstram, segundo Debert (1999), que a sociedade brasileira de hoje é mais sensível aos problemas do envelhecimento. Mas, ao mesmo tempo, a nova imagem do idoso não oferece instrumentos capazes de enfrentarem a decadência de habilidades cognitivas e controles físicos e emocionais que são fundamentais na nossa sociedade para que um indivíduo seja reconhecido como autônomo e capaz de um exercício pleno de sua cidadania.

Segundo a autora, a dissolução desses problemas nas representações gratificantes da terceira idade é um elemento ativo na reprivatização do envelhecimento, na medida em que a visibilidade conquistada pelas experiências inovadoras e bem-sucedidas fecha o espaço para as situações de abandono e dependência, que passam a ser vistas como consequência da falta de envolvimento em atividades motivadoras ou da adoção de formas de consumo e estilos de vida inadequados (DEBERT, 1999).

## 5.1 SABERES DAS NEGRAS VELHAS SOBRE ENVELHECIMENTO

A partir da leitura intensiva das transcrições das entrevistas, e de reiteradas audições, surgiram diversas possibilidades de categorias para análise. O critério utilizado para a definição das categorias foi a presença desse saber nas narrativas de, pelo menos, duas participantes. Assim, as categorias que serviram para organizar alguns dos saberes das negras velhas sobre envelhecimento foram: “Reconhecimento da diferença”; “Eu não quero ser velha!”; “Depressão: evitar!”; “Fase de conquistas” e “Planos para o futuro”.

### 5.1.1 Reconhecimento da diferença

Na compreensão de que o estágio socialmente denominado “velhice” é uma construção social, estabelecida pela cultura que atribui funções e papéis preferenciais de cada idade, têm-se os saberes das negras velhas que emergem nesta investigação.

No fragmento abaixo, observam-se os procedimentos de adesão aos discursos racistas que introjetaram nos sujeitos e nas instituições o sentido de inferioridade dos negros.

[...] como eu era a mãe negra, achei aquilo pra mim, **parecia uma humilhação, mas eu era negra mesmo, né. A mãe negra elas falavam que eu tinha que citar que a mãe preta, foi talvez, a mais infeliz das três. Era o que a gente tinha na época pra citar**, cada um vinha e falava seu pedaço sobre as mães. **Eu não sei aquilo entrou na minha cabeça e ficou, né, que a mãe preta foi, talvez, a mais infeliz das três. Isso aí eu não me esqueço, eu tava no terceiro ano primário** [...] e eu não sei, sempre me achei, assim, inferior, achei que como eu sou negra parece que as pessoas não recebem a gente bem. Eu sempre fui assim, complexada. (MARISA)

Também se observa o discurso exterior – as instituições que ratificam esse discurso, materializadas na escola, nos professores – de que “a mãe negra, a mãe preta foi talvez a mais infeliz das três”.

Verifica-se que a instituição “escola” reproduzia o discurso racista hegemônico da época: “Era o que a gente tinha na época pra citar”, sem nenhum tipo de questionamento, sem abrir nenhuma outra perspectiva que não fosse a de submissão e resignação desses sujeitos subjetivados em uma idade (infância) em que a possibilidade de resistência a esses discursos é quase nula. Sobre isso, Leni Vieira Dornelles afirma:

Os saberes que perpassam as questões de gênero, sexo, geração, raça, etnia etc. permitem-me afirmar que elas não são um produto acabado, mas um processo contínuo, adquirindo diferentes conotações conforme o espaço e o tempo. Os sujeitos são, portanto, fluidos e se inventam no transcurso de complexas histórias, fundadas num sentimento de pertença que torna possível o funcionamento da vida, embora estejam sempre afeitos a mudanças e revisões, ou seja, são constituídos no interior de jogos de poder. Certamente, essas múltiplas subjetividades apresentadas também pelos artefatos culturais, por meio dos brinquedos, das revistas infantis, filmes, vídeos etc., produzem efeitos na constituição do sujeito infantil. (DORNELLES, 2010, p. 31).

No seguinte extrato da transcrição, observa-se o quanto é difícil para Marisa resistir a ocupar o lugar que a ela foi destinado pelos discursos hegemônicos que a sujeitaram durante a sua infância (estava na terceira série primária).

Até quando têm as recepções, as festas, as coisas assim, eu não me misturo. Eu fico bem distante, não gosto de estar junto. **É muito difícil [...] se for para trabalhar tudo bem, agora se for para ficar sentada, não, nem me convida**, porque eu não fico. **Não consigo ficar. Eu gosto de estar sempre trabalhando como escrava, né, eu é que faço a minha vida de escrava, não é que seja, quem faz a vida de escrava sou eu.** (MARISA)

Marisa se sente desconfortável, “fora de lugar”, não consegue ficar. Ela diz gostar de estar sempre trabalhando. Analisando a parte do fragmento “*como escrava*”,

observa-se um sujeito que somente se sente bem trabalhando como escrava. Não consegue ficar para ser servida, sentada, como convidada. Ela diz: “*eu é que faço a minha vida de escrava*”. Eu questiono: será? Será que quem faz a sua vida de escrava é ela ou os discursos e instituições pelos quais ela passou e teve que aderir, se opor, lutar, vencer ou ser vencida, calar ou silenciar?

Sabe-se que a escravidão no Brasil oficialmente já acabou. Mas, será que acabou realmente ou apenas mudou a forma de subjugar o mesmo grupo? Tal como na estrofe do samba enredo “Cem anos de liberdade: realidade ou ilusão?” da Escola de Samba Mangueira,<sup>17</sup> “livre do açoite da senzala, preso na miséria da favela” (HÉLIO TURCO, JURANDIR e ALVINHO, 1988).

Nesses fragmentos, observa-se que Marisa não se autoriza a ter um comportamento e uma materialidade do seu discurso que não seja como escrava, subalterna. Ela expressa todo o procedimento de “ritual” (FOUCAULT, 2013) desse lugar que ela se autoriza e é autorizada a ocupar. Pois, ao mesmo tempo em que ela se autoriza, ela também é autorizada. Ela não está falando sozinha. Junto com ela, falam outros agentes (a escola, os professores que articularam aquelas falas, etc.). É um discurso coletivo. Foucault denominou esse procedimento de “autor”, ou seja, existe uma maneira da qual a minha sociedade me permitiu existir (UCHÔA, 2013).

No fragmento de discurso a seguir, verifica-se a ocorrência única, em todos os discursos coletados, do relato de uma experiência com o preconceito etário. É, também, a única ocorrência, dentre todos os discursos, que expressa um reforço na diferença, em razão de idade, raça e gênero.

E lá nessa dentista, eu acho ela muito bacana, que ela vem e beija todo mundo. Eu tava prestando atenção nos outros, todos recebem o mesmo tratamento. [...] é um lugar legal, que a gente é bem recepcionada, **porque exijo, ainda.** [...] e esse médico de hoje também eu gostei dele [...]. **Não é aquela pessoa assim que tenha nojo, chegou uma velha, chegou uma negra, chega pra lá, não.** [...] tratamento exclusivo, porque eu sou negra, mas eu gosto de ser bem tratada, porque a gente sendo negra, sendo bem tratada, a gente não sente. **Não sente a diferença.** (MARISA)

No primeiro trecho, tem-se: “[...] *ela vem e beija todo mundo. Eu tava prestando atenção nos outros, todos recebem o mesmo tratamento*”. Aí, verifica-se a consciência por parte da Marisa de que nem todos são tratados da mesma maneira.

<sup>17</sup> É uma das mais tradicionais escolas de samba do Rio de Janeiro e uma das mais populares do Brasil. Foi fundada em 28 de abril de 1928, no Morro da Mangueira, próximo à região do Maracanã, pelos sambistas Carlos Cachaca, Cartola, Zé Espinguela, entre outros. Sua quadra está sediada na Rua Visconde de Niterói, no bairro do mesmo nome.

Apresenta-se o procedimento de “separação” ou “rejeição”. Como os discursos têm materialidade, ou seja, ao dizermos algo, fazemos algo no mundo, modificamos a realidade ao nosso redor (BAKTIN, 1929). Então, percebe-se que Marisa se reconhece como diferente e merecedora de outro tratamento, mas, é concedido a ela um tratamento igual pela dentista e pelo médico: *“esse médico de hoje também eu gostei dele [...] Não é aquela pessoa assim que tenha nojo, chegou uma velha, chegou uma negra, chega pra lá, não”*.

Assim, receber um tratamento igual seria uma exigência e não um direito. Ela se reconhece como negra, como velha, mas gosta de ser bem tratada, e exige isso ainda. Não há o reconhecimento do direito ao bom tratamento sem que seja necessário exigir ou gostar: *“[...] porque eu sou negra, mas eu gosto de ser bem tratada, porque a gente sendo negra, sendo bem tratada, a gente não sente. Não sente a diferença”*. Nesse trecho, verifica-se que o ser diferente está naturalizado na fala de Marisa. Ou seja, o processo de naturalização do racismo se faz presente e não permite que ela se veja como alguém merecedora de tratamento adequado, de ser bem tratada, tal como qualquer outro sujeito.

Nos fragmentos a seguir, temos estratégias<sup>18</sup> de adesão aos discursos racistas, bem como estratégias de resistência que se intercalam no mesmo acontecimento.

**Agora, onde é negra, chegou, tá com aquelas caras, às vezes a gente vai no ônibus, vem uma branca toda emperquitada, a gente, eu sempre peço licença [...] e a mulher puxa o casaco bem ligeiro para um lado e procura se arredar, se tem outro lugar dentro do ônibus eu saio dali. Sento noutra lugar, não sento junto. Por que tem nojo da gente ou medo? A gente não vai fazer nada. Ou senão, tá com a bolsa e pega aquela bolsa e segura bem a bolsa. Eu tenho vontade de agarrar e dar uma “biaba”. Escuta senhora tá com medo que eu vá pegar a sua bolsa? Eu não preciso da sua bolsa. Garanto que o que eu tenho dentro da minha, a senhora não tem na sua! [...] O que essa pessoa tá pensando porque a gente é negra, é qualquer coisa, eu não sou qualquer coisa. (MARISA)**

Na situação vivenciada no ônibus, o procedimento de “separação” materializa-se pelo comportamento da mulher que puxa o casaco e se arreda. Temos, por parte de Marisa, a estratégia de resistência e oposição ao sair e sentar em outro lugar (não sentar junto) e se questionar do motivo da “rejeição”: seria nojo ou seria medo?

Nesse questionamento, novamente, emerge o procedimento de “autoria”, ou seja, o autor não entendido como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto,

<sup>18</sup> A palavra estratégia tem vários significados, o sentido que utilizamos nesta pesquisa é de habilidade para ultrapassar algum problema, a forma de atuação perante uma situação.

mas como produto da sua situação sócio-histórica. Assim, nosso discurso é produto de um contexto que, de certa maneira, são discursos coletivos.

Desse modo, quem tem nojo ou quem tem medo dos negros, das mulheres negras? Marisa não está se contrapondo a um discurso próprio. Esse enunciado faz parte de uma formação discursiva, dos discursos racistas que circulam pela sociedade de que “negro é sujo”, “negro é ladrão”, enfim, todos os impropérios para que uma mulher – branca – possa se sentir autorizada a sentar no ônibus e “puxar o casaco bem ligeiro” e “se arredar”, a “ter nojo”, “a ter medo” de uma mulher negra que por acaso venha sentar ao seu lado no coletivo.

Como resistência, além do questionamento, Marisa expressa: “O que essa pessoa tá pensando porque a gente é negra, é qualquer coisa, eu não sou qualquer coisa”. Nesse último fragmento, verifica-se o procedimento de “autoria” servindo como estratégia de resistência, oposição. Marisa também não está falando sozinha. Ela diz, juntamente com outras mulheres, homens, negros e não negros que não são racistas que os negros possuem os mesmos direitos dos demais cidadãos. A fala “os negros não são qualquer coisa” é uma fala coletiva. Um discurso defendido pelo Movimento Negro, por ativistas, por políticos, artistas, etc. e se inscreve em nossa Carta Magna, a Constituição Federal do Brasil, em seu artigo 5º, Título II, dos Direitos e Garantias Fundamentais, Capítulo dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos, que diz que todos são iguais perante a lei e considera a prática do racismo crime:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: [...] XLII - a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei [...]. (BRASIL, 1988, Constituição Federal).

Nesse extrato, ela resiste, se opõe, polemiza e emerge um discurso que não é dominante, mas luta e sobrevive na busca de transformar a sociedade em que estamos inscritos, no combate ao racismo.

Para ilustrar outra estratégia de resistência, de oposição aos discursos racistas que tentam colocar o negro no lugar em que se acha que o negro deve ocupar, de subalternidade, “como escravos”, tem-se o fragmento de Carmen que, se pudesse voltar atrás, procuraria aprender mais ainda.

Olha, seu eu voltasse atrás pra fazer alguma coisa diferente é procurar aprender mais ainda [...] porque eu cheguei até aonde que na época dava pra eu chegar [...] **Eu cheguei até aonde que o nível que, naquela época, de acordo com a estrutura que tinha o Brasil era assim, porque o negro sempre tinha que ser meio capacho, e a gente sabia, então, foi indo assim.** (CARMEN)

Sobre isso, temos em Foucault (2013, p. 41) que:

A educação, embora seja, de direito, o instrumento graças ao qual todo indivíduo, em uma sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso, é bem sabido que segue, em sua distribuição, no que permite e no que impede, as linhas que estão marcadas pela distância, pelas oposições e lutas sociais. Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo. (FOUCAULT, 2013, p. 41).

Deste modo, o “aprender mais ainda” da Carmen se articula ao que Foucault (2013) refere sobre a importância da educação, como instrumento por meio do qual qualquer indivíduo pode ter acesso a qualquer tipo de discurso, com os poderes e saberes que eles trazem consigo. Esse saber sobre a importância da educação e de como o negro “tinha que ser meio capacho e a gente sabia, então, foi indo, assim” é uma estratégia de adesão, com fins de superação. Ao ter consciência de que “o negro tinha que ser meio capacho” e “então, foi indo assim”, a entrevistada nos diz que se articulou a esse discurso de maneira consciente. Talvez, aí, tenhamos uma atividade genealógica: “[...] o acoplamento do conhecimento com as memórias locais, que permite a constituição de um saber histórico das lutas e a utilização deste saber nas táticas atuais” (FOUCAULT, 2008, p. 171).

### **5.1.2 Eu não quero ser velha!**

No saber denominado “Eu não quero ser velha!”, temos os discursos que se contrapõem, no entendimento dos sujeitos, acerca do que é ser velha para si própria. A imagem da velhice que elas confrontam é a dos discursos hegemônicos aos quais se opõem. Em que pese que o aumento da longevidade tem trazido reflexões e mudanças de paradigmas sobre a velhice, ainda se têm imagens pejorativas e preconceitos relacionados aos velhos, que constituem o que Foucault (2013) denomina “autoria”. São discursos coletivos que fazem circular saberes estereotipados do processo de envelhecimento – que se materializam no “horror à velhice” manifestado de diversas

formas (algumas sutis e outras diretas) – de prolongamento da juventude e do vigor, em detrimento da valorização dessa fase da vida, que é um processo natural do nascer, viver e morrer. Pois, somente não envelhece quem morre jovem.

Nos fragmentos a seguir, observa-se que Marisa polemiza com as imagens recorrentes nos discursos sobre o envelhecimento e se opõe a elas. Ela nega o declínio físico do corpo.

[...] vou pra frente do espelho e digo: **eu não tô velha. Eu não sou velha não. Que história é essa?** Olha a velha [...] **eu não quero ser velha! Eu não quero ser esse tipo de gente assim.** Não. **Eu não sou isso. Eu não tô franzida.** Eu fico braba, olhei pros meus braços, não sei se é da diabete ou não, começou a franzir, eu não sei se porque tomou muito sol também, porque esse verão foi rigoroso, quando eu olhei isso aqui tudo franzido **Meu Deus do céu isso não pode. Eu não sou velha! Os braços tudo franzido! Não,** quando eu saio, **eu ergo bem a minha cabeça [...].** Digo assim **Meu Deus, as criaturas que lutaram uma vida inteira quando jovens, agora no fim da vida, tão viradas num trapo.** De jeito. **Não vou andar como pobre, coitadinha, cheia de meia grossa no pé, cheia de pano na cabeça** (risos). **Não! Nada disso!** (risos) (MARISA)

Ao mesmo tempo, demonstra de uma maneira clara e concisa o seu saber sobre o que é ser uma pessoa velha, o processo biológico do envelhecimento.

**A pessoa velha é uma pessoa que já sofreu bastante.** Aí o organismo dela começa a retroceder, o organismo vai diminuindo, as forças, os tecidos vão ficando tudo judiado, torcidos que nem maracujá de gaveta (risos) [...] **toda torcida, tu olha pra criatura dá pena de ver. Aí elas ficam toda assim, toda encolhidinha.** (MARISA)

No extrato abaixo, o saber é relacionado, também, ao declínio físico.

E muitos daqueles já faleceram (colegas de trabalho) e agora [...], quando me enxergam na rua me cumprimentam, ficam olhando, porque **eu subi. Eles estacionaram e estão parecem uns velhinhos.** (CARMEN)

Ela manifesta que muitos dos colegas de trabalho, da sua geração, já morreram. Os que ficaram “*ficam olhando porque eu subi*”, ou seja, ela considera sua aparência física melhor do que a dos colegas: “*eles estacionaram e estão parecem uns velhinhos*”. Eles, os colegas, são os velhos. Ela não. Ela “subiu”, ou seja, acompanhou as transformações e está atualizada.

### 5.1.3 Depressão: evitar!

Nesse saber, as negras velhas manifestam como lidam com a depressão, moléstia considerada o “mal do século XXI”<sup>19</sup> pela Organização Mundial de Saúde (OMS), por ser uma das principais causas para o afastamento do trabalho na atualidade.

A depressão, nesta investigação, é entendida como um transtorno mental comum, caracterizado por tristeza, perda de interesse, ausência de prazer, oscilações entre sentimentos de culpa e baixa autoestima, além de distúrbios do sono ou do apetite. Também há a sensação de cansaço e falta de concentração. A doença pode ser de longa duração ou recorrente. Na sua forma mais grave, pode até mesmo levar ao suicídio. Mais de 350 milhões de pessoas sofrem de depressão em todo o mundo. Ela pode atingir qualquer pessoa, independente de sexo, idade, saúde física ou classe social (OMS, 2009).

Nos dois fragmentos a seguir, observa-se que o remédio, o saber para a depressão, é evita-la. Isso nos remete ao conceito de “autor” (FOUCAULT, 2013, p. 28) como princípio de agrupamento do discurso. Um discurso coletivo, produto de um contexto (UCHÔA, 2013).

[...] às vezes a pessoa entra em depressão eu fico pensando depressão deve ser quando a pessoa [...] não consegue uma coisa, fica martelando só aquilo. [...] eu, às vezes, falo assim: **depressão não vai me pegar. Procuvo evitar.** (NORMA)

**Agora tem pessoas que envelhecem bem antes do tempo. Tem pessoas que se jogam! Decepcionam! Tem depressão! Depressão envelhece muito a pessoa também!** O que que é a depressão? Depressão é a pessoa ficar sentada num canto. Por exemplo, **às vezes a depressão quer dar em mim eu já digo, pode sair do meu caminho, não quero saber de depressão.** O que que é? É aquilo tu quer uma coisa, fica angustiada, tem uma dificuldade, quer alguma coisa e tu não tem um alguém pra te falar: não, mas vamos lá tu vai resolver, tu vai conseguir, tu vai abrir o caminho, não. Aí vem aquilo tu fica parada no tempo. Aí tu para ali, tu vai parando, vai parando, vai parando quando vê é a maldita depressão. **Tudo isso aí a gente tem que evitar. Tem que evitar.** (MARISA)

Aqui, me permito a leitura de que o “evitar” possa, também, ser um tipo de “silenciar”, um “calar”, na compreensão de que “os ditos e escritos” se expressam por meio de enunciados falados ou escritos. Isso nos conduz ao procedimento de “rejeição”. Rejeição da possibilidade de permitir a existência desse acontecimento, o não se permitir que “ter depressão” seja da ordem dos seus discursos.

<sup>19</sup> [http://www.folhaacademica.com.br/ver-noticia/3321/Depress%C3%A3o\\_-O-mal-do-S%C3%A9culo](http://www.folhaacademica.com.br/ver-noticia/3321/Depress%C3%A3o_-O-mal-do-S%C3%A9culo)

Mas, quanto desse “evitar” se articula aos discursos atuais sobre envelhecimento saudável e quanto é, ainda, um resquício do passado histórico da mulher negra? A depressão, uma “palavra proibida”, é um mecanismo de controle externo à linguagem, pois é o meio social que vai determinar quem e quando se pode usá-la.

Assim, dado o contexto (cenário de vida), a saúde física dessa mulher não estava na agenda das políticas públicas de saúde e muito menos a saúde emocional, haja vista que, muito recentemente, iniciaram-se as políticas de promoção da saúde da mulher negra e o combate ao racismo nos atendimentos públicos de saúde. E, mais recentemente, iniciaram-se as políticas de promoção da saúde do idoso, ainda cercada por muitos preconceitos e estereótipos.

#### 5.1.4 Planos para o futuro

No saber chamado “Planos para o futuro”, verifica-se, nas falas das negras velhas, o procedimento “palavra proibida” que circulava na época em que essas mulheres adentraram no estágio socialmente denominado velhice, uma vez que o Brasil era, na época, considerado um país de população jovem.

Com o aumento da longevidade, os discursos atribuídos aos velhos começaram a contemplar algumas das palavras antes “proibidas”: “futuro”, “sonhos”, “expectativas” conforme demonstram os fragmentos a seguir.

Elas possuem uma vontade forte de vida, tanto para aproveitar a vida, quanto para realizar seus sonhos, como tornar-se professora, expresso pela Marisa:

**Meus planos para o futuro são muitos.** [...] Eu sonho voltar a trabalhar. Não sei quando mas vou. E eu sonho em voltar a estudar também. **Nem que seja aos cem anos, mas eu vou!** [...] então gostaria até de fazer magistério. Não digo que fosse usar isso aí pro trabalho, mas pelo menos **completar o desejo, o sonho, ah eu tô aqui, tô formada: professora!** (MARISA)

Ou sonhar com uma sociedade diferente, reumanizada, como a Petronilha:

[...] A gente tem que tentar é justamente reumanizar. [...] quando acabou a ditadura [...] a gente chegava a dizer que tocou pra nossa geração esse momento maravilhoso, de retomada, de humanização, de igualdade. [...] mas parece que está cada vez pior. [...] **nos empenhar muito na formação política dos jovens [...] no sentido de uma construção de um projeto da sociedade que todo o mundo esteja contemplado.** [...] é uma luta da sociedade, **enquanto eu tiver fôlego temos que brigar e trabalhar nesse sentido.** E é o mundo todo. [...] como é que as pessoas são desprezadas [...]. A gente até criou um projeto [...] que aos poucos nós vamos trabalhando [...] manter os amigos daqui e do outro lado do mundo [...]. (PETRONILHA)

E estes sonhos, esta força para sonhar, trazem suas marcas nas biografias, nas formas como estas mulheres se constituíram contra as resistências e dificuldades impostas pela sociedade para mulheres em geral e mulheres negras em especial. Ressalta-se que esta capacidade de sonhar talvez não valha para todas as mulheres negras, mas se apresentou nas mulheres negras entrevistadas neste estudo.

As palavras qualificadoras do declínio, como “morte”, “aposentadoria”, “paz”, “tranquilidade”, “sossego”, “serenidade” – e todas as outras que remetem à ideia de calma, inclusive os termos pejorativos como “decadência”, “inútil” e “demência”, geralmente utilizados para se referir às situações de velhice – não tiveram nenhuma ocorrência nos discursos das mulheres entrevistadas. Isso indica o quanto essas mulheres não correspondem aos estereótipos da velhice que eram veiculados na época do seu ingresso nessa fase.

Verifica-se, também, outro procedimento, “a vontade da verdade”, ou “oposição verdadeiro e falso”, que se refere ao poder que é dado pela sociedade ao saber científico, em oposição ao saber local, o saber das pessoas, aquele saber que não é senso-comum (FOUCAULT, 2013).

Ainda que existam diversos trabalhos que indicam que os velhos (ou, no caso específico desta investigação, as negras velhas) se sentem “muito bem, obrigado!”, conforme atestam os fragmentos relacionados a seguir, esses discursos próprios, dos sujeitos investigados, não se tornaram, ainda, discursos da ordem do “verdadeiro, do normal, hegemônico” porque quem fala não está investido de autoridade.

E não tenho queixa nenhuma da minha vida. **Tô muito bem graças a Deus.** (CARMEN)

[...] eu vivi e **quero viver até os 100. Não quero que Deus me tire antes dos 100.** (NORMA)

Assim, como as negras velhas não estão investidas de autoridade para falar sobre o envelhecimento, por não possuírem o saber científico sobre esse tema, entra em operação, nessa situação, os procedimentos “rejeição” (o discurso não é acolhido, não sendo considerado verdadeiro, nem importante) e “comentário” (a verdade precisa originar-se de um especialista). (FOUCAULT, 2013).

### 5.1.5 Fase de conquistas

No saber identificado como “Fase de conquistas”, o envelhecimento é percebido como uma fase ótima, de realizações, feliz, empolgada, o melhor momento. Essas afirmações contrariam e até polemizam uma série de discursos dominantes na sociedade acerca da velhice.

[...] eu acho que a minha vida, acho não, **eu tenho certeza que a minha vida tá muito boa**, porque pelos anos que a gente tem, por tudo que a gente passou de sacrifício [...] A gente tá sempre na ativa e não fica socada dentro de casa, dormindo, sentada pelos cantos, chorando ai meu Deus! **Não tem nada de Meu Deus vai à luta**, vai procurar, vai se ativar. [...]. Eu estou muito feliz, muito contente de estar sendo entrevistada. [...] o meu aprendizado vem de mim mesmo. [...] Eu gosto de eu saber a minha maneira de saber. [...] Eu nunca tive o que eu tenho agora! **O melhor momento é agora. Eu digo pra Deus, olha não me tira desse mundo, ainda! (gargalhadas) Falta muita coisa ainda! Deixa eu viver bastante! Ainda quero ver muito mais, muito mais coisas quero ver.** (MARISA)

A vida pra mim tá boa. [...], encontro o pessoal [...], converso bastante. Muita gente diz não quero chegar aos sessenta, mas eu cheguei aos 60 bem de saúde, alegre [...] **Tudo que eu queria tá se realizando. Me considero muito feliz.** (NORMA)

**Eu me sinto muito bem. Eu me sinto realizada** e cada dia que passa eu vou me realizando mais. (CARMEN)

[...] às vezes, o pensamento da gente leva a gente a viajar pra tantos lugares, tanta coisa diferente que tu fica até empolgada. Fica imaginando será que a coisa daquele lado de lá é assim mesmo. **Fico com vontade de ir lá. Viver emoções diferentes** (risos). [...] **Isso aí me encanta** [...]. (VERA)

Eu me sinto ótima. [...] O presente é fruto do passado. [...] Acho que fiz laços muito fortes [...] acho que produzi bem. Sou professora emérita da Universidade. (PETRONILHA)

Ressalta-se que, com esses fragmentos que não se articulam ou polemizam, não se está afirmando que essas mulheres não correspondam a muitos dos discursos correntes na sociedade. Mas, que há lacunas, há espaços vazios, preenchidos por um sujeito invisível na sociedade: a mulher negra e velha que, por sua construção histórica, deveria estar em uma condição de precariedade. Contudo, por meio de estratégias, ora de adesão, ora de resistência, não está em situação de vulnerabilidade e nos apresenta um saber potente, que nos conduz a outro procedimento de análise do discurso, a *sociedade do discurso*.

A *sociedade do discurso* tem por função conservar ou produzir discursos para circular em um espaço fechado, distribuí-los segundo regras estritas, sem que seus detentores sejam despossuídos por essa distribuição. (FOUCAULT, 2013).

A sociedade do discurso, de onde essas mulheres descendem, fez circular saberes que forneceram as bases e as ferramentas para que essas mulheres pudessem ocupar espaços mais qualificados no mundo do trabalho, ainda que, em algum momento de suas vidas, tenham ocupado postos de trabalho que exigiam pouca ou nenhuma qualificação (empregadas domésticas, faxineiras, profissionais de limpeza, babás, etc.). Essas funções, ainda hoje, são ocupadas em nossa sociedade, majoritariamente, por mulheres negras.

## 5.2 SABERES DAS NEGRAS VELHAS: ENVELHECIMENTO E SUAS RELAÇÕES

Verifica-se uma articulação dos saberes das negras velhas com os discursos da perspectiva biológico/comportamentalista, que coloca a ênfase no processo de decrepitude física, que considera a questão do envelhecimento populacional como um problema do Estado, especialmente no que se relaciona aos serviços de saúde que, em nosso País, não conseguem atender satisfatoriamente às demandas. Assim, uma parcela da população investe em planos privados de saúde, o que implica um comprometimento considerável da renda, sobretudo para os idosos, pois, quanto mais se avança na idade, maior a probabilidade de uso dos serviços e, conseqüentemente, maior o valor das mensalidades. Sobre isso, tem-se a seguinte fala da participante da pesquisa, senhora Norma, que materializa essa preocupação:

Quero assim, que não falte nada, **principalmente [...] o dinheiro para pagar meu plano de saúde, que isso aí é o mais importante.** (NORMA)

Essa articulação e preocupação apareceram somente na fala da entrevistada Norma. As participantes Petronilha, Carmen, Vera e Wilma são aposentadas ou pensionistas do serviço público, que disponibiliza previdência e planos de saúde vinculados, sem que isso onere por demais os proventos; já a participante Marisa, que é aposentada por empresa privada, mencionou ser diabética e utilizar os serviços dos postos de saúde e de clínicas e não manifestou nenhuma preocupação com a manutenção dos serviços de saúde. Supõe-se que ela se encontre no reduzido grupo de pessoas que têm as demandas atendidas pelos serviços públicos de saúde ou que não apresenta, no momento, nenhuma necessidade que prescindia dos serviços especializados de saúde, como exames, internações e medicações, em que se concentram as reclamações dos usuários.

Ressalta-se que, além do diabetes apresentado pelas participantes Marisa e Norma, nenhuma outra participante manifestou sofrer de alguma doença crônica. São mulheres saudáveis (ROWE; KAHN, 1998) que apresentam baixo risco de doenças e de incapacidades funcionais mentais e físicas, e têm envolvimento ativo com a vida, conforme atestam os fragmentos dos seus discursos a seguir.

[...] eu graças a Deus assim como **eu estou, tô muito bem, eu não sou doente**, vou ao médico uma vez por ano, **faço todos os check-ups** e continuo as minhas viagens. (CARMEN)

Muita gente diz não quero chegar aos sessenta, **mas eu cheguei aos 60 bem de saúde, alegre** [...]. (NORMA)

**Eu me sinto ótima.** [...]. **Com a graça de Deus tô com saúde**, com 73 anos. [...] Eu acho que como eu mamei no peito até muita tarde, dizem que a gente se fortifica. (PETRONILHA)

Na perspectiva “economicista”, os discursos delimitam a velhice, pelo advento da aposentadoria, em duas vertentes: tempo de inatividade ou tempo para explorar suas possibilidades, expectativas e desejos. Das seis entrevistadas, quatro trabalharam até se aposentar: Marisa, Petronilha, Carmen e Norma. As outras duas, Vera e Wilma, foram “do lar”. Vera nunca trabalhou fora de casa, e Wilma trabalhou até o casamento. Depois do advento do casamento, tornou-se “do lar”.

As quatro participantes que trabalharam apontam para a compreensão da aposentadoria conforme a segunda vertente, ou seja, possibilidades, expectativas e desejos, contrapondo-se aos discursos de inatividade.

[...] eu acho que a minha vida, **acho não, eu tenho certeza que a minha vida tá muito boa**, porque pelos anos que a gente tem, por tudo que a gente passou de sacrifício [...] A gente tá sempre na ativa e não fica socada dentro de casa, dormindo, sentada pelos cantos, chorando ai meu Deus! Não tem nada de Meu Deus vai à luta, vai procurar, vai se ativar. **Eu estou muito feliz, muito contente de estar sendo entrevistada.** [...] o meu aprendizado vem de mim mesmo. [...] Eu gosto de eu saber a minha maneira de saber. [...] **Eu nunca tive o que eu tenho agora! O melhor momento é agora. Eu digo pra Deus, olha não me tira desse mundo, ainda! (gargalhadas) Falta muita coisa ainda! Deixa eu viver bastante! Ainda quero ver muito mais, muito mais coisas quero ver.** (MARISA)

**A vida pra mim tá boa.** Pagando as minhas contas. Não me faltando comida [...] olhar televisão, ir pra frente, ir lá pro Bourbon (shopping), encontro o pessoal [...], converso bastante. [...] **Tudo que eu queria tá se realizando. Me considero muito feliz.** (NORMA)

Eu me sinto muito bem. [...] **Eu me sinto realizada e cada dia que passa eu vou me realizando mais.** (CARMEN)

**Então, eu me sinto bem** [...]. **Sou professora emérita da Universidade, continuo com projeto na Universidade.** Continuo produzindo [...] no mesmo rumo da profissão [...] passei

agora seis meses como professora visitante nos Estados Unidos, continuo escrevendo. (PETRONILHA)

Apesar de não terem passado pela experiência da aposentadoria, percebe-se que as participantes que tiveram atividade laborativa designada “do lar” têm as mesmas percepções positivas do seu processo de envelhecimento.

Às vezes a gente se sente até frustrada porque poderia ter feito mais alguma coisa, se realizado mais que atualmente a gente está [...]. A gente vê tanta coisa aí. **Acha que se botar um grãozinho ali aquilo melhoraria.** É gozado, [...] às vezes, **o pensamento da gente leva a gente a viajar pra tantos lugares, tanta coisa diferente que tu fica até empolgada. Fica imaginando será que a coisa daquele lado de lá é assim mesmo. Fico com vontade de ir lá. Viver emoções diferentes** (risos). [...] **Isso aí me encanta** [...]. Mas isso quando der vai, não está descartado. **Ainda pretendo ficar uns bons tempos (vivendo).** (VERA)

**Eu acho que Graças a Deus acho que eu tô bem.** [...] Deu pra ir melhorando um pouco as coisas pra gente ter, com sacrifício, **mas vem vindo, passo-a-passo** [...]. (WILMA)

Em relação aos saberes na perspectiva do envelhecimento, as categorias definidas e analisadas foram: “Reconhecimento da diferença”; “Eu não quero ser velha!”; “Depressão: evitar!”; “Planos para o futuro” e “Fase de conquistas”.

No “Reconhecimento da diferença”, verificou-se a consciência do racismo e do preconceito etário que, por vezes, reforça a desigualdade. Nesse saber, também se materializam estratégias de adesão aos discursos racistas, bem como estratégias de resistência em que os discursos coletivos circulam, ora reforçando os estereótipos, ora refutando-os.

Em relação ao saber “Eu não quero ser velha!”, há uma rejeição ao declínio físico pelo envelhecimento, que se articula com os discursos modernos que buscam retardar o envelhecimento ao máximo, e conferem um caráter de horror a tudo que conduz à imagem de decadência pelo passar dos anos. Ao mesmo tempo, essas mulheres apresentam uma compreensão biológica clara e objetiva do processo de envelhecimento, que é descrito de maneira rica e lúdica a seguir.

A pessoa velha é uma pessoa que já sofreu bastante. **Aí o organismo dela começa a retroceder, o organismo vai diminuindo, as forças, os tecidos vão ficando tudo judiado, torcidos que nem maracujá de gaveta** (risos) [...] toda torcida, tu olha pra criatura dá pena de ver. Aí elas ficam toda assim, toda encolhidinha. (MARISA)

Nos “Planos para o futuro”, elas falam dos seus sonhos e projetos. Essas mulheres não estão preocupadas com a finitude, estão saudáveis e querem viver mais.

No saber “Fase de conquistas”, a velhice é tratada de forma natural, sem nenhuma ruptura. As entrevistadas não assinalam o momento em que se reconheceram como velhas e, talvez, esse seja o maior saber: lidar continuamente com a vida, sem rupturas cronológicas configuradas pela sociedade moderna. Estão felizes realizadas e querem “*viver bastante*”.

**Eu digo pra Deus, olha não me tira desse mundo, ainda! (gargalhadas) Falta muita coisa ainda! Deixa eu viver bastante! Ainda quero ver muito mais, muito mais coisas quero ver.**  
(MARISA)

## 6 SABERES SOBRE TRABALHO

A sociedade contemporânea tem sido marcada por uma série de transformações e paradoxos que se fazem sentir em uma das principais categorias de análise social, que é o trabalho. O trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza (MARX, 1998).

Do ponto de vista histórico, verifica-se que há um questionamento quanto aos diferentes papéis que o trabalho tem ocupado conforme o sistema político, econômico e social predominante (TOLFO *et al*, 2005). Segundo esses autores, a globalização, o processo de reestruturação produtiva, a competitividade, as mudanças nas contratualidades do trabalho, dentre outros fenômenos têm se refletido na categoria trabalho, emergindo investigações voltadas para o estudo da alienação, do desemprego, da precarização das relações de trabalho e da crise das motivações.

Desse modo, é importante compreender quais os significados do trabalho em uma sociedade em que esse ocupa um papel central e define a posição dos indivíduos nessa sociedade, marcada pela multidiversidade, e quais os sentidos pessoais que o trabalho engendra para a classe que dele vive.

Segundo Karl Marx (1998), a essência da sociedade capitalista, hegemônica,<sup>20</sup> no cenário histórico em que vivemos, é a exploração do homem pelo homem, por meio do trabalho. Nesse sentido, a característica principal da sociedade é a transformação do trabalho em mercadoria, sujeita como qualquer outra à lei da oferta e da procura. Para Marx, o modo como os indivíduos produzem sua vida material tem uma relação direta com o desenvolvimento político, social e cultural. Assim, o modo de produção capitalista é um sistema produtor de mercadorias em que o ser humano é alienado de sua própria essência, o trabalho, e se estende para o resultado do seu próprio trabalho, pois o produto desse não lhe pertence (SOUZA, MATIAS, BRÊTAS, 2010).

O conceito de trabalho vem se modificando de acordo com o contexto histórico e social. Conforme Tolfo e Piccinini (2007), “É através do trabalho que o ser humano tem buscado atender suas necessidades, atingir seus objetivos e realizar-se. Contudo, em

---

<sup>20</sup> Hegemônica: entendida aqui como aquela que privilegia determinados grupos sociais e categorias de análise, propostos por estes mesmos grupos e tais grupos são, invariavelmente, representados pelo “ideal” de homem, branco, de origem europeia, heterossexual e de classe média.

decorrência de sua natureza ampla e complexa, influenciada pela cultura e momento histórico, este conceito pode se modificar”.

Ainda segundo a autora, na era industrial, o trabalho passa a ser visto com o um símbolo de liberdade em relação ao sistema escravagista e predominantemente agrícola, que possibilita ao homem transformar a natureza, as coisas e a sociedade. No século XX, a centralidade da categoria trabalho permanece hegemônica até a década de 1970, e é expressa na forma de organização do trabalho e da produção predominante com o Taylorismo/Fordismo, em que se tinha uma produção em série e empresas verticalizadas. A partir dessa década, o modelo Taylorista deu sinais de esgotamento, não conseguindo mais manter os índices de crescimento do processo de acumulação de capital nem as taxas de emprego formal.

Verifica-se, então, que o mundo do trabalho vem passando por um intenso processo de transformação, em que há um aumento da precarização das relações e condições de trabalho e um significativo crescimento dos índices de desemprego. Nesse cenário, ocorre uma diversificação e complexificação das formas de trabalho, que trouxeram novos elementos para a relação homem/trabalho. A diversidade dos “mundos do trabalho” gera, entre outras coisas, a pluralidade e o questionamento quanto à centralidade da categoria trabalho.

A temática dos sentidos do trabalho tem sido pesquisada mais intensamente a partir da década de 1970, e diferentes correntes epistemológicas deram suporte aos estudos. Dentre as principais vertentes contemporâneas, destacam-se a *sócio-histórica*, a *construcionista*, a *cognitivista* e a *humanista*.

Na perspectiva *sócio-histórica* (SIEVERS, 1990; BERGAMINI, 1998), o significado do trabalho aparece como uma dimensão que vem sendo esquecida, uma vez que foi substituída por pressupostos de que a motivação seria um fator gerenciável externamente ao sujeito, independentemente do sentido que esse atribui ao trabalho.

Na perspectiva *humanista*, encontram-se os estudos de Estelle Morin (2001). A autora investigou os sentidos do trabalho buscando identificar quais as características de um trabalho que tem sentido. As principais motivações para o trabalho foram: realizar-se e atualizar seu potencial; adquirir segurança e ser autônomo; relacionar-se com os outros e ter o sentimento de vinculação e prestar um serviço e fazer sua contribuição à sociedade para ter um sentido.

Na abordagem *construcionista*, a realidade não existe, independentemente do modo que as pessoas têm de compreendê-la, pois os sujeitos e os objetos são entendidos

como construções histórico-sociais. O construcionismo não postula a existência de uma verdade absoluta, ou que os processos sociais têm uma validade interna relativa a uma realidade externa aos sujeitos. O entendimento da realidade é construído com base no entendimento de senso comum que as pessoas constroem e com base nesses conhecimentos elas constituem os seus significados (SPINK, 2004).

A identidade do indivíduo decorre das múltiplas sucessões de agir social presentes na vida cotidiana. O fundamento da constituição de sentido está nas vivências subjetivas. As experiências armazenadas socialmente (história e instituições) aliviam o indivíduo na solução de problemas já identificados anteriormente. “A parte acessível em geral do reservatório do sentido constitui o cerne do entendimento comum, com o auxílio do qual o indivíduo tem de se virar no meio ambiente natural e social de sua época” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 20).

Para pensar a articulação entre envelhecimento e trabalho, partiu-se do estudo “Os Atributos e a Medida do Significado do Trabalho” (BORGES, 1997) que atribui que a centralidade do trabalho pressupõe uma hierarquização das esferas da vida (família, trabalho, religião, lazer e comunidade), e que levou à conclusão de que a esfera do trabalho é tida como a segunda mais importante, sendo precedida apenas pela esfera da família.

Então, a construção de significados é um processo subjetivo que envolve tanto a história do indivíduo quanto a sua inserção social. Borges (1997; 1999) argumenta, ainda, que o indivíduo, ao atribuir significados ao trabalho ou ressignificá-lo, ora tenta justificar o que vê, vivencia e ouve no ambiente de trabalho, ora quer explicações que tornem inteligíveis suas vivências; ora pretende criar um caminho para suas ações, ora pode ter outras possibilidades.

Partindo da constatação da importância do trabalho na esfera da vida, torna-se imperativo conhecer o significado (atitudes, crenças e valores) do processo de envelhecimento no mercado de trabalho, com recorte para as questões de gênero e raça, na perspectiva cognitivista que compreende o trabalho como uma cognição multifacetada, que tem um caráter histórico, dinâmico e subjetivo (BORGES, 1997). Isso implica três componentes: a) uma cognição subjetiva, que apresenta uma variação individual, refletindo a história pessoal de cada um e representa a forma como o indivíduo interpreta e dá sentido ao trabalho; b) uma cognição sócio-histórica que, além de apresentar aspectos compartilhados por um conjunto de indivíduos, reflete as condições históricas da sociedade na qual estão inseridos e c) uma cognição dinâmica,

enquanto um construto inacabado, em permanente processo de construção.

Nos estudos culturais, a cultura e a linguagem estão intimamente ligadas, porque a linguagem é o mecanismo essencial pelo qual a cultura produz significados sociais. Dessa maneira, aparece um novo dimensionamento do conceito de linguagem passando a ter um lugar especial na construção dos significados; o que as pessoas consideram conceitos “naturais” são parte de fenômenos discursivos, “[...] a linguagem, além de produzir aquilo que reconhecemos como realidade, também vai produzir os sujeitos dessa realidade, suas identidades.” (GUARESCHI; MEDEIROS; BRUSCHI, 2003. p. 40).

Segundo Bernardes e Hoenisch (2003), a linguagem permite construir discursos que estabelecem o que é verdadeiro e o que não é, de uma forma arbitrária. Para os estudos culturais, não existe a possibilidade de produção de sentidos fora da linguagem. Ao nomear os objetos pela linguagem, os sujeitos criam um mundo no qual atuam; e o campo de atuação profissional é de fundamental importância para a autonomia dos indivíduos, a construção de identidade, o reconhecimento social, o acesso a bens de consumo, entre outras dimensões materiais ou simbólicas cada vez mais importantes nas sociedades do século XXI segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (IPEA, 2008).

Por isso, as formas como os diferentes grupos populacionais se inserem no mercado de trabalho retratam uma faceta fundamental da desigualdade. Homens, mulheres, brancos e negros apresentam características bem distintas na entrada e permanência no mercado de trabalho, segundo dados do IPEA (2008, 2011). Observa-se, nos indicadores, que a situação da mulher negra é sempre a mais precária, reforçando a necessidade e importância de estudos sobre os discursos dessas mulheres e as relações com os discursos hegemônicos que sustentam, ainda, essas desigualdades.

## 6.1 SABERES DAS NEGRAS VELHAS SOBRE TRABALHO

O critério utilizado para a definição das categorias foi a presença desse saber nas narrativas de, pelo menos, duas participantes. Desse modo, os saberes das negras velhas acerca do trabalho selecionados foram: “Potencial laborativo” e “Reconhecimento da diferença no trabalho”.

### 6.1.1 Potencial laborativo

A construção de significados do trabalho opera tanto na justificativa do que vê, ouve e vivencia no ambiente de trabalho, como na explicação dessas vivências para gerar ações ou outras possibilidades (BORGES, 1997; 1999).

Esse discurso se articula com os discursos das negras velhas, seus saberes, denominados “Potencial laborativo”, que são todas as competências, habilidades técnicas e atitudinais que essas mulheres demonstram em seus discursos acerca do trabalho. Por meio da extração dos fragmentos das entrevistas, os discursos revelam e materializam o potencial produtivo das negras velhas antes, durante e após o período no qual elas, socialmente, podem ser consideradas trabalhadoras em atividade.

Esse potencial envolve a formação que essas mulheres tiveram nos espaços formais, não formais e informais de educação, tratados em “Educação e envelhecimento de mulheres negras”.

Nesta pesquisa, os saberes investigados são os produzidos nas relações de poder. A categoria trabalho se constitui em uma categoria privilegiada, por apresentar as relações de poder mais visibilizadas, uma vez que o discurso de exploração do homem pelo homem, por meio do trabalho, ainda é um dos principais discursos sobre o trabalho em nossa sociedade.

Na fala de Carmen, a seguir, observa-se uma estratégia de resistência da mãe, aos discursos de destino da mulher negra.

[...] **A minha mãe nunca deixou nem eu nem minhas irmãs se empregar em casa de família. Fiquei em casa até 18 anos, trabalhando em casa.** Não fui trabalhar fora. [...] **E sempre eu ia ao colégio**, colégio Rui Barbosa, na Osvaldo Aranha. [...] **e dali depois, quando eu tava com 18 anos fui trabalhar como servidora pública [...] onde que eu fiquei até me aposentar.** (CARMEN)

Essa é uma estratégia de oposição reconhecida pela filha: “*A minha mãe nunca deixou nem eu nem minhas irmãs se empregar em casa de família*” e o reconhecimento da importância do investimento nos estudos: “*E sempre eu ia ao colégio*”. Uma estratégia de resistência clara, objetiva e que rendeu frutos, uma vez que a filha ingressou no mercado de trabalho já como servidora pública e construiu uma carreira até a aposentadoria. Destaca-se que para uma mãe negra, naquela época, era algo distante uma filha ir para escola e não trabalhar. Isso demonstra a forte consciência e resistência da mãe da Carmen, ao destino “normalmente” reservado às jovens negras.

No discurso a seguir, verifica-se, novamente, uma estratégia de resistência, por meio da descontinuidade dos discursos que vinham subjetivando as mulheres da família de Wilma em relação ao ofício de costureira.

[...] **A minha irmã já tinha aprendido corte.** Naquele tempo **eu não quis aprender, só ficava ali de manequim.** [...] Ah, eu dizia: **“Não vou ser costureira nem nada, essas mulheres chatas, começa a reclamar disso, daquilo [...] Não quero ser costureira.** Minha irmã dizia: **tu não precisa ser costureira, mas sabendo pra ti** porque depois pra pagar pra fazer as roupas. Não pode comprar pronta, porque o dinheiro que eu ganhava não dava pra comprar roupas prontas. Tinha que comprar o tecido e fazer. [...] E aí a minha mãe em vida dela já disse: **“o tempo que tá aí [...] que fica enjoando a outra que tá cheia de coisa pra fazer, porque que não pega o livro e não vai estudando as folhas?”** [...] Era um livro da Singer, se tu comprava a máquina, a SINGER tu tinha direito a 25 aulas, ou de corte ou de bordado. (WILMA)

Nesse fragmento, tem-se o procedimento “sociedade do discurso” que possibilita a adesão a um discurso, mas com objetivo de “reversão” – reversão dos estereótipos. Ou seja, aprende corte e costura, mas não precisa ser costureira: *“tu não precisa ser costureira, mas sabendo pra ti”*. Assim, caracteriza-se uma forma de transgressão: aprender o ofício de costureira, mas não para costurar para os outros, e sim para si mesma ou para os seus.

Nesse extrato, observa-se um discurso de incentivo ao desenvolvimento e aprendizado, um estímulo, promovido pela mãe: *“o tempo que tá aí [...] que fica enjoando a outra que tá cheia de coisa pra fazer, porque que não pega o livro e não vai estudando as folhas?”*. Não se observa, nesse discurso, um incentivo à reprodução, pelo contrário, é um discurso que emancipa. Ao propor que a filha aprenda, ela possibilita a independência de Wilma que, ao aprender, não será mais dependente dos serviços de corte e costura da irmã.

Depois **eu já achava que os livros iam sair caro eu mesma já me agarrei desisti** no quarto ano desisti, que eu achei. Hi, agora vem a seleta, isso vai ser muito caro. Da seleta todo mundo falava [...] que dali já ia pro Instituto de Educação. Depois quem fazia a quarta, quinta, ia pro Instituto de Educação, se quisesse seguir. **Aí ali eu já encerrei por minha conta** (risos). Dali era a quarta para fazer a quinta, daí eu não fiz a quinta. [...] **Não, não falei com os pais. Disse que dizia tudo: e a sua mãe não ficou brava. Não a mãe não tinha tanta instrução, criada assim, quase como escrava. E quer dizer, daí eu disse que era caro. Sabia que ela não ia falar nada.** Se eu não vou ir pro Instituto, **não vou tirar curso de professora, nem nada. Achei que já não precisava, então daqui já vou parar. Parar para arrumar serviço.** (WILMA)

No fragmento acima, fica evidente a adesão aos discursos da época sobre a quem era destinada à educação. Ou seja, ainda não havia acontecido a reforma no ensino, a Lei de Diretrizes Básicas (LDB, Lei nº 5.692/71), que acaba com o exame de admissão

ao ginásio. Assim, para que a candidata tivesse êxito no exame, era necessário um investimento em educação, por meio de livros e/ou de aulas. Ou seja, a educação, naquele contexto, era controlada por meio da sua distribuição, no que permite e no que impede (FOUCAULT, 2013).

Assim, a fala da Wilma materializa a distribuição da educação no que ela impede ou impediu, mantendo fora da escola um grande contingente de sujeitos. Não se pode afirmar que esses sujeitos fossem, em sua maioria, não brancos, mas, pode-se afirmar que todos que estavam dentro da escola eram, em sua maioria, brancos.

Wilma ficou fora da escola e isso selou as suas possibilidades de inserção no mercado de trabalho, em atividades que exigissem pouca ou nenhuma qualificação, retratando uma faceta fundamental da desigualdade, que persiste até hoje para as mulheres negras, segundo dados do IPEA (2008, 2011).

Essa situação materializa-se na fala da Wilma, transcrita a seguir, sobre as possibilidades restritas, na época, para as mulheres de modo geral (o que se dirá, então, para as mulheres negras, estigmatizadas pela sua condição de mulher e negra?).

**Aí com quatorze anos eu fiquei em casa, fazendo uma coisinha ou outra.** Ajudando em casa a cuidar dos sobrinhos que iam nascendo. [...] Lavando, fazia de tudo para entrar um troco. **Assim um serviço que ela não podia fazer.** Se eu achava que a casa não tinha tanta cerimônia: lavar casa, limpar cozinha, **eu ia.** Então essas eu ia, já tinhas umas moças ali na Lima e Silva, **que inverno já sabe que eu tinha que ir. Ir pro colégio almoçar, ir pra lá deixar a cozinha em dia.** [...] **Eu ia ajudar a minha irmã em tudo de serviço doméstico, [...]. Ajudar na cozinha, na limpeza lá, deixar em dia [...]. Dos 9 aos 14 anos fiquei esperando a idade pra trabalhar. Dos 14 anos até os 19 anos trabalhei na livraria** [...] ficava perto de casa, não gastava passagem nem nada. Chegava em casa pra almoçar, ainda tinha um tempinho pra ir até a janela. **Sai só quando eu fui casar.** (WILMA)

Nos fragmentos apresentados, verifica-se, também, uma adesão aos discursos sexistas (que destinavam à mulher o papel de mãe e do lar): casar e não trabalhar, ou trabalhar, mas somente se fosse muito necessário, conforme o discurso abaixo ratifica.

**[...] sai da livraria para casar. [...] De primeiro as pessoas casavam e ficavam em casa. A não ser que tivesse filho e tivesse mesmo que ajudar.** (WILMA)

A seguir, são destacados alguns fragmentos de discurso que demonstram o quanto as oportunidades de acesso à educação podem proporcionar experiências profissionais gratificantes e ricas, derrubando todos os discursos racistas que tentam justificar a estrutura injusta da nossa sociedade. Nela, as oportunidades oferecidas não são iguais para todos e as classes privilegiadas consideram natural a sua dominação, pois os discursos naturalizam as ações humanas, explicando-as como decorrentes da

"ordem natural das coisas" e não como o resultado da injusta distribuição da riqueza do nosso País.

Assim, verifica-se o reconhecimento, pela entrevistada Vera, de seu potencial. Ela teve como atividade laborativa principal ser "do lar", mas, depois que o tempo passou, reconheceu a frustração pelas escolhas. Ela reproduziu uma situação que já acontecia com sua mãe, ser "do lar". Ela cresceu em condições mais favoráveis que a possibilitaram estudar e se formar, mas, em razão da adesão aos discursos sexistas da época (seu futuro marido não queria que ela trabalhasse), abandonou seu sonho: "*Queria ser professorinha preta, exibidinha. Esse era o meu sonho.*".

Nesse fragmento, tem-se, também, um silenciamento acerca de "*professorinha, preta, exibidinha*". Que discurso é esse? De onde ele vem?

A profissão de professora era, na época, muito bem-conceituada na sociedade. A mulher negra, não. Mas "professora preta", sim. Ela poderia se exhibir, pois levaria o *status* de ser professora; detentora do que Foucault denomina "vontade da verdade", poderia tornar-se uma autoridade, poderia se apropriar de um discurso considerado "verdadeiro", o saber científico. Tornando-se uma autoridade, participaria, também, de uma "sociedade do discurso" e estaria, a partir de então, autorizada a formular enunciados dos discursos tidos como hegemônicos, o discurso dos professores, por exemplo.

Assim, ela estaria atendendo ao "ritual" de qualificação exigido para que o seu discurso não fosse mais nulo, rejeitado e excluído, tal qual o era na posição de mulher negra. Advindo daí a possibilidade de exibição, teria um título que lhe conferia um saber respeitado na sociedade e que, portanto, lhe proporcionaria poder. E quem tem poder, pode se exhibir.

**Essa do colégio já é uma frustração.** Depois que passa o tempo tu fica pensando quem sabe se tu te formasse. Imagina que poderia ser uma coisa diferente. [...]. E até depois mesmo [...] cada coisa que acontecesse tu já fica imaginando poderia, **tinha até condições melhores, mas não dá pra viver do passado, tem que viver o presente. Eu ia casar, mas não casei naquele ano. Poderia esperar dois, três anos mais e ter estudado, me formado.** [...] mas se eu me formasse, ele não ia querer que eu lecionasse, já ia ficar frustrada [...] foi contra sempre eu trabalhar fora. E aí a gente trabalha mais em casa. [...] **Queria ser professorinha preta, exibidinha. Esse era o meu sonho.** Sei lá por que. Era o que eu dizia: "professorinha, preta, exibidinha". E não fui. **Sabe lá se preta exibidinha eu não fui?** (gargalhadas). (VERA)

No extrato apresentado, observa-se que o discurso sexista da época norteou as escolhas de Vera, definindo a sua vida e fazendo com que abandonasse o seu sonho. E

ela não se opôs a isso. Houve uma adesão a esse discurso. Mas, o potencial estava lá, e reverbera até hoje nas suas memórias.

Nos fragmentos a seguir, de Petronilha, tem-se uma história de vida que nos dá uma ideia do “Potencial laborativo” de nossas negras velhas, se dadas as mesmas condições de acesso e oportunidades na Educação.

[...] **a professora veio aqui em casa dizer que tinha um lugar para eu ir lecionar** em Rio Grande, em uma escola Normal, **para eu ser coordenadora**. [...] Eu queria ficar em Porto Alegre, comecei a lecionar [...]. [...] Eu fiz o concurso pra Português e pra Francês. **Entre em 6º lugar nos dois** e escolhi ficar com o Português, já que (nos outros colégios) eu lecionava francês. [...] Abriu concurso no Estado eu fiz para Português e Francês. **Fiquei em 40ª no Português e em 1º lugar no Francês.** (PETRONILHA)

No discurso apresentado, verifica-se que, na mesma época das outras negras velhas, tem-se esse relato que, infelizmente, é raro, mas não único. Existem outras mulheres negras que puderam estudar, se preparar para o exame de admissão ao ginásio e continuar seus estudos, mas foram poucas.

Nas narrativas de cada negra velha, são apresentados aspectos que refletem as condições da sociedade da época, pois, as participantes estão inseridas em contextos sociais diversos.

Petronilha é a que pertence à classe social com mais acesso aos bens materiais e culturais e, tal como os homens e as mulheres da sua época, desse mesmo estrato social, percorre um caminho com maiores possibilidades de escolha. Assim, por meio da Educação, ela tem acesso a qualquer tipo de discurso, com os saberes e poderes que eles trazem consigo (FOUCAULT, 2013).

[...] **recebi a bolsa do governo francês para estudar Literatura na França** [...] em Nice. Foi a minha primeira grande experiência de viver no exterior. [...] **Fui coordenadora pedagógica por bastante tempo em uma escola particular [...] e em uma escola pública. [...] me inscrevi no Instituto de Planejamento em Educação Paris e fui selecionada [...]** como a gente é corajosa e quando quer alguma coisa [...]. Interrompi o mestrado. Fiz o estágio nesse Instituto. **Uma experiência rica com pessoas do mundo inteiro, do mundo pobre, eu era a única brasileira, na ocasião.** [...] quando eu fui nós estávamos justamente trabalhando, fazendo o diagnóstico, escrevendo o Segundo Plano Estadual da Educação [...] e estavam me esperando para escrever. **A responsabilidade da redação ficou comigo. Voltei fiz isso e defendi o Mestrado.** [...] Quando acabou tudo eu **fui chamada pela presidente para ser do Conselho de Educação do Estado [...] da Assessoria do Conselho.** [...] Uma coisa que era boa no Conselho é que tu eras de uma área, [...] mas se faltasse alguém em outra área **tu tinhas que ter competência e formação, tu não era a especialista, então nós transitávamos nas diferentes áreas.** [...] **Fiz o concurso e fiquei em segundo lugar [...] eu comecei a lecionar redação técnica na universidade pública** como horista [...] e fui lecionar quase a mesma disciplina **na universidade privada**, até entrar no Doutorado. **Trabalhei 12 anos na universidade privada. Depois eu me demito e fui pra Universidade pública em São Carlos (SP) até me aposentar, em 2012.** (PETRONILHA)

Nos discursos apresentados de Petronilha, tem-se o princípio de “descontinuidade”, ou seja, os discursos são práticas descontínuas que se cruzam por vezes, mas que, também, se ignoram ou se excluem. Desse modo, os discursos da Petronilha não se articulam com os das outras entrevistadas. Na verdade, se ignoram e se excluem. As condições de possibilidades de acontecimentos desse discurso não se encontram nos discursos das outras entrevistadas. Não há regularidade.

A seguir, tem-se um fragmento dos discursos que Petronilha circula, e que indicam outras possibilidades de existência e de saberes, produzidos nas relações de poder.

[...] A gente tem que tentar é justamente reumanizar. [...] [...] **nos empenhar muito na formação política dos jovens [...] no sentido de uma construção de um projeto da sociedade que todo o mundo esteja contemplado. [...] é uma luta da sociedade, enquanto eu tiver fôlego** temos que brigar e trabalhar nesse sentido. (PETRONILHA)

O sujeito está investido em algumas “sociedades do discurso” que têm seus discursos tidos como verdadeiros e, portanto, dominantes. Ao mesmo tempo, integram, também, as “sociedades do discurso” que lutam e resistem a alguns desses discursos hegemônicos e possibilitam a ela uma atividade genealógica, a que Foucault (2008) denominou “insurreição de saberes dominados”. O fazer emergir dos saberes das lutas, das resistências e a utilização desse saber nas táticas atuais.

### 6.1.2 Emancipação feminina

Aqui, são destacadas duas questões que fomentaram o potencial emancipativo dessas mulheres, que foram os avanços na mobilidade social e na educação formal. Tanto em um aspecto quanto no outro, verificam-se importantes avanços, de uma geração para a outra.

Wilma, cuja mãe (na geração anterior) era quase escrava, passa para a condição de “do lar”: *“Disse que dizia tudo: e a sua mãe não ficou brava. Não a mãe não tinha tanta instrução, criada assim, quase como escrava. E quer dizer, daí eu disse que era caro. Sabia que ela não ia falar nada”*.

A entrevistada exerceu atividade de trabalho fora do lar até os 19 anos de idade, sendo que, dos 9 aos 14 anos de idade, realizou atividades de trabalho doméstico, em casa e fora. Dos 14 aos 19 anos de idade, trabalhou em uma livraria. Saiu para casar e nunca mais trabalhou fora. Após o falecimento do marido, tornou-se pensionista, ou

seja, a sua situação financeira não se alterou. Possui casa própria, diferente da mãe que morava de aluguel, onde mora com as filhas e netas.

Em relação à educação formal, estudou até a quarta série do primário. Outro avanço, porque a mãe não tinha instrução nenhuma: *“eu mesma já me agarrei desisti no quarto ano desisti, [...] Aí ali eu já encerrei por minha conta (risos). Dali era a quarta para fazer a quinta, daí eu não fiz a quinta”*.

Carmen concluiu o ensino médio e nunca trabalhou como empregada doméstica, diferente da sua mãe que criou as filhas trabalhando em casa de família, morando com a família para a qual trabalhava até que as filhas saíssem do internato: *“A minha mãe nunca deixou nem eu nem minhas irmãs se empregar em casa de família. Fiquei em casa até 18 anos, trabalhando em casa. Não fui trabalhar fora”*.

Após a saída das filhas do internato, a mãe da Carmen alugou uma casa. Carmen tem casa própria. É servidora pública aposentada. É solteira e não tem filhos. Possui boa condição financeira.

Vera também possui ensino médio completo. Nunca trabalhou fora, nem em casa. Diferente de sua mãe, que trabalhava em casa como alfaiate e costureira. Casou e continuou a mesma rotina: *“Depois já veio o casamento. Casamento como se diz: é da casa pra casa”*. Após o falecimento do marido, tornou-se pensionista, ou seja, a sua condição financeira também não se alterou. Mora em casa própria com um filho e uma filha.

Norma tem o ensino médio completo. Não conheceu a mãe e foi criada pela avó. É funcionária pública aposentada. A avó morava em casa própria no interior. Norma mora em Porto Alegre, de aluguel, e ajuda a filha solteira que mora em outra residência, também alugada. Os avanços analisados nesse caso são de Norma para a filha. A filha é formada em curso de nível superior e somente começou a trabalhar após a formatura, já na profissão escolhida. Diferente de Norma que atuou, antes de tornar-se funcionária pública, como empregada doméstica. Experiência que lhe rendeu amigos e um compadre, pois, um dos filhos da patroa que ela ajudou a criar é padrinho de sua filha. O relacionamento de amizade e carinho perdura até hoje: *“[...] trabalhei 16 anos naquela casa, criei todos eles [...] acho que tinha uns 20 anos [...] criei os guris tudo. Eles me chamavam de mãe. Aí depois eu vim embora, mas eu ia sempre [...] visitar, ficava, sempre [...] nessa família”*.

Petronilha é professora universitária aposentada, com experiência internacional como professora convidada ou em atividades de intercâmbio, com pós-doutorado, e uma

referência na sua temática de estudo no País: “*Sou professora emérita da Universidade [...] passei agora seis meses como professora visitante nos Estados Unidos*”.

A mãe da Petronilha também foi professora. Dava aulas particulares e atuou em escolas, não somente lecionando, mas como coordenadora/diretora. Assim, o avanço na mobilidade social e na educação formal, de uma geração para a outra, foram muito significativos.

### 6.1.3 Reconhecimento da diferença no trabalho

Nos fragmentos a seguir, verifica-se que Marisa teve uma experiência como empregada doméstica muito humilhante. Era tratada como miserável.

**Trabalhei em casa de família nove anos.** [...] nunca gostei de trabalhar em casa de família. [...] Eu fui muito humilhada. **Sabe aqueles pão seco? Davam pra gente.** A comida, tudo, **era só aquelas sobras ou então gostavam** muito de dar uma roupa usada, um calçado usado, uma coisa assim pra gente usar, **parece que a gente foi, e a gente era mesmo, era miserável, não tinha. Tinha que pegar aquilo ali.** Mas eu nunca gostei de casa de família. Eu sempre tive um quê comigo [...]. **Eu nunca gostei de ser diminuída, entende?** [...]. Eu fui muito humilhada que na época tinha que encerar a casa, encerar o apartamento **de joelho, no chão** [...] e tinha que dar brilho todas as peças do apartamento **de joelhos, no chão. E foi muita humilhação.** (MARISA)

Observa-se uma oposição a esse tratamento, uma revolta e, ao mesmo tempo, uma adesão: “*parece que a gente foi, e a gente era mesmo, era miserável [...] tinha que encerar a casa, encerar o apartamento de joelho, no chão [...]*”.

A realização de uma atividade de joelhos, no chão, remete ao trabalho realizado pelas escravas. Sobre o tema, afirma Hahner:

[...] a escrava de cor criou para a mulher branca das casas grandes e das menores, condições de vida amena, fácil e da maior parte das vezes ociosa. Cozinhava, lavava, passava a ferro, **esfregava de joelhos o chão das salas e dos quartos**, [grifos meus] cuidava dos filhos da senhora e satisfazia as exigências do senhor. Tinha seus próprios filhos, o dever e a fatal solidariedade de amparar seu companheiro, de sofrer com os outros escravos da senzala e do eito e de submeter-se aos castigos corporais que lhe eram, pessoalmente, destinados. (...) O amor para a escrava (...) tinha aspectos de verdadeiro pesadelo (HAHNER, 1978, p. 120 e 121).

Nesse caso, o efeito discursivo produzido é o de subserviência, por um discurso classista e, muito provavelmente, imbuído de racismo, desqualifica os sujeitos e os coloca em posição de servilismo, que se opõem, resistem, mas, em alguns momentos

fraquejam, aderem aos discursos hegemônicos: “*parece que a gente foi, e a gente era mesmo, era miserável, não tinha. Tinha que pegar aquilo ali*”.

No extrato a seguir, do tempo presente, tem-se a resistência. O tempo passou. Ela já está aposentada. Pode resistir, tem o poder de escolha, a liberdade de escolha.

Como para trabalhar as empresas não me querem. **E eu para sair daqui de dentro de casa para fazer faxina não vou. Detesto isso. Até poderei ir trabalhar numa área assim que faça limpeza como eu estava antes mas daí numa empresa [...]** (MARISA)

A seguir, apresenta-se um fragmento do discurso da Wilma em que relata uma experiência com a “diferença” vivenciada por sua mãe, filha de escrava:

[...] a minha mãe com os irmão dela que eram uns quantos se encontraram em adulto [...] **pra fora de primeiro é como dá nas novelas aí que tu vê, teve filho, já doava, já davam, tinham que dar. Difícil o patrão querer que ficasse aí pra trabalhar. Tinham que amamentar o filho do patrão.** Escrava [...] **ela não chegou a ser bem escrava [...]** escrava não, mas era como se fosse (risos) [...]. **A minha mãe foi filha de escrava. Conheci a veinha ainda que ficou com a anquinha assim duma porretada que a mulher deu** (ela demonstra com gestos e curvando o tronco). (WILMA)

Assim, a mãe da Wilma somente se reencontrou com os irmãos, na fase adulta, por meio da estratégia de um dos tios, que guardou a família para a qual cada irmão/irmã foi distribuído e, na fase de adulta, reuniu os irmãos novamente.

Diz que assim **um pobre quando tinha um filho, nessas casas, filho ou filha casada já sabia ia levar aquela ali, uma das criadas da casa pra tomar conta da outra casa. E minha vó teve bastante, mas aí foi todos assim, distribuídos.** E não sei como, [...] esse tio, ele guardou pra que lugar cada irmão foi, pra que família e aí, **em adulto é que se encontraram os irmãos.** (WILMA)

No fragmento a seguir, tem-se o relato da Carmen, que sofreu *bullying*<sup>21</sup> e racismo no ambiente de trabalho. É trazido um discurso histórico sobre o “medo que os brancos têm dos negros” (AZEVEDO, 1987) que trata do imaginário da elite branca no Brasil, sobre a população negra no século XIX, com resquícios que perduram e explicam a marginalização do negro.

Agora como dá no rádio, assim, essa coisa de **bullying lá na minha parte onde que eu trabalhava existia muito disso. Existia muito racismo porque o negro os brancos tinham medo.** Medo que eu fosse pegar uma chefia, porque eu era de quadro e eles tavam naquela parte celetista. Então **eu cansei de ver eles dizerem assim: não vamos ensinar ela, porque daqui há pouco ela vai tá de chefe e não me ensinaram mesmo.** O pessoal do setor é que fazia isso

<sup>21</sup> *Bullying* é um termo utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo ou grupo de indivíduos causando dor e angústia, sendo executados dentro de uma relação desigual de poder.

**e eu cansava de ver o diretor dizer pra eles; não podemos tirar ela, porque ela é de quadro. Mas eles não me deixavam trabalhar, se eu queria fazer uma coisa, então eu fiquei assim trabalhando [...], nas coisas mais fáceis. Eles não me deixavam fazer [...], que era pra eu não aprender, pra não pegar chefia. Eu passei tudo isso lá. Mas não me tiraram. Porque eles falavam: vamos mandar ela embora [...]. Não adianta porque eu não posso ela é de quadro. E fiquei e muitos daqueles já faleceram e agora os que faziam bastante assim, quando me enxergam na rua me cumprimentam, ficam olhando, porque eu subi. [...] E quando falou no rádio eu lembrei que o que aconteceu comigo foi isso *bullying*. E era bastante forte, só que não conseguiram me tirar. [...] o negro na época foi muito difícil. Eu nunca parei de trabalhar. Sempre ia todos os dias. Mesmo que eu tinha um chefe que era muito gozador. Em vez de ficar assim, não vou dizer que ele fosse ficar a meu favor, mas neutro. E ele não ficava, então quando começava aquelas galhofa de botar apelido, ele também era daquela panelinha. Mas eu nunca cheguei num diretor ou na chefia de lá pra fazer reclamação, porque era uma coisa assim geral. Eu mesma superei. Com muito sacrifício, mas eu superei. Força de vontade. Porque no serviço quando entra uma pessoa nova vai sempre alguém pra treinar aquela pessoa [...] e lá [...] não tinha, tu tinha que ser por ti. Se tu tinha que fazer uma pergunta eles não te diziam. Se eles te diziam, eles te diziam o contrário. Então tu fazia errado, voltava aquilo e aí começavam: ela não sabe nada, porque isso, porque aquilo. E era porque não me ensinavam [...] mas eu consegui. Demorou bastante um pouco, mas superei. [...] Eu tive chefes e chefas muito bons e um chefe muito grosseiro, que não tinha preparo [...] e as **serventas diziam: bah Carmen como tu é legal. Porque elas viam tudo.** A maioria daquele pessoal não existe mais. (CARMEN)**

Observa-se que o enfrentamento desses discursos foi feito por meio de estratégias de resistência, que atualmente podem ser mais bem definidas pelo termo “resiliência”, um conjunto de processos na vida que possibilitam a superação de adversidades, sem que isso se traduza em invulnerabilidade (YUNES, 2003; NADAL, 2007; CARVALHO, 2008).

Essa resiliência se materializa em procedimentos de resistência, mas sem inferir em uma luta declarada contra os opressores. Observa-se que Carmen travou uma luta silenciosa: *“o negro na época foi muito difícil”*.

Eu, como mulher negra, admito que, ainda hoje, é muito difícil tratar desse tema porque, com o racismo, e apesar dele, temos que trabalhar e precisamos de um ambiente saudável para que o trabalho não se torne um fator de sofrimento.

Então, na falta de ferramentas e instrumentos assertivos para o enfrentamento dessas situações, e pelo nosso não preparo – digo nosso, enquanto sociedade, formada por negros, brancos e amarelos – para lidar com essas questões que envolvem a nossa subjetividade, a nossa existência no mundo. Muitas vezes, ainda silenciemos acerca dessas situações.

Isso, ainda hoje, é um efeito do discurso de que vivemos em um País em que não há racismo e sim preconceito de classe, e de que o negro, ao ascender, ficaria livre do preconceito. Esse discurso permeou um sentimento de igualdade que não acontece na prática. Mas foi um discurso tão fortemente incutido na população brasileira que, ainda

hoje, poucos se “atrevem” a trazer a público as situações de racismo que estão naturalizadas em nosso cotidiano. De acordo com Nogueira:

Não obstante acobertar uma forma velada de preconceito, a ideologia brasileira de relações inter-raciais, como parte do *ethos* nacional, envolve uma valorização ostensiva do igualitarismo racial, constituindo um ponto de referência para a condenação pública de manifestações ostensivas e intencionais de preconceito, bem como para o protesto de elementos de cor contra as preterições de que se sentem vítimas. Além disso, dado o orgulho nacional pela situação de convivência pacífica, sem conflito, entre os elementos de diferente procedência étnica que integram a população, as manifestações ostensivas e intencionais de preconceito assumem o caráter de atentado contra um valor social que conta com o consenso de quase toda a sociedade brasileira, sendo por isso, evitadas. (NOGUEIRA, 2006, p. 12).

Diariamente, vivenciamos e assistimos situações de racismo, e compreender os discursos que legitimam esses efeitos discursivos é parte da luta para combater esses mesmos discursos. Nas palavras de Foucault:

[...] inquietação diante do que é o discurso em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita; inquietação diante dessa existência transitória destinada a se apagar sem dúvida, mas segundo uma duração que não nos pertence; inquietação de sentir sob essa atividade, todavia cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imagina; inquietação de suportar lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões, através de tantas palavras cujo uso há tanto tempo reduziu as asperidades. (FOUCAULT, 2013, p. 8-9).

No fragmento a seguir, é apresentada a fala da Petronilha, que aborda outro aspecto da diferença que envolve, além das questões de preconceito racial, a diversidade cultural da nossa população e o despreparo da escola para atender essa diversidade, ou melhor, acolher essa diversidade.

**[...] quais eram dois pontos: um é que até hoje os professores são educados pra lecionar uma classe social. Não importa se tu é branco, se tu vem do fundão do meio rural [...] É muito recente essa conversa de diversidade cultural, combate ao racismo, é recentíssimo [...] e a 5692 acaba com o exame de admissão ao ginásio, então o (colégio público) que recebia a classe média do quarto distrito passa a receber aluno da Ilha da Pintada, da Vila Farrapos [...] claro, as professoras todas com o melhor dos esforços pra fazer o melhor que se podia, mas era difícil, até porque a formação [...] colegas incríveis [...] a gente fez coisas muito interessantes, lembro de uma colega que queria, porque começou a aparecer assim: cheiro de suor. A professora com a melhor das intenções começa a dizer assim: olha a gente precisa de ter um desodorante, eu vou querer que todo mundo tenha. [...] aí o que a gente descobre que parte daquelas crianças viviam em um bairro que tinha um torneirão pra quatrocentas famílias. Aí como é que tu queria que essas crianças fossem perfumadas o dia inteiro. A gente começa a cair a ficha. A primeira grande atividade de português era Pedro e o lobo, uma atividade que não tinha nada a ver com as crianças. (PETRONILHA)**

O discurso apresentado sobre diversidade cultural vem se solidificando e já tem como efeito discursivo, em nossa sociedade, a formulação e implementação de leis específicas contra a discriminação de negros, indígenas e outros marginalizados pela sociedade. Sobre isso, afirma Silva:

[...] o CNE<sup>22</sup> formulou importante política curricular cujo objetivo é educar para relações étnico-raciais éticas, a partir do reconhecimento e valorização da participação decisiva dos africanos e de seus descendentes na construção da nação brasileira, do respeito e divulgação de sua cultura e história. Tanto a Lei nº 10.639/2003<sup>23</sup> quanto a Lei nº 11.465/2008, que determina a obrigatoriedade do estudo das histórias e culturas dos povos indígenas nas escolas brasileiras, propõem novos percursos para a sociedade democrática. Exigem medidas para a superação de preconceitos contra negros e indígenas, como também contra outros marginalizados pela sociedade, entre eles, ciganos, caiçaras, carvoeiros, empobrecidos, homossexuais, idosos, deficientes. (SILVA, 2010, p. 38-39).

## 6.2 SABERES DAS NEGRAS VELHAS: TRABALHO E SUAS RELAÇÕES

Segundo Bernardes e Hoesnisch (2003), por meio da linguagem construímos os discursos e os sentidos, criando o mundo no qual atuamos. O campo de atuação profissional é fundamental para a autonomia dos indivíduos, a construção da identidade, o reconhecimento social e o acesso aos bens materiais e simbólicos.

Assim, a maneira pela qual os grupos se inserem no mercado de trabalho revela, segundo dados do IPEA (2008, 2011), uma faceta da desigualdade entre homens, mulheres, brancos e negros. Sendo que a situação da mulher negra é sempre a mais precária.

Desse modo, esta investigação se constitui em uma tentativa de apresentar os discursos das negras velhas sobre trabalho e suas relações com os discursos que produzem, ainda, essas desigualdades.

Um dos principais discursos em relação ao trabalho, nas sociedades capitalistas – além da exploração do homem pelo homem por meio do trabalho e a consequente alienação de sua essência, pois o produto do seu trabalho não lhe pertence – é o de que o trabalho é um símbolo de liberdade, que possibilita a independência e a autonomia dos indivíduos. Além disso, gera riqueza, por meio da *mais valia*, que é o excedente de

<sup>22</sup> CNE – Conselho Nacional de Educação.

<sup>23</sup> A Lei nº 10.639/2003 introduziu alterações na Lei nº 9.394/96 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, ao determinar a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras na Educação Básica.

tempo (do trabalhador) e da produção (de mercadorias) que fica somente para o patrão, caracterizando, assim, a exploração.

Esse discurso continua válido, mas as relações já não são mais tão objetivas e precisas, e se materializam por meio de outros discursos em que a categoria trabalho deixa de ser central. Assim, emergem outras categorias de caráter subjetivo, que vêm ao encontro desse cenário complexo e diversificado das formas de trabalho.

A partir do momento em que o trabalho deixa de ser central na vida das pessoas, proliferam discursos sobre o seu significado e a posição hierárquica que ele passa a ocupar.

A perspectiva sócio-histórica enfatiza a motivação que, segundo ela, independe do sujeito, ou seja, independe do sentido que o sujeito dá ao trabalho e da sua motivação. Verifica-se que esse discurso se articula com os discursos das negras velhas, conforme mostram os fragmentos a seguir.

[...] trabalhei de auxiliar de refeitório, **bem puxado, cansativo, mas eu gostava, gostava bastante, porque elas sempre me escolhiam pra fazer o que era mais bonito, o que era mais importante.** [...], eu que corria, colocava aquelas trunfas bem engomadas e guardapol bem engomado, **e me destacava bastante** [...]. No balcão eu também servia [...] e eu **sempre fui muito elogiada.** Em todo o lugar que eu trabalhei **eu sempre fiz a diferença** e aí depois eu [...] fiz o curso de auxiliar de nutrição e logo que eu cheguei elas já falaram **era uma pessoa assim como tu que a gente queria. Aí já foi outro destaque. Aí eu fiquei me destacando 21 anos** [...]. (MARISA)

No fragmento apresentado, observa-se o poder coercitivo do discurso, no sentido de que os elogios, o destaque, o fazer a diferença, o ser sempre a escolhida fazem parte de um procedimento que Foucault (2013) denominou como “o ritual”, que define a qualificação que devem possuir os indivíduos para ocupar determinadas posições. Define gestos, comportamentos e circunstâncias e todo o conjunto de signos que deve acompanhar o discurso, fixando a eficácia suposta ou imposta das palavras – seus efeitos sobre aqueles aos quais se dirigem.

Desse modo, pode-se depreender que esses discursos motivadores (elogios, destaque, fazer a diferença) exercem o poder de coerção e, conforme pressupõe a perspectiva *sócio-histórica*, independem do sentido que o sujeito atribui ao trabalho.

De acordo com os discursos *construcionistas*, os significados são constituídos pelos saberes tidos como de senso comum; um saber coletivo da sociedade, constituído pelas experiências subjetivas armazenadas.

**O meu pai foi para Candiota como se diz: deixar o terreno pronto pra depois chegar os engenheiros e assinar embaixo.** (VERA)

No discurso acima, percebe-se o procedimento de “oposição verdadeiro e falso” ou “a vontade da verdade” (FOUCAULT, 2013) que separam o saber da ciência (materializado na figura do engenheiro) e o saber das pessoas (materializado no saber do pai de Vera, que faz o serviço, mas não assina embaixo). Isso nos remete ao procedimento “autoria”. Esse saber de que alguns são autorizados a realizar, mas não autorizados a assinar, é um saber coletivo. É um discurso coletivo. Quem faz tem um saber não legitimado. Quem tem o seu saber legitimado é quem assina.

No discurso, também há a presença do procedimento “interdição”. Segundo Foucault (2013), sabe-se que não se tem o direito de dizer tudo o que se quer, mas o que o contexto permite que seja dito. Esse procedimento se ajusta a partir da compreensão de que os discursos devem ser entendidos em sua materialidade, de ditos ou escritos.

A seguir, outra passagem da fala da participante Vera.

**Dizem que as coisas acontecem porque tem que acontecer** se não foi naquela época é porque alguma coisa desviou. Não era pra ser. (VERA)

Nessa passagem, verifica-se o procedimento “comentário”, que nega a existência do caráter subjetivo da linguagem – compreendida em uma dimensão unívoca (UCHÔA, 2013) – e nos remete a outro procedimento, o da “separação”, pois, esse discurso está, também, “secretamente investido”. Ele possui estranhos poderes: o de pronunciar o futuro, o de enxergar com toda ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber.

E também se faz presente o procedimento de “autoria”, pois é um discurso coletivo: “*Dizem que as coisas acontecem porque tem que acontecer [...]*”. Quem diz? Quando diz? Em que tempo? É um discurso histórico, apropriado por diversos sujeitos ao longo da existência desse discurso, até que um dia ele desapareça.

Há discursos (BORGES, 1997) que apontam que o trabalho na esfera da vida ocupa o segundo lugar, e a família o primeiro. Novamente, observa-se a articulação desse discurso ao saber das negras velhas, em um sentido que contempla exatamente essa hierarquização.

**Eu ia casar, mas não casei naquele ano.** Poderia esperar dois, três anos mais e ter estudado, me formado. [...] mas se eu me formasse, **ele não ia querer que eu lecionasse, já ia ficar frustrada [...] foi contra sempre eu trabalhar fora. E aí a gente trabalha mais em casa.** (VERA)

Percebe-se, nesse fragmento, o quanto o discurso sexista estava presente especialmente na vida das participantes da pesquisa que tinham como atividade laborativa principal “do lar”. Tem-se, também, a materialização desse discurso na fala da participante Wilma, também “do lar”.

**[...] sai da livraria para casar. [...] De primeiro as pessoas casavam e ficavam em casa. A não ser que tivesse filho e tivesse mesmo que ajudar. [...] O meu dinheiro funcionava, dava. Sabendo. A casa já tinha [...]. (WILMA)**

Nos discursos a seguir, de Petronilha, observa-se a articulação com os três componentes da perspectiva cognitivista na compreensão do trabalho. Primeiro, um componente subjetivo, variável por refletir a história pessoal de cada um. Petronilha é filha de professora, o que a coloca em uma situação mais favorável em relação às outras nas questões relacionadas à educação. Mas, ao mesmo tempo, a sua escolha por também tornar-se professora é uma “reprodução”. Mãe professora, filha professora – um discurso recorrente na época para as mulheres. O ingresso das mulheres no mundo do trabalho se deu com o aval dos discursos sexistas na profissão de professora: feitas para serem mães e professoras (VILLELA, 2010).

**[...] a professora veio aqui em casa dizer que tinha um lugar para eu ir lecionar em Rio Grande, em uma escola Normal, para eu ser coordenadora. [...] Eu queria ficar em Porto Alegre, comecei a lecionar [...]. Eu fiz o concurso pra Português e pra Francês. Entrei em 6º lugar nos dois e escolhi ficar com o Português, já que (nos outros colégios) eu lecionava francês. [...] Abriu concurso no Estado eu fiz para Português e Francês. Fiquei em 40º no Português e em 1º lugar no Francês. (PETRONILHA)**

O segundo componente da perspectiva cognitivista entende o trabalho como um construto em permanente processo de construção, ou seja, as relações de trabalho vão se modificando e os indivíduos vão se adaptando e, também, propondo outros caminhos, realizando as suas escolhas, que colocam em evidência outros olhares e formas de ver o mundo. Outros sujeitos entram em ação e o mundo do trabalho segue em permanente construção. A seguir, é apresentado o fragmento das falas de Petronilha, que se articulam com essa perspectiva.

**[...] recebi a bolsa do governo francês para estudar Literatura na França [...] em Nice. Foi a minha primeira grande experiência de viver no exterior. [...] Fui coordenadora pedagógica por bastante tempo em uma escola particular [...] e em uma escola pública. [...] me inscrevi no Instituto de Planejamento em Educação Paris e fui selecionada [...] como a gente é corajosa e quando quer alguma coisa [...]. Interrompi o mestrado. Fiz o estágio nesse Instituto. Uma experiência rica com pessoas do mundo inteiro, do mundo pobre, eu era a única brasileira, na ocasião. [...] quando eu fui nós estávamos justamente trabalhando, fazendo o**

diagnóstico, escrevendo o Segundo Plano Estadual da Educação [...] e estavam me esperando para escrever. **A responsabilidade da redação ficou comigo. Voltei fiz isso e defendi o Mestrado.** [...] Quando acabou tudo eu **fui chamada pela presidente para ser do Conselho de Educação do Estado [...] da Assessoria do Conselho.** [...] Uma coisa que era boa no Conselho é que tu eras de uma área, [...] mas se faltasse alguém em outra área **tu tinhas que ter competência e formação, tu não era a especialista, então nós transitávamos nas diferentes áreas.** [...] **Fiz o concurso e fiquei em segundo lugar [...] eu comecei a lecionar redação técnica na universidade pública** como horista [...] e fui lecionar quase a mesma disciplina **na universidade privada**, até entrar no Doutorado. **Trabalhei 12 anos na universidade privada. Depois eu me demito e fui pra Universidade pública em São Carlos (SP) até me aposentar, em 2012.** (PETRONILHA)

### 6.2.1 Algumas considerações sobre os saberes do trabalho

Os saberes das negras velhas acerca do trabalho, suscitados nesta pesquisa, “Reconhecimento da diferença no trabalho” e “Potencial laborativo” nos conduz a uma constatação importante: o quanto as mulheres negras, apesar de ainda estarem em número incipiente, conseguiram avançar em relação ao mundo do trabalho.

Hoje, temos profissionais negras em todos os segmentos. Mesmo nas profissões mais elitistas, como a medicina. Temos mulheres negras em cargos de chefia, especialmente em empresas públicas, e muitas empreendedoras que, por meio do seu próprio negócio, conseguiram ingressar, manter-se e prosperar no mercado de trabalho.

Isso se deve muito aos avanços no reconhecimento do racismo e de suas consequências, além do resultado da atuação dos movimentos sociais, como o movimento negro e o movimento de mulheres negras na luta por políticas mais eficazes e direcionadas a essa população que engrossa o quantitativo de pobres no Brasil. Pois, já de muito tempo, se sabe que a pobreza no Brasil tem cor: ela é, majoritariamente, negra.

Dentre as mulheres entrevistadas, somente uma possuía escolaridade em nível superior, com qualificações posteriores (mestrado, doutorado e pós-doutorado). As demais possuem nível médio ou fundamental, e oscilam entre completo e incompleto. Essa constatação vai ao encontro do que Charlot (2000) denominou processo desumanização, que faz com que certas pessoas, por suas características, sejam “proibidas de ser”. E isso aconteceu com a maioria dessas mulheres no mundo do trabalho.

Elas tinham potencial, tinham talento, mas não puderam se desenvolver, em razão das restrições e limitações do seu ambiente, da precariedade das condições de vida em que estavam inseridas.

Mesmo assim, observa-se que Wilma trabalhou somente até casar, e Vera nunca trabalhou fora. Seus maridos foram funcionários ou servidores públicos, o que lhes deu certa estabilidade. E, após o advento da viuvez, continuaram mantendo-se com os proventos das pensões, o que não implicou mudança do padrão de vida.

Carmen não precisou atuar como empregada doméstica, profissão que a sua mãe desempenhou para criar as filhas. A mãe da Carmen fez um esforço para que ela tivesse outro destino. Investiu na educação possível.

Já a mãe de Petronilha, que era professora, pôde oferecer à filha oportunidades amplas de desenvolvimento do seu potencial, o que resultou em uma profissional com pós-doutorado, com experiência internacional, fluente em mais de um idioma e que ocupa um lugar privilegiado no mundo do trabalho: professora universitária. Uma mulher cujo ofício é todo intelectual, em contraposição aos discursos que relacionam os negros a serviços braçais, pesados e de pouco ou nenhum *status*, e a mulher negra aos serviços de limpeza em empresas ou em residências.

As participantes Marisa, Wilma e Norma, em algum momento, ocuparam a posição de empregada doméstica. Marisa detestava essa atividade. Sentia-se humilhada. Norma não relata nenhum conflito em relação a esse trabalho, e destaca a relação de respeito e carinho da família para com ela. Uma família com quem ela mantém laços sociais até hoje, sendo um dos filhos da sua ex-patroa padrinho de sua filha. Wilma, neta de escrava, realizou essas atividades por necessidade, “*para ganhar um troco*”, mas sente-se feliz por não precisar mais trabalhar na “*casa dos brancos*”. Ela conviveu com essa realidade de trabalho ainda muito próxima ao trabalho escravo.

Este estudo desvela um pouco da identidade dessas mulheres acerca do trabalho, e traz algumas informações sobre a transição do trabalho escravo para o trabalho livre, pois as entrevistadas pertencem à segunda geração após a abolição da escravidão, revelando que muitas das mulheres negras continuaram atuando como se escravas fossem.

Elas reconhecem a diferença no ambiente de trabalho, que não valoriza e não aceita a mulher negra em posições superiores. Isso vem rechaçar o discurso da meritocracia, tão utilizado quando se fala em cotas para negros, demonstrando que o racismo impede, sim, o acesso dos negros a empregos melhores. E o que está em jogo não é a competência, e sim a cor do sujeito e as relações de poder.

Ao mesmo tempo, as narrativas de Petronilha mostram que, por meio do acesso à educação, e também pelo meio social em que estava inserida, conseguiu ascender na profissão, tornando-se uma referência nacional e internacional em sua área de atuação.

Petronilha tinha um único obstáculo a mais a superar em relação às outras mulheres brancas de mesma formação e meio social: a cor da sua pele. E ela conseguiu por meio da sua qualificação e rede de relações.

## **7. SABERES DA SEXUALIDADE**

A sexualidade é uma das dimensões do ser humano que envolve gênero, identidade sexual, orientação sexual, erotismo, envolvimento emocional, amor e reprodução (CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004).

Entende-se, também, a sexualidade como uma construção histórica, social e cultural, que também compreende os conceitos de linguagem, corpo e cultura. E todo o saber é uma construção humana (FURLANI, 2007, p. 11-12).

Portanto, a sexualidade, bem como os outros saberes, não é dada ou “natural”, mas sim construída por sociedades que possuem intencionalidade nessa construção.

A sexualidade, segundo Foucault (2002), é aquilo que se faz confessar em determinadas condições para se controlar e governar os corpos dos indivíduos. Assim, consiste em uma produção humana, criada com a finalidade estratégica de possibilitar que uns governem as condutas dos outros em relação aos seus corpos, prazeres, comportamentos e escolhas de parceiros. (LEMOS; PALHARES; PINHEIRO; LANDENBERGER, 2015).

O tema sobre a sexualidade na velhice ainda é um assunto polêmico e pouco debatido. As igrejas teriam contribuído consideravelmente para a desvalorização da sexualidade e do erotismo, considerando que tal assunto fosse algo de que o velho deveria se envergonhar e sobre o qual se calar. (LEMOS; PALHARES; PINHEIRO; LANDENBERGER, 2015).

O que interfere na vida sexual dos velhos são mais questões de ordem psicológica e social do que da ordem das limitações orgânicas. Na velhice, e em qualquer outro momento da existência das pessoas, o sexo – assim como as outras instâncias da vida – não deixa de se fazer presente. Ele se reinventa, toma novas formas e expressões; não tem mais a exuberância e turbulência de quando se é jovem, mas, mantém toda a carga emotiva e afetiva que há em todo e qualquer relacionamento, independentemente da idade, da raça ou da opção sexual.

A sexualidade está envolta em muitos mitos. Um deles é o de que os idosos/idosas seriam assexuados, desprovidos de desejos e de vida sexual, como se os anos lhes trouxessem uma inapetência nesse aspecto vital do desenvolvimento humano (GONZALEZ; BRENES, 2007). Esse pensamento, cada vez mais, vem sendo desmistificado pelos estudos feitos sobre sexualidade e envelhecimento.

A sexualidade também está, como tudo, sujeita a estereótipos. Segundo Larrosa (1994, p. 43), “estereótipos são os lugares comuns do discurso, o que todo mundo diz, o que todo mundo sabe. Algo é um estereótipo quando convoca mecanicamente o assentimento, quando é imediatamente compreendido”.

Desse modo, “velho tarado” e “velha assanhada” são adjetivos, muitas vezes, dirigidos aos idosos quando manifestam interesse sexual. Ou seja, a sociedade não encara, naturalmente, o desejo dos velhos como legítimo, e sim como um despropósito.

O desejo, a excitação e o orgasmo, de uma forma mais ampla, possuem características psicológicas, visuais e táteis e não necessariamente genitalizadas, o que facilita a continuidade do encontro amoroso que pode ser vivenciado durante toda vida do ser humano, independentemente de sua idade. O velho constrói outras formas de expressar sua sexualidade, porém, não abandona o ato sexual propriamente dito.

Esse fato está sendo cada vez mais evidenciado pelo aumento constatado na taxa de pessoas idosas sendo diagnosticadas com o vírus da imunodeficiência humana (HIV).<sup>24</sup> A ocorrência de HIV nessa faixa etária deve-se, principalmente, à revolução sexual que acontece nessa fase e à falta de campanhas de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis (DSTs)<sup>25</sup> na velhice. Em virtude do aumento do uso do Viagra<sup>26</sup> pelos homens, e pelas reposições hormonais feitas pelas mulheres, as pessoas acima de 65 anos de idade estão mais ativas sexualmente. Porém, há desinformação das pessoas dessa faixa etária a respeito dos cuidados que se deve ter quando se tem uma vida sexualmente ativa na velhice.

Segundo o Portal Albert Einstein,<sup>27</sup> cerca de 50% das pessoas acima de 60 anos de idade – casadas ou que têm parceiros sexuais – relatam a prática de sexo a cada 15 dias, mais ou menos.

Segundo Debert (2013), da década de 1970 para cá, evoluiu-se de uma concepção em que a velhice é considerada uma fase de decadência física e de perda de

---

<sup>24</sup> O vírus da imunodeficiência humana (HIV, do inglês *human immunodeficiency virus*) é um lentivírus que está na origem da síndrome da imunodeficiência adquirida (Aids), uma condição em seres humanos na qual a deterioração progressiva do sistema imunitário propicia o desenvolvimento de infecções oportunistas e cânceros potencialmente mortais.

<sup>25</sup> Doenças ou infecções sexualmente transmissíveis, conhecidas comumente por DST ou IST, são doenças infecciosas que se transmitem essencialmente (porém não de forma exclusiva) pelo contato sexual. Antigamente eram denominadas de doenças venéreas.

<sup>26</sup> Citrato de sildenafila é um fármaco que é vendido sob os nomes de Viagra (usado no tratamento da disfunção erétil no homem – impotência sexual).

<sup>27</sup> <http://www.einstein.br/einstein-saude/bem-estar-e-qualidade-de-vida/Paginas/quem-disse-que-o-sexo-perde-o-seu-encanto-na-terceira-idade.aspx>

papéis sociais – na qual a vivência sexual praticamente se extingue – para outra em que uma sexualidade ativa e gratificante é pré-requisito para uma vida saudável e feliz. Nessa concepção, segundo a autora, o sexo torna-se quase uma obrigação.

Ainda, segundo a autora, existe um descompasso entre as percepções da velhice presentes nos discursos hegemônicos, de um lado, e na experiência dos próprios idosos, de outro, igualmente isso ocorre, também, no campo da sexualidade. A visão “oficial” aborda o erotismo na terceira idade de um ponto de vista da manutenção da juventude. De acordo com Debert (2013), “Não consta nenhuma intenção de promover, do ponto de vista estético, os corpos envelhecidos”.

Esse entendimento é compartilhado pelos autores Viera; Miranda e Coutinho (2012) quando afirmam que os fatores relacionados com a estética e com a juventude – extremamente valorizados na cultura atual para o gênero feminino – faz com que as mulheres idosas se sintam inferiorizadas por não mais se encaixarem dentro desse padrão. Assim, o corpo da mulher madura não tem a silhueta de uma mulher jovem, mas é preciso se descobrir nesse corpo, mais flácido, com mais rugas, menos tônus e, também, ser feliz.

É de extrema importância poder pensar que, a partir da redescoberta do sexo e do amor, o idoso reconquista o lugar vital de homem e de mulher, e não mais o de velho, que tem como futuro o fim da vida (CARLOS;SANTOS, 2003). Para os autores, é na relação com o *outro* que está a importância da redescoberta do desejo de viver:

As fantasias sexuais, sob forma de sonho, ou sublimadas em expressões artísticas, retomadas na relação direta de namoro ou na relação com os familiares, netos, bisnetos, amigos, recolocam a vida viva, independentemente da idade ou da limitação física do velho. A capacidade de amar não tem limite cronológico. O limite está no psicológico, no preconceito e na intolerância social. O limite não está no real do corpo, ou na capacidade de sonhar, de simbolizar, de viver a vida. (CARLOS;SANTOS, 2003, p. 61).

Na pesquisa sobre discursos que relacionam sexualidade e envelhecimento (DEBERT, 2013;VIEIRA, MIRANDA, COUTINHO, 2012)), não se verifica nenhum discurso acerca da possibilidade da realização libidinal por meio da *sublimação*, que seria o desvio da realização libidinal para outras formas, socialmente aceitas, como o cuidado com outras pessoas (mãe, filhos, netos, amigos) e, menos ainda, pelo cuidado de si, o que, no aspecto da sexualidade, pode dar-se, por exemplo, pela masturbação,

que já é praticada entre as idosas, conforme atestam as pesquisas.<sup>28</sup> Segundo Negreiros (2004), “[...] explorar o próprio corpo pode ser uma forma alternativa de satisfação, quando não existe parceria disponível, derrubando-se o mito de que a masturbação é uma atividade infantil e regredida”.

Segundo estudos de Viera; Miranda; Coutinho (2012) e Vasconcellos *et al.* (2004), as ocorrências externas comuns na velhice, tais como a falta de parceiro, também são colaboradoras para o declínio da vida sexual.

A abstinência sexual, para muitos analistas, revela a carga de uma moralidade conservadora que está introjetada nos indivíduos, definindo o certo e o errado e, dessa forma, influenciando na manifestação ou não dos seus desejos. De acordo com Negreiros:

Ressalte-se, também, que as idosas de hoje foram educadas num código de sexualidade ainda muito rígido – o que é próprio ou impróprio; o que é natural, agradável, normal, ou ao contrário: danoso, excessivo, insultuoso; aquilo que é passível de admiração, aceitação ou, inversamente, de repulsa, negação. (NEGREIROS, 2004, p. 81).

A maioria das viúvas, nesses estudos, mencionou que, após o falecimento de seus maridos, não mais mantiveram relação sexual, em razão de que algumas delas foram educadas para ter um só parceiro e que a falta desse companheiro, associada à idade, não as estimularam a procurar outro. Algumas também destacaram a dificuldade de encontrar um companheiro da mesma faixa etária, pois, como as mulheres tendem a viver mais anos do que os homens, há mais viúvas do que viúvos. Na geração dessas mulheres, a iniciativa da conquista (conforme o costume) cabia ao homem, e à mulher (a todo tempo), saber conservar o seu valor, em razão das distinções nítidas entre os papéis de gêneros e a moral sexual fortemente vigiada. Isso explicaria por que muitas mulheres não manifestam insatisfação perante a ausência do relacionamento sexual.

Mas, a opção de viver só, segundo os autores, pode estar relacionada, também, à insatisfação de relacionamentos anteriores, especificamente à qualidade da relação conjugal e sexual desenvolvida ao longo da vida. De acordo com Rosa Cristina Cavalcanti de Albuquerque Pires:

Para outras mulheres, até então, o sexo já vinha sendo vivido como uma grande fonte de conflito e sentem-se “aliviadas” e “gratificadas” por terem

---

<sup>28</sup> <http://www.portaldoenvelhecimento.com/revista-nova/index.php/revistaportal/article/viewFile/159/159>;

uma velhice sem sexo, isso de forma socialmente aprovada. Outras, por vez, ao chegarem à terceira idade, cansaram-se dos padrões rotineiros. A repetição das mesmas atitudes sexuais causa tédio sexual. Há também a fadiga emocional, aquela devido aos problemas conjugais, onde sentimentos de desapontamentos, tristeza, medo, rejeição perturbam o funcionamento sexual. Tudo isso servindo de motivo para um desistir da vida sexual. Outro mito ligado à assexualidade da velha é o de acreditar que elas costumam rejeitar as atividades sexuais pelo fato de, ao longo de suas vidas, não terem sido estimuladas de forma satisfatória por seu/s companheiro/s, tendo praticado sexo de forma mecânica e não prazerosa, não atingindo muitas vezes o orgasmo. (PIRES, 2004, p. 3).

Assim, verifica-se que a questão da sexualidade permanece, ainda, envolvida em discursos que exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes (FOUCAULT, 2013, p. 9).

## 7.1 SABERES DAS NEGRAS VELHAS SOBRE SEXUALIDADE

Do mesmo modo que nas temáticas anteriores, o critério utilizado para a definição das categorias foi a presença desse saber nas narrativas de, pelo menos, duas participantes. Assim, os saberes das negras velhas selecionados foram denominados como “Não ao sexo rei”.

### 7.1.1 Não ao sexo rei

No saber denominado “Não ao sexo rei”, é utilizado o enunciado de Michel Foucault (2008, p. 229) em sua obra “Microfísica do Poder”, que liga a sexualidade à procura da verdade, para estabelecer uma inversão estratégica de uma mesma vontade de verdade. Ou seja, há discursos sobre a sexualidade que funcionam como instrumento de controle e de poder, utilizando o que dizem as pessoas, o que elas sentem e o que elas esperam, e explorando a tentação de acreditar que é suficiente para ser feliz ultrapassar o umbral do discurso e eliminar algumas proibições (FOUCAULT, 2008, p. 233).

Mas, é possível, segundo Foucault, contornar tais discursos, fazendo surgir respostas em forma de desafio:

[...] está certo, nós somos o que vocês dizem, por natureza, perversão ou doença, como quiserem. E, se somos assim, sejamos assim e se vocês quiserem saber o que nós somos, nós mesmos diremos, melhor que vocês. (FOUCAULT, 2008, p. 234).

E, com essa perspectiva, passa-se, agora, à descrição e análise dos saberes das mulheres negras velhas acerca da sexualidade.

Na fala a seguir, de Marisa, tem-se um discurso conservador que adere aos discursos sexistas da época sobre “a mulher para casar não ser a mesma para se divertir”.

Ao mencionar os seus relacionamentos amorosos, observa-se o quanto ela tinha um comportamento que, em suas palavras, “*não servia pra eles*”, pois ela era “*muito madura, muito seca*”. Utilizando sinônimos dessas palavras, pode-se dizer que “madura” se refere a ser pouco ingênua e/ou ser determinada. E “muito seca” – pelo caráter de objetividade nas relações – mostra que ela queria um relacionamento sério, e não uma diversão.

Depois, de muito tempo, do Fulano, do Beltrano, do Sicrano, [...] bem mais tarde, ai apareceu outro [...] mas não deu certo. **Os caras queriam era diversão, mas nunca eu dei entrada pra diversão, então, como eu era muito madura, muito seca, assim, já não servia pra eles.** Aí a gente desmanchou. (MARISA)

Esse discurso sobre “a mulher para casar não ser a mesma para se divertir” aparece, novamente, de forma direta, na fala da Wilma, no extrato a seguir.

Meu tempo de moça, **de primeiro, os rapazes, mesmos podiam ter se servido da moça e depois eles vinham, eles mesmos agarravam e gritavam, falavam: “Essa aí não dá pra tá no grupo, nem pra frequentar o baile”.** Isso eu lembro bem. E tinha [...] bonitinha **que a gente escolheu pra ser rainha do nosso grupo, naquela ocasião, e aquela também a gente teve de desistir,** eles mesmo podiam ter se servido, mas não deixavam. (WILMA)

Verifica-se uma adesão ao discurso sexista da época, apesar da consciência de que “*eles mesmo podiam ter se servido, mas não deixavam*”. Ou seja, havia um reconhecimento do caráter preconceituoso, pois os rapazes que se “serviram” da moça eram os mesmos que “*agarravam, gritavam, falavam: ‘essa aí não dá [...]’.*” Mas, havia a aceitação – por parte da entrevistada, das mulheres e da sociedade da época – desse discurso hipócrita e machista.

Foucault discorre sobre as formas pelas quais as relações de poder fazem com que, no corpo, sejam materializados elementos exteriores a ele:

[...] o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder tem alcance imediato sobre ele, investem-no, marcam-no, controlam-no, supliciam-no, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais [...] o corpo só se torna força útil se for simultaneamente corpo produtivo e corpo submisso [...]. Trata-se, de alguma maneira de uma microfísica do poder [...]. Esse poder [...] não se aplica pura

e simplesmente, como uma obrigação ou uma proibição, aos que “não têm”; ele os investe, passa por eles e através deles; apoia-se neles, do mesmo modo que eles, em sua luta contra esse poder, apoiam-se por sua vez nos pontos em que ele os alcança. (FOUCAULT, 1987, p. 29-30).

Desse modo, a sexualidade das mulheres é regulada, vigiada. E, na luta contra esse poder que se materializa nos corpos, uma das estratégias pode ser se apoiar nos pontos em que esse poder os alcança, aderindo.

Esse discurso que regula e vigia o corpo feminino, pelo qual se manifesta a sexualidade, está materializado nos enunciados como: “aos homens tudo, às mulheres nada”; ou seja, serviram-se das moças no passado e se servem até hoje, apoiados em enunciados. E outros como: “no homem nada pega” e “é um garanhão”.

Enfim, discursos que conferem aos homens um lugar privilegiado, uma relação de superioridade em relação às mulheres, que se tornam as únicas responsáveis ou irresponsáveis pela manutenção e subserviência aos discursos que veiculam uma ordem de moral e bons costumes. São as principais receptoras de enunciados como: “vagabunda”, “puta” ou, mais recentemente, “piriguete” se apresentam comportamentos que polemizam ou se contrapõem a esses discursos.

A seguir, tem-se o fragmento da fala de Marisa sobre o que é uma relação que ela considera “*direitinha*”.

[...] apareceu o Fulano, [...] aquele cara me encantou. [...] **Ai, quando ele me viu ficou doido** [...]. Aí começou o namoro [...], foi namorar comigo na porta da casa, **mas eu já botei a ordem: Se tu chegares aqui [...] nove horas, dez horas tens que ir embora [...] não pode ficar aqui. Ai tinha aqueles beijos, mas não era aquele troço, coisa louca, né. [...] Ai ele fez um namoro direitinho também. Nada de coisas muito alteradas, tudo com muito cuidado [...] até que nós casamos.** (MARISA)

Observa-se que é uma relação com regras bem estabelecidas, em conformidade com os discursos moralistas da época, com os quais Marisa se articulava, conforme explicitado na fala “*tinha beijos, mas não era aquele troço, coisa louca, né*”. Ou seja, “*tudo com muito cuidado [...] até que nós casamos*”.

Desse modo, o ritual é realizado e respeitado. Não há transgressão. O relacionamento não é para “diversão”, e sim para “casamento”. Mas, mesmo assim, observa-se que Marisa se permitiu o direito de escolha de quem seria o eleito. Foi uma escolha recíproca: ela ficou encantada por ele, e ele ficou doido por ela.

Nas falas da Norma, a seguir, verifica-se a materialização do enunciado “onde existe poder, existe resistência” (FOUCAULT, 2008).

Fiquei em Cachoeira **ai eu conheci o pai da minha filha. Aquele amor de primeira vista, aquelas coisas, tudo, tudo. E [...] fiquei toda a vida com ele. A minha filha está com 37 anos fiquei com ele o quê, 36 anos. Nunca me casei. Nunca escondi [...] da minha filha.** Com quatro anos ela me perguntou: **quem era a filial? Eu sempre disse pra ela quem era.** [...] tudo camuflado, escondido, sabe como é que é naquele tempo. (NORMA)

No fragmento apresentado, observa-se que Norma resistiu ao discurso hegemônico da época, que regulava e vigiava os corpos, sob a máscara de manutenção da moral e dos bons costumes. Ela manteve por 36 anos uma relação com um homem casado. Ela era a “filial”. Teve uma filha e nunca escondeu da filha a sua condição no relacionamento.

Por meio dessa estratégia de resistência, ela se permitiu viver um “*amor de primeira vista, aquelas coisas, tudo, tudo*”. Ela viveu esse amor camuflado, escondido. Resistiu secretamente. Não polemizou, nem se opôs. Seguiu o ritual da época. Esse comportamento pode ser considerado uma estratégia de adesão e submissão ao regime da época ou uma estratégia de resistência. Fingindo aderir, mas secretamente transgredindo.

No relato da Norma a seguir, verifica-se uma condição que é silenciada nos discursos sobre a sexualidade na velhice, que são as mulheres virgens. Esse discurso não circula. E o silêncio, segundo Foucault (2013), é uma forma de exclusão, é um procedimento de exclusão desse saber.

**Nunca fui namorada.** A Beltrana, 65 anos **morreu virgem. A Fulana e a Sicrana também (são virgens).** [...]. **Homem aqui dentro eu não quero. Porque eles não estão respeitando.** Fui noiva em Dom Pedrito. Namorei um cara em Cachoeira, [...] Quando eu fui pra Dom Pedrito a gente noivou, depois eu voltei pra Cachoeira do Sul **a gente terminou porque ele era muito mulherengo** [...]. (NORMA)

Esse procedimento de exclusão dos discursos sobre sexualidade e velhice, da virgindade das mulheres velhas, coaduna, também, com a exclusão dos discursos sobre sexualidade e envelhecimento, da prática da masturbação que, tal como a sublimação, não se apresentam como possibilidades de satisfação e realização da sexualidade.

No extrato a seguir, tem-se a fala da Carmen acerca dos motivos que a levaram a não namorar. Ela não aceitou ser governada pela mãe e pela irmã. Ela se opôs, mas do mesmo modo que Norma, de forma secreta. Resistiu secretamente.

Eu não namorava quase. **Namorado eu não gostava porque [...] tinha que ser aquilo. Eu era muito independente porque não podia conversar quase, porque tinha que ser o regime que minha mãe impunha ou a minha irmã.** [...] então pra mim não dava [...] então eu nunca

**namorava [...] namorava assim, não era nem namoro era uma pessoa se dando com outra porque quando eu via que queria se invocar muito eu já despistava, dava um jeito. Eles ficavam meus amigos, mas não era namoro. Porque queriam me governar e eu achava que não podia ser. Tinha que ser como eu achava que tinha que ser. O meu jeito e não o jeito assim, ser governada por mãe e por irmã, não mesmo. Não aceitei nunca. (CARMEN)**

Na transcrição a seguir, de Petronilha, tem-se outro discurso. É sobre a importância da independência da mulher para que – caso o casamento não dê certo – ela tenha a possibilidade da independência financeira do marido. Foi a época de vanguarda dos discursos feministas que viriam suscitar toda uma discussão acerca do papel atribuído à mulher em nossa sociedade.

E aí a minha mãe sempre dizia que era culpada porque a minha mãe sempre dizia: **“tem que estudar, tem que ter uma profissão pra ser independente e casamento não é segurança, porque se casa e não dá certo, tem que ter a possibilidade de ter independência financeira.”** Então ela disse que insistiu demais nessa tecla. **E depois o próprio ambiente de trabalho eu achava e continuo achando que onde tu trabalha, tu trabalha. Essa história de marido e mulher trabalhando. Eu acho que isso aí também me ajudou a não misturar as coisas.** [...] Eu tive um colega que dizia, meu avô dizia: **“onde se ganha o pão, não se come a carne”.** [...] Eu diria que eu tive duas grandes paixões, mas a distância separou [...] e a gente se escreveu durante muito tempo. Esses tempos ainda achei um livro, com uma dedicatória sobre o meu aniversário. E acabou não dando. (PETRONILHA)

Nesse fragmento, tem-se outro discurso muito utilizado ainda hoje: *“onde se ganha o pão, não se come a carne”*. E, como hoje passamos muito do nosso tempo diário no ambiente de trabalho, a adesão a esse discurso reduz as possibilidades de encontro de um parceiro.

Na próxima fala de Petronilha, um saber que se destaca é aquele sobre a ideia de que a humanidade da mulher estará completa se ela for mãe ou se tiver um homem ao seu lado.

**A gente enfrenta, sobretudo, mulher [...] muitas vezes a ideia de que a gente tem que, necessariamente, ainda é muito presente a ideia de que a humanidade da mulher vem do fato de ela ser mãe ou que uma mulher precisa ter um homem, assim, ao seu lado, pra que ela seja reconhecida quanto a sua humanidade.** Talvez isso, também, tenha feito com que eu seja muito crítica de pensar um dia ter um parceiro. [...] Não que eu ache ruim ter um companheiro legal, que te faça companhia, com quem tu tenhas uma conexão, um projeto de vida legal. [...] Isso é importante, mas não que seja indispensável pra construir a tua humanidade. Então **a vida inteira as pessoas me diziam assim, só uma mulher não me disse isso. Foi recente: Ah, tu tens filhos, tem netos? Não, não tenho netos, porque não tenho filhos. Ah, não, mas teus alunos são teus filhos. Não, meus alunos não são meus filhos e eu não amo meus alunos. Eu respeito meus alunos.** Eu tenho que ensinar pra eles tudo que eu sei ensinar, eu tenho que orientar meus alunos e isso pra mim é respeito, não é amor. Amor é um sentimento que é incondicional, mas professor não pode amar aluno, porque tem condições. Não pode ser incondicional. [...] **como se tu não tem, tu tens que achar, como se tu não tens filho, tua humanidade não tá completa. Não é isso. Eu acho até que eu não tive filhos, querendo mostrar isso, mas não de uma forma deliberada.** (PETRONILHA)

Esse saber produzido por uma mulher negra e velha é um saber político, estratégico, que se origina no meio de todo um contexto histórico da mulher negra associada à mãe negra, à mãe de leite que amamenta os seus filhos e os filhos dos senhores de escravos (como bem mostraram as falas da Wilma) e que continua amamentando os filhos dos patrões, em um País já sem escravidão, mas, no qual, um contingente considerável de mulheres negras continuam vivendo como se escravas fossem.

Então, afirmar que uma mulher não precisa ser mãe, nem ter um homem ao seu lado para ter reconhecida a sua humanidade é empoderar essa mulher. É um discurso que possui potencial para mostrar às outras mulheres alternativas, e desta forma, pode ser libertador

Teresa Kleba Lisboa (2008) afirma que “o empoderamento implica a alteração radical dos processos e das estruturas que reproduzem a posição da mulher como submissa”, e complementa:

Empoderamento na perspectiva feminista é um poder que afirma, reconhece e valoriza as mulheres; é precondição para obter a igualdade entre homens e mulheres; representa um desafio às relações patriarcais, em especial dentro da família, ao poder dominante do homem e a manutenção dos seus privilégios de gênero. Implica a alteração radical dos processos e das estruturas que reproduzem a posição subalterna da mulher como gênero; significa uma mudança na dominação tradicional dos homens sobre as mulheres, garantindo-lhes a autonomia no que se refere ao controle dos seus corpos, **da sua sexualidade** [grifo meu], do seu direito de ir e vir, bem como um rechaço ao abuso físico e as violações. (TERESA KLEBA LISBOA, 2008, p. 2).

Do mesmo modo, o discurso sobre a virgindade, a masturbação e a sublimação como alternativas para a vivência da sexualidade das mulheres podem ser considerados discursos de empoderamento, pois, podem contribuir para uma maior autonomia das mulheres em relação aos discursos relacionados à sexualidade, que vigiam, controlam e impõem rituais aos corpos.

Friedmann (*apud* LISBOA, 2008) afirma que empoderamento “é todo acréscimo de poder que, induzido ou conquistado, permite aos indivíduos [...] aumentarem a eficácia do seu exercício de cidadania”. Ele aponta três tipos de empoderamento importantes: o social, o político e o psicológico ou pessoal. Destaca-se, aqui, o empoderamento psicológico ou pessoal:

O psicológico ou pessoal inicia com o despertar da consciência em relação à sua autonomia e desenvolvimento pessoal; envolve autoestima e autoconfiança; **ter controle sobre a sua própria sexualidade, sobre a reprodução** [grifo meu] e sobre a sua segurança pessoal; decorre da consciência individual de força. (FRIEDMANN *apud* LISBOA, 2008, p. 3).

### 7.1.2 Empoderamento e sexualidade

Conforme Foucault (2013, p. 9), “a sexualidade permanece, ainda, envolvida em discursos que exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes”. E isso é corroborado pelas pesquisas realizadas pelo Consórcio do *Pathways of Women’s Empowerment* – Trilhas do Empoderamento de Mulheres<sup>29</sup>, que mostram que a questão da sexualidade é de grande importância para o empoderamento de mulheres:

Quando uma mulher se candidata a um cargo político, sua sexualidade pode figurar como uma das barreiras mais proeminentes a serem enfrentadas para que ela possa ser indicada, selecionada e eleita. Se, por exemplo, **ela for solteira, separada ou divorciada** isto poderá ser motivo de calúnias contra seu preparo para um cargo público. **Se ela não é mãe**, pode ser julgada como não detentora das qualidades que a tornariam mais eficaz na política. Se tem filhos fora do casamento, pode ser perseguida pela imprensa. No caso de mulheres que não se conformam às normas impostas, preconceitos podem levá-las ao desemprego ou à insegurança no trabalho [grifos meus]. (PATHWAYS *apud* HAWKINS; CORNWALL; LEWIN, 2013, p.5).

Ainda de acordo com essas pesquisas, observa-se que, em muitos contextos, as mulheres não têm a liberdade de construir o tipo de relacionamento que gostariam ou são marginalizadas porque romperam com as normas sociais, permanecendo, por exemplo, solteiras e sem filhos.

Assim, o empoderamento das mulheres, por meio de uma autonomia em relação à sua sexualidade, pode alterar as relações de poder, especialmente da nossa sociedade de consumo que tem como papéis preponderantes para a mulher o de mãe e esposa.

A partir do momento em que esses papéis deixarem de ser preponderantes na vida das mulheres, também o papel do homem na vida da mulher poderá deixar de ser. E isso, sim, substancialmente, poderá atingir a essência de alguns discursos dominantes

---

<sup>29</sup> É um programa de pesquisa e comunicação internacional estabelecida em 2006 com o objetivo de entender e influenciar os esforços para trazer uma mudança positiva na vida das mulheres. Possui quatro centros regionais com base na América Latina, no Oriente Médio, Sul da Ásia e na África Ocidental, juntamente com um centro de coordenação no Reino Unido. Disponível em <http://www.ids.ac.uk/project/pathways-of-women-s-empowerment-research-programme-consortium>

da nossa sociedade que sustentam instituições implicadas na produção das diferenças, em especial, as de gênero.

Talvez, aqui, esteja a resposta à indagação de Foucault: *“Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?”* (FOUCAULT, 2013, p. 8 [grifos meus]).

## 7.2 SABERES DAS NEGRAS VELHAS: SEXUALIDADE E SUAS RELAÇÕES

Observa-se, na fala que segue de Marisa, uma oposição aos discursos que concebem a vivência sexual na velhice como pré-requisito para uma vida saudável e feliz.

[...] **depois desse relacionamento nunca mais, Deus me livre, nem pensar, não.** A vida é muito boa, a gente sabendo se determinar [...]. **Nunca olhei pra ninguém e nunca ninguém também ninguém chegou perto de mim, que a minha fúria é pegar um homem e massacrar (gargalhadas) até hoje eu sento no ônibus, um cara senta do meu lado eu penso: que esse museu quer aqui do meu lado. Até hoje detesto homem na minha vida, até que se o Fulano voltasse eu até aceitava, mas não pra ficar na minha cama.** Dorme no quarto do guri, eu durmo no meu quarto, **mas para ter relação sexual ninguém, nunca mais na minha vida. Graças a Deus. Mas isso é da família.** Porque quando o meu pai faleceu minha mãe disse assim eu não vou botar homem dentro de casa, estragar a vida das minhas filhas e nós, as três não precisa marido. Depois a Sicrana viuvou criou os filhos e não precisou botar homem dentro de casa [...] aí a Beltrana também. Teve o filho dela o marido faleceu e ela também não quis mais marido [...]. Depois que ele saiu, parei com tudo, que é pra evitar. Olha lá o marido dela não tá, vou encostar ali. Não! Não tem encostar, não quero ninguém no meu caminho. (MARISA)

O discurso da Marisa se articula com a nova configuração das concepções da velhice, que permitiu às mulheres uma libertação das “obrigações” da vida sexual regular e característica das relações maritais.

Observa-se, também, que Marisa cessa os investimentos na sexualidade do corpo: *“parei com tudo, que é pra evitar”*. Assim, Marisa pretende evitar os comentários sobre seu possível investimento na sexualidade do corpo e, também, que alguém se aproxime com interesse em relacionamento amoroso: *“Olha lá o marido dela não tá, vou encostar ali. Não! Não tem encostar, não quero ninguém no meu caminho.”*

Nos fragmentos a seguir, de Petronilha e Carmen, observa-se uma articulação com os discursos da época. Cabia à mulher saber conservar o seu valor, e uma vigilância forte da moral sexual dos indivíduos.

[...] na minha época as mães não deixavam a gente sair sozinha, quase. Tinha que dizer onde é que ia e seis [...] horas tinha que tá em casa. **Aquela coisa assim de Mãe que preservou sempre essa parte!** Muito rígida [...] **mas na época era assim a gente tinha que aceitar**, mas hoje em dia a gente vê que elas foram muito rígidas demais. Mas fazia parte da convivência, **do regime que era da época**. Então foi indo, foi indo eu trabalhei muito e a minha mãe era muito rígida, não por mal, era o jeito dela, **porque ela não tinha marido. Então tinha que ser do jeito dela, pra mostrar pros patrões que ela soube direcionar nossa vida** (CARMEN)

Na minha época se fazia muita reunião dançante [...] **mas eu nunca gostei de reunião dançante, até nem sei se não gostava de reunião dançante** [...] depois a minha mãe dizia: “mas que coisa essa menina, não tá namorando, não casou, devia forçar ir pras reuniões dançantes.” [...] **porque sentavam as mães [...], nas raras que eu fui, e ficavam investigando todo mundo, a filha de todo o mundo e aquilo me deixava. Que elas podiam estar relaxadas, conversando, acompanhando, mas não, tinham algumas que ficavam assim e aquilo eu achava ridículo, então não queria ir e também não gostava muito de dançar [...]**. (PETRONILHA)

Por fim, tem-se o discurso de Vera a seguir.

Depois já veio o casamento. **Casamento como se diz: é da casa pra casa**. [...] Conheci o meu marido nas férias em Porto Alegre. [...]. **Foi o primeiro e único namorado**. Conheci por meio das primas. Ele era cunhado de uma prima. Até que nessa parte eu era bem tranquila. O pai sabia, a mãe sabia. Deixaram rolar. Até quando viram eu já tava sendo pedida em casamento. **Namoramos 5 anos**. (VERA)

O discurso da Vera ratifica e se articula com o que dizem alguns autores (PIRES, 2004;) acerca da insatisfação com o casamento, com a qualidade da relação, a rotina que se evidencia no fragmento: “*Casamento como se diz: é da casa pra casa*”.

### **7.2.1 Algumas considerações sobre os saberes da sexualidade**

Acredito que os saberes das negras velhas, denominados “Não ao sexo rei”, foram os saberes mais significativos produzidos por mulheres negras e velhas, no sentido de que trata de um tema que, ainda, é considerado um tabu, cerceado por regulação e vigilância.

Essa regulação e vigilância dos corpos das mulheres têm impedido ou dificultado a realização de suas escolhas quando essas não correspondem às escolhas dominantes na sociedade, que seriam a opção por cumprir os papéis de esposa e mãe.

Verifica-se nas narrativas que as posições em relação à sexualidade são diferentes. Existe uma tendência de independência, e um potencial para o empoderamento dessas mulheres, por meio de uma autonomia em relação à sua sexualidade.

Essa autonomia poderá alterar as relações de poder, no que concerne aos papéis tidos como principais para as mulheres (como mãe e esposa).

Com a alteração desses papéis e as relações que eles estabelecem, abre-se a possibilidade de modificação de alguns dos discursos que sustentam as instituições implicadas na produção das diferenças, em especial, as de gênero.

## 8 SABERES DA RELIGIOSIDADE

Para fins deste estudo, o conceito de religiosidade que nos interessa é o apresentado pelo Dicionário Logos (Freitas, 1993, p. 676) “Religião compreende ritos e observâncias que traduzem, exteriormente, as relações do homem com o divino ou sagrado”.

Desse modo, é a religiosidade definida como crenças, valores pessoais e atividades referentes àquilo que é sobrenatural praticado por qualquer homem, independente de sua raça e cultura ou do tempo histórico em que está inserido. (GOLDSTEIN; NERI, 1999).

Na perspectiva da religiosidade, um discurso predominante é de que a experiência com o sagrado pode transformar o sujeito, tornando-se um guia permanente para a vida cotidiana (RABELO; MOTTA; NUNES, 2002). Esse discurso é corroborado por Sad (2001), para quem a religião é um caminho, entre outros, para se chegar a uma transformação pessoal; por meio desse princípio, a vida de uma pessoa idosa pode vir a ser de grande riqueza interior em relação ao encontro com a sua essência, além de servir como fator de proteção.

O envelhecer bem se encontra intimamente ligado à satisfação com a vida e o bem-estar subjetivo, nos quais se encontram como elementos centrais e determinantes as experiências privadas, os aspectos da vida como o trabalho, a família, as amizades, a saúde física e mental, a sexualidade e a religiosidade, além de questões cognitivas e emocionais. (TEIXEIRA, NERI, 2008; CARVALHO; FERNANDEZ, 1996).

A religiosidade é vista, também, como forma de assegurar que o envelhecimento não seja caracterizado como etapa de abandono e solidão, vulnerabilidade para transtornos depressivos e perda dos papéis sociais (CARVALHO; FERNANDES, 1996).

Os idosos afirmam, segundo esses autores, frequentar instituições religiosas com participação regular; a grande maioria participa de outras atividades propostas pelas instituições religiosas, como os grupos de orações e apoio. Em todas as respostas, é citada a prática religiosa rezar/orar e conversar com Deus em sua intimidade, que se justifica pelo ato de agradecer e pedir proteção e ajuda, o que demonstra a importância da religiosidade em situações de enfrentamento de adversidades. As mulheres apresentam maior frequência e diversidade de práticas religiosas.

Observou-se, ao tratar de alguns discursos sobre envelhecimento e religiosidade, que os idosos encontram na religião uma estratégia de enfrentamento para as dificuldades da vida, por isso, diferencia-se religiosidade e espiritualidade. O fato de o indivíduo ser espiritualizado proporciona estratégias de enfrentamento das adversidades, no entanto, seguir uma religião, frequentar igreja/templo/centro/terreiro, além de proporcionar tais estratégias, promove relacionamentos sociais e atividades que contribuem para a qualidade de vida do idoso.

Assim, os discursos considerados para fins de construção desta investigação foram aqueles que consideram a religiosidade como uma perspectiva que contribui para a qualidade de vida do idoso, uma vez que estudos diversos (NERI, 2008; CARVALHO, FERNANDEZ, 1996; RABELO; MOTTA; NUNES, 2002; SAD, 2001) sinalizam para essa afirmação.

#### 8.1 SABERES DAS NEGRAS VELHAS SOBRE RELIGIOSIDADE

Do mesmo modo que nas temáticas anteriores, o critério utilizado para a definição das categorias foi a presença desse saber nas narrativas de, pelo menos, duas participantes. Assim, os saberes das negras velhas selecionados foram denominados “Ecumenismo” e “Poder da fé”.

### 8.1.1 Ecumenismo

O ecumenismo é um movimento que promove o diálogo inter-religioso. Ele parte da premissa de que se admite que os outros também têm razão, ainda que afirmem coisas diferentes de nós, e que possuem tanta verdade quanto a nossa verdade (BOSCH NAVARRO, 1995).

Um dos elementos essenciais do ecumenismo é o desejo de diálogo. Assim, segundo os autores, cabe dizer que ecumenismo é fundamentalmente uma atitude. Na atitude dialogal, cada agente dá a própria interpretação de si mesmo, mas escuta a do outro. Isso porque existe vontade de escutar. Leva-se a sério o que os outros dizem de si mesmos.

A questão ecumênica consiste no reconhecimento e na aceitação de uma autoridade comum (Deus) e implica determinado comportamento ético e uma maneira de ver e enfrentar a vida com valorização dos intercâmbios ideológicos e culturais.

Nos fragmentos a seguir, verifica-se que Marisa, primeiramente, era praticante de uma religião que ela denominou espírita, a Umbanda. Já nesse trecho, caracteriza-se o caráter ecumênico da sua busca religiosa; Marisa busca uma resposta, não importando a religião. Depois, ela deixa essa religião em busca de respostas que não havia obtido.

Agora eu mudei tudo (risos). **Primeiro eu cria de uma maneira e agora eu creio de outra. [...] porque eu busquei muito [...] depois chegou um ponto assim que eu não tinha uma resposta. Eu não tinha uma resposta que eu precisava. O que me fez deixar a religião que eu seguia e seguir uma nova direção. E não é religião, é outra maneira de crer.** Eu não sei explicar bem. **É outra crença, a gente crê diferente.** Quando eu era da outra religião [...] espírita, umbanda [...] mas como eu vi que não tava tendo resposta [...]. **É que nem um médico, tu vai num médico não vê uma resposta, tu tem que trocar de médico, foi por isso que eu troquei de religião. Aí eu fui na igreja [...]. Foi isso que me fez sair. [...] E aí eu aprendi diferente. [...] cada um tem a sua fé, só que não é contrária a fé de nenhum, de ninguém, cada um tem a sua crença. A gente não pode também tirar a fé dos outros e achar que as pessoas tem que crer no que a gente crê. Não, não é assim, cada um vai seguir o seu caminho, ter a sua própria crença.** [...] Agora minha irmã continua na religião. Minha irmã é mãe-de-santo. [...] todos ficaram. Só eu que saí. **Porque tem também uma coisa às vezes a gente vem ao mundo achando que aquilo ali é que a gente tem que seguir. Não é. [...]** meu pai era médium cabeceira de mesa a Marina já deu diretamente da afro. (MARISA)

A concepção e a aceitação do ecumenismo se materializam na seguinte fala: “cada um tem a sua fé, só que não é contrária a fé [...] de ninguém, cada um tem a sua crença. A gente não pode também tirar a fé dos outros e achar que as pessoas tem que crer no que a gente crê. Não, não é assim, cada um vai seguir o seu caminho, ter a sua própria crença”.

Esse caráter ecumênico de experiência religiosa se faz presente no discurso de todas as negras velhas. A seguir, apresenta-se a fala da Norma, que ratifica isso. Ela vai à igreja, vai a um centro Espírita, toma passe com os pais de santo e as mãe de santo.

**[...] também se eu tenho que ir tomar passe, nos Cavaleiros de São Jorge (centro espírita) eu vou. Não sou praticante da católica. Lá de vez em quando que eu vou. Lá no Mercado, onde tem aquele assento, eu vou tomar passe e quando tem as Mães de Santo eu vou tomar passe. Quando vem os Navegantes vou. Tomo passe, converso com os pais de santo. (NORMA)**

Nos fragmentos do discurso de Carmen, a seguir, tem-se o caráter ecumênico desenvolvido de outra forma. Primeiramente, ela foi à Umbanda obrigada, por necessidade de saúde. Depois de tratada, passou a participar. Ficou lá por 10 anos. Verifica-se, do mesmo modo que na fala da Marisa, uma mistura das religiões (Umbanda e Espírita), o que sugere que os centros que elas participaram possam ser já ecumênicos, trabalhando com o ritual das duas religiões.

Carmen saiu para outro centro Espírita, no qual está até hoje. Ainda se considera católica, vai à igreja todos os dias, se possível. De acordo com suas palavras: *“Sou espiritualista, quer dizer que eu entendo de todas as religiões”*.

**Depois de muito tempo, não que eu não fosse nas outras, mas quando eu fiquei madura, eu fui na Umbanda, porque fui obrigada, porque eu fiquei doente e a vizinha disse que a minha mãe teria que tomar providências. Me levar num centro espírita, que era Os Cavaleiros de São Jorge [...]. Lá eu me tratei e passei a participar, quando eu fiquei boa. A participar do Templo [...] fiquei uns 10 anos. Depois saí, fui pra outro que me convidaram, e até hoje tô num centro espírita. Evoluí muito. Bastante. Lá tinha preparação, leituras, participar das reuniões e daí a gente vai evoluindo bastante, abriu muito as minhas ideias [...] sou católica, vou na igreja, se possível, todos os dias, quando não dá eu vou uma vez por semana, mas eu não saí da minha religião, não saí, frequento. Sou espiritualista, quer dizer que eu entendo de todas as religiões. (CARMEN)**

Para Vera, a tônica é a liberdade de escolha, conforme segue em sua fala.

**A religião é onde a gente se identifica e se sente bem, mas não aquela coisa, daquele ritual, que tem que fazer sempre. Eu acho que a gente tem que ter liberdade de escolha. (VERA)**

Ela considera que a religião é o lugar em que a gente se identifica, sente-se bem, e não aquela coisa de ritual. Novamente, em uma fala simples e direta, apresenta-se o caráter ecumênico da compreensão religiosa, do diálogo possível entre as religiões.

A seguir, na fala de Petronilha, verifica-se que o aprendizado sobre a possibilidade da prática religiosa, de maneira ecumênica, foi semeada pela mãe, que fez uma interdição no discurso do padre (da igreja católica na época), de que para ir a um

casamento ou festa em uma igreja tinha que pedir-lhe licença. Ela polemiza, se opõe e resiste a esse discurso, fornecendo à Petronilha um discurso próprio de diálogo, para o entendimento do ecumenismo.

Eu acho que essa questão religiosa [...] a minha família, a minha mãe em particular foi muito legal [...] **nós somos católicos** e quando eu era criança, adolescente, se tu tinha que ir em um casamento, uma festa numa igreja, **tu tinha que pedir licença pro padre. E a minha mãe disse: Não, não tem que pedir licença pra ninguém**, que nas nossas famílias nós temos de tudo: **tem batuqueiro, tem católico, tem protestante** e quando a gente celebra, a gente celebra junto lá onde aquela pessoa que tá te convidando celebra e não tem que pedir licença pra ninguém, **a gente vai e celebra junto, porque o importante é se é a Casa de Deus**, qualquer lugar que seja a Casa de Deus é lugar de oração, **então essa orientação foi muito importante para eu entender o ecumenismo** [...] O importante é a religiosidade [...] das pessoas. **Os extremos não dá pra aguentar.** (PETRONILHA)

No fragmento de Wilma, que segue, novamente apresenta-se o caráter ecumênico. Ela foi “filha de Maria” em uma igreja católica por muitos anos. Mas sempre benzeu as filhas com as benzedadeiras. E, em certa oportunidade, foi convidada para participar de um terreiro. Ali, começava sua iniciação nas religiões de matriz africana, especialmente a Nação.

[...] tinha os donos do pátio, fizeram duas casas de material, **do lado era uma casa de Nação** [...] a senhora se dava muito ali com a gente, [...] **e sempre ela vivia me dizendo (risos)** eu não queria de saber, **eu toda da igreja**, eu não queria saber de quem é que eu era (o orixá a qual pertence) [...] **e quando ela vinha ela dizia que vontade que eu tinha de te levar na casa da minha mãe de santo [...].**

[...] de primeiro **eu era católica**. [...] Depois que a Fulana nasceu e aí ali embaixo, tinha uma casa que dão passe, e a igreja do lado de cá. [...] A gente foi pro carnaval e aí no outro dia a Fulana já tava com quebrante e eu não sabia como era quebrante, pra cá não conheço ninguém pra levar pra benzer [...] **aí foi assim que eu me aproximei, com os meus próprios pezinhos.** Ah lá tem uma casa vou ter que ir lá, pra benzer. Em seguida o chefe (**da terreira**) olhou e aí já: tu vem aqui outro dia de tarde. (WILMA)

### 8.1.2 Poder da fé

No extrato a seguir, observa-se o quanto a fé foi importante para a concretização dos sonhos e projetos de Marisa. Ela condiciona as suas conquistas à sua luta pessoal, acrescida da sua fé em Deus.

O dinheiro é o mesmo [...] claro que o dinheiro mudou, mas não é nada mais do que eu ganhava antes. **O dinheiro só foi aumentando.** [...] **Essa mudança foi depois que eu entrei pra igreja.** Até esta casa aqui. [...] nem eu sei te explicar, porque aí eles fazem aqueles propósitos na igreja. **Daí eu fiz [...]. Ai meu Deus, quero que o senhor me abençoe e que me dê um terreno [...]** e **aí por incrível que pareça surgiu o terreno.** [...] **o próximo pedido foi que eu queria uma casa com quatro peças, que não fosse nada emendado. Eu queria tudo direitinho.** [...]

**parece incrível também.** Pra mim, para eu ter essa casa aqui tinha que ter muito dinheiro. [...] Eu disse: **Ai meu Deus, a gente ali aprende a fazer muita coisa. Aí eu [...] orava** e fui lá, daí ela disse pra mim: sabe de uma coisa aqui a gente não faz promissória, nós não fizemos promissória por causa do valor que é muito baixo, mas pra senhora nós vamos fazer [...] **só Jesus mesmo.** Então a senhora dá o que senhora tem de entrada e as outras três prestações a gente faz em promissória. Aí ela fez [...] e quando eu fui dar a última promissória, fui pagar a última eles não tinham nem terminado a casa ainda. Eles tiveram que apurar para terminar a casa para eu poder vim. Já tava tudo pago. **Tudo uma coisa assim: só DEUS mesmo! [...] Tudo que eu tenho eu lutei sozinha, eu e DEUS. Tudo foi a minha fé. Pela fé.** (MARISA)

Carmen também agradece a Deus por tudo o que tem. Está contente. Não tem queixas e somente deseja agradecer a Deus.

Tenho bastante amizade, **graças a Deus** (sorrindo). Eu tô contente, não posso me queixar de nada, nada. **Só agradecer a Deus.** (CARMEN)

No extrato do discurso de Wilma, verifica-se o quanto a crença nas bênçãos é importante para ela. Sobre a renovação dos votos do seu casamento, por meio da religião, ela afirma que foi uma realização ter dado tempo de receber as bênçãos.

[...] me casei duas vezes, como dizem, **cheguei a ganhar a benção de bodas de prata** [...] aí a gente casa de novo [...] faz de novo o casamento [...] **com padre e tudo** [...]. (WILMA)

Na fala da Norma, a seguir, tem-se um enunciado que sintetiza o significado do poder da fé.

**Eu acho que a gente não vive sem Deus, sem Jesus.** [...] Trabalhei em duas casas de família e depois funcionária pública até aposentar, **graças a Deus.** (NORMA)

No fragmento seguinte, de Petronilha, é mostrado como o poder da fé auxilia essas mulheres a suportar as adversidades da vida (momentos de tristeza, de perdas e de dor) e de como o poder da fé possibilita um olhar mais otimista e generoso sobre essas adversidades, no sentido de enfrentá-las de uma maneira saudável.

[...] tem momentos que tem tristeza, quando tu perdes as pessoas que são tuas amigas, que são próximas, meus padrinhos, meus amigos, os primos, essas coisas que são dolorosas, **mas com a Graça de Deus, mesmo quando eu tive aquele problema sério com o incêndio, com a Graça de Deus não foi um incêndio que destruiu tudo** [...]. (PETRONILHA)

## 8.2 SABERES DAS NEGRAS VELHAS: RELIGIOSIDADE E SUAS RELAÇÕES

Na articulação de alguns discursos sobre religiosidade e envelhecimento, observa-se que os discursos das negras velhas se compatibilizam com o discurso predominante de que a experiência com o sagrado pode transformar o sujeito, tornando-se um guia permanente para a vida cotidiana (RABELO; MOTTA; NUNES, 2002). Essa ideia se materializa na fala a seguir.

O dinheiro é o mesmo [...] claro que o dinheiro mudou, mas não é nada mais do que eu ganhava antes. **O dinheiro só foi aumentando.** [...] Essa mudança foi depois que eu entrei pra igreja. Até esta casa aqui. [...] **nem eu sei te explicar, porque aí eles fazem aqueles propósitos na igreja. Daí eu fiz [...] a gente ali aprende a fazer muita coisa. Aí eu [...] orava [...] só Jesus mesmo.. Tudo uma coisa assim: só DEUS mesmo! [...] Tudo que eu tenho eu lutei sozinha, eu e DEUS. Tudo foi a minha fé. Pela fé.** (MARISA)

Verifica-se, também, uma articulação com o discurso que entende a religião como um fator de proteção, cultivando modos mais positivos de ser (SAD, 2001), expressos no fragmento a seguir.

[...] tem momentos que tem tristeza, quando tu perdes as pessoas que são tuas amigas que são próximas, meus padrinhos, meus amigos, os primos, essas coisas que são dolorosas, **mas com a Graça de Deus, mesmo quando eu tive aquele problema sério com o incêndio, com a Graça de Deus não foi um incêndio que destruiu tudo [...].** (PETRONILHA)

Outro discurso entende a religiosidade como uma forma de assegurar que o envelhecimento não seja uma etapa de abandono, solidão e vulnerabilidade (CARVALHO; FERNANDES, 1996), por meio da frequência às instituições religiosas e da participação regular. Essa articulação se observa nos extratos que seguem.

**Lá eu me tratei e passei a participar, quando eu fiquei boa. A participar do Templo [...] fiquei uns 10 anos. Depois saí, fui pra outro que me convidaram, e até hoje tô num centro espírita.** Evoluí muito. Bastante. [...] preparação, leituras, participar das reuniões e daí a gente vai evoluindo bastante, **abriu** muito as minhas ideias [...] **sou católica, vou na igreja, se possível, todos os dias, quando não dá eu vou uma vez por semana,[...].** (CARMEN)

### 8.2.1 Algumas considerações sobre os saberes da religiosidade

Em relação aos saberes das negras velhas sobre religiosidade, o “Poder da fé” e o “Ecumenismo” remetem a uma experiência ancestral. Os negros trouxeram da África, quando vieram como escravos, a sua religião de culto aos orixás, aos elementos da natureza. No Brasil, por força da necessidade de esconder as suas práticas religiosas, precisaram encobrir o assentamento de seus orixás com as imagens dos santos da Igreja Católica.

Assim, grosso modo, processou-se o sincretismo religioso entre os orixás africanos e os santos católicos. Mas, mais do que isso, desse processo observa-se, também, uma prática ecumênica no Brasil porque, além de os negros serem devotos dos orixás, com o passar dos anos também se tornaram devotos dos santos católicos, não mais como uma estratégia de resistência.

Depois, com o surgimento das igrejas pentecostais, verifica-se que houve uma migração de muitos católicos praticantes para essas igrejas, bem como de praticantes dos cultos afros. Essa migração oscila e, muitas vezes, o mesmo indivíduo frequenta várias religiões, vai a vários centros, experimentando conforme a necessidade do momento.

Então, o que a participante Wilma expressa, de ser “filha de Maria”, buscar um terreiro para benzer sua filha e, depois, tornar-se praticante de religião de matriz africana é muito comum. Bem como na narrativa da entrevistada Vera, que diz que era católica e que, depois, virou atea, porque o marido era ateu.

O que se destaca em todas as narrativas é o quanto essas mulheres estão abertas para uma prática religiosa sem cobranças ou controle.

Em relação ao saber “Poder da fé”, todas demonstram a crença em uma força superior, que elas denominam “Deus”. Pelo poder da fé, sentem-se protegidas e fortalecidas para o enfrentamento das dificuldades que a vida apresenta. Elas reconhecem os momentos difíceis pelos quais passaram, mas sempre com a certeza de que eram passageiros e que seriam vitoriosas, como outrora o foram em outros acontecimentos similares ou mais desagradáveis.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicio estas considerações finais com uma citação de Paul Vayne ao referir-se à Foucault (Deleuze, 1992, p. 128 *apud* Leni Vieira Dornelles<sup>30</sup>):

É que, no momento em que alguém dá um passo fora do que já foi pensado, quando se aventura para fora do reconhecível e do tranquilizador, quando precisa inventar novos conceitos para terras desconhecidas, caem os métodos e as morais, e pensar torna-se, como diz Foucault, um “ato arriscado”, uma violência que se exerce primeiro sobre si mesmo. (DELEUZE *apud* DORNELLES, 1992, p. 128).

Esta dissertação foi assim desenvolvida, por um caminho pouco conhecido e nada tranquilizante. Pelo contrário, um caminho muito inquietante e, confesso, com algum sofrimento. Sofrimento que eu me impunha por ter feito lá atrás essa escolha de investigar os saberes das negras velhas. Sabendo, de antemão, o quanto esses saberes estão imbricados na minha existência, nos meus ditos e nos meus não ditos.

Assim, ao percorrer esse caminho, por vezes quis me desesperar, perder a esperança em tudo o que acredito, desanimar, perder a fé e a confiança na possibilidade de chegar até o fim. Em outras vezes, senti-me confiante, viva, pronta para me posicionar e ocupar os espaços nos discursos aos quais me inscrevo: de combate a toda e qualquer forma de discriminação; de luta pela igualdade de direitos e qualidade de vida; de acesso aos bens materiais e culturais e de liberdade de escolha.

E, agora, chegando ao término desta etapa e finalizada a dissertação, sinto que sou outra mulher. A partir de agora, me inscrevo em outros discursos e vislumbro outras possibilidades de existir, de dizer as minhas verdades. Sim, porque também não tenho uma única verdade. Tenho várias, conforme as situações e as relações de poder envolvidas. Mas, penso que a minha verdade deverá ser sempre a que favoreça ambos os agentes das relações de poder envolvidos.

A minha perspectiva é de que as relações possam ser de “ganha-ganha”. Ou seja, todo mundo ganha e ninguém perde. Se não for um ganho material, então, será um ganho simbólico, e vice-versa.

Como sujeitos, estamos expostos às relações de poder no nosso cotidiano e ocupamos lugares diferentes, conforme os discursos aos quais estejamos nos

---

<sup>30</sup> Parecer de qualificação dia 19/09/2014.

articulando, polemizando, resistindo ou aderindo. Na ocupação desses diferentes lugares, construímos a nossa existência. E, a nossa contribuição ao mundo, as nossas verdades são os efeitos dos nossos discursos, das nossas práticas: o que fazemos com os nossos poderes, sejam eles micro ou macropoderes.

Considero que os saberes das negras velhas, suscitados nesta pesquisa, possam contribuir para a Educação, por meio do estudo das estratégias utilizadas por essas mulheres para existirem, mesmo que nem todas estejam apropriadas do instrumento que possibilita o acesso a qualquer tipo de discurso: a Educação.

Assim, os saberes dessas mulheres são saberes dominados que insurgem com todas as suas lutas, suas vitórias, seus ferimentos, suas dominações e suas servidões, e que podem contribuir para uma mudança positiva das práticas sociais e institucionais, por meio de intervenções e/ou estratégias advindas dos próprios grupos dominados e dos seus saberes.

Em relação aos saberes na perspectiva do envelhecimento, as categorias definidas e analisadas foram “Reconhecimento da diferença”, “Eu não quero ser velha!”, “Depressão: evitar!”, “Fase de conquistas” e “Planos para o futuro”. Ao realizar esta investigação sobre os saberes das negras velhas na perspectiva do envelhecimento e suas relações com os discursos presentes na sociedade, foi direcionado um olhar para esses sujeitos e seus discursos, demonstrando o quanto se pode aprender com os seus saberes, que nos revelam muito de como se constituíram como mulheres, como negras e como velhas, em uma sociedade ainda bastante desigual nas relações de gênero, raça e idade.

Em relação aos saberes na perspectiva do trabalho, as categorias analisadas foram “Reconhecimento da diferença no trabalho” e “Potencial laborativo”, com destaque para a “Emancipação feminina”. Ficou evidente o potencial dessas mulheres, expresso e materializado em suas práticas e nos efeitos de seus discursos, que materializam uma condição financeira que as permitiu viverem com mais conforto e qualidade de vida do que a geração que as antecedeu. Também se evidenciou o reconhecimento da diferença no trabalho, que dificulta e cria obstáculos à ascensão a cargos de chefia e melhor remuneração, em função do racismo que, na época em que as entrevistadas atuavam, era explícito. Mas, apesar dessas dificuldades, essas mulheres conseguiram romper com alguns estigmas e ocupar posições qualificadas e de destaque que, ainda hoje, não são tão comuns para as mulheres negras, como por exemplo, a de professora universitária.

Em relação aos saberes na perspectiva da sexualidade, a categoria analisada foi “Não ao sexo rei”, que traz uma contribuição que eu considero a mais significativa em termos de saberes das negras velhas. Primeiro, por tratar da sexualidade, que é um assunto polêmico, controlado e vigiado por toda a sociedade, e em que os discursos exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes (FOUCAULT, 2013).

Segundo, porque o discurso de mulheres negras e velhas, acerca da sexualidade, por si só já é ousado, desafiador e uma ação de empoderamento dessas mulheres. Elas se autorizam a ter as suas opiniões e reflexões sobre os seus corpos, com uma tendência a independência.

Em relação aos saberes na perspectiva da religiosidade, as categorias foram “Poder da fé” e “Ecumenismo”, que demonstraram o quanto a fé mobilizou essas mulheres de maneira positiva perante as adversidades da vida. Elas encontraram, na religiosidade, especialmente na prática ecumênica dessa religiosidade, os alicerces para conduzir as suas vidas em diferentes momentos.

Além disso, a religiosidade atuou como fator de proteção contra os sentimentos de abandono e solidão, por oferecer, no intercâmbio com outros fiéis, um espaço de convivência social. Também a religiosidade contribui para o fortalecimento de uma visão positiva da vida; mesmo nos momentos de tristeza por perdas de pessoas ou de bens, a fé permanece e as fortalece.

Constata-se, também, a ausência de pesquisas sobre as mulheres negras e velhas que estão invisibilizadas na sociedade, mas que resistem e oferecem contribuições importantes sobre estratégias de vida e sobrevivência frente às adversidades de um mundo em constante processo de evolução tecnológica, não acompanhada de bem-estar e condições mínimas de vida digna para os seus cidadãos, que ainda carecem de moradia, alimentação, saúde, educação e serviços de infraestrutura básicos (como água, esgoto, iluminação). Enfim, riquezas concentradas em grupos dominantes que controlam não somente os recursos, mas também os discursos.

E, apesar de a sociedade não estar interessada nessas mulheres, elas existem e resistem. Possuem discursos silenciados e excluídos, mas que estão lá, presentes. Esses discursos podem, a qualquer momento, erudir.

Acredito que foi dado o primeiro passo, e que esta pesquisa pode motivar outros pesquisadores e pesquisadoras das temáticas de gênero, raça e envelhecimento a realizarem novas investigações com esses sujeitos, podendo contribuir coletivamente

para a construção do que Foucault (2008, p. 171) denominou “genealogia” ou “pesquisas genealógicas”, que são: “o acoplamento do conhecimento com as memórias locais, que permite a constituição de um saber histórico das lutas e a utilização deste saber nas táticas atuais”.

Desse modo, o que pretendi com esta pesquisa foi realizar a insurreição dos saberes das negras velhas. Trazê-los à tona, desvelá-los, vê-los, na tentativa de ter encontrado uma boa perspectiva, um ângulo adequado e os instrumentos necessários para, articulando-os com os saberes ditos científicos, legitimá-los.

Conforme Foucault:

[...] no fundo da prática científica existe um discurso que diz: 'nem tudo é verdadeiro; **mas em todo lugar e a todo momento existe uma verdade a ser dita e a ser vista, uma verdade talvez adormecida, mas que no entanto está somente à espera de nosso olhar para aparecer, à espera de nossa mão para ser desvelada. A nós cabe achar a boa perspectiva, o ângulo correto, os instrumentos necessários, pois de qualquer maneira ele está presente aqui e em todo lugar** [grifos meus]. (FOUCAULT, 1982, p. 113).

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Heloísa Buarque. **Telenovela, consumo e gênero**: “muito mais coisas”. São Paulo: EDUSC, 2003.

ANDRADE, Sandra dos Santos. **Juventudes e processos de escolarização**: uma abordagem cultural. 2008. 256 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

ARIÈS, Phillippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

ARROYO, Miguel. Educação básica, profissional e sindical: um direito do trabalhador, um desafio para os sindicatos. In: **Educação de jovens e adultos**: relatos de uma nova prática. Belo Horizonte; Secretaria Municipal de Educação, 1996.

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. **Onda negra, medo branco**: o negro no imaginário das elites - Século XIX. São Paulo: Annablume, 1987.

AZEVEDO, Sara Dionizia Rodrigues de. Formação discursiva e discurso em Michel Foucault. **Filogênese**: Revista Eletrônica de Pesquisa na Graduação em Filosofia, Marília, v. 6, n. 2, p.1-15, 2013.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERGAMINI, Cecília Whitaker. A difícil administração das motivações. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 6-17, 1998. Trimestral.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**: a orientação do homem moderno. Petrópolis: Vozes, 2004.

BERNARDES, Anita G.; HOENISCH, Júlio César Diniz. Subjetividade e identidades: possibilidades de interlocução da Psicologia Social com os Estudos Culturais. In: GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima; BRUSCHI, Michel Euclides. **Psicologia social nos Estudos Culturais**: perspectivas e desafios para uma nova Psicologia Social. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 95-126.

BERQUÓ, Elza; BAENINGER, Rosana. **Os idosos no Brasil**: considerações demográficas. Campinas: UNICAMP; Núcleo de Estudos da População, 1988. (Textos NEPO, n. 37).

BORGES, Livia de Oliveira. Os atributos e a medida do significado do trabalho. **Psicologia**: teoria e pesquisa, Brasília, v. 13, n. 2, p. 211-221. mai./ago., 1997.

BORGES, Livia de Oliveira. As concepções do trabalho: um estudo de análise de conteúdo de dois periódicos de circulação nacional. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba. v. 3, n. 3, p. 81-108. set./dez. 1999.

BOSCH NAVARRO, Juan. **Para compreender o ecumenismo**. São Paulo: Loyola, 1995.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

BRASIL. **Lei Federal nº 10.741, de 01 de outubro de 2003**. Cartilha do Estatuto do Idoso.

CAMARANO, Ana Amélia. Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança? **Estudos Avançados**. São Paulo, USP, v. 17, n. 49, p. 35-63, set./dez. 2003.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**: consciência em debate. São Paulo: Summus; Selo Negro, 2003.

CARVALHO, Liandra Lima. **Mais do que “levantar, sacudir a poeira e dar a volta por cima”**: um estudo sobre a capacidade superativa e emancipatória de mulheres negras cariocas. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2008.

CARVALHO, Valdecir de Fátima Cardozo; FERNANDEZ, Maria Elida Dávila. Depressão no Idoso. In: NETTO, Matheus Papaléo (Org.). **Gerontologia**: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo: Atheneu, 1996.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DEBERT, Guita Grin. Erotismo politicamente correto. Revista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP. Disponível em <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2013/09/12/erotismo-politicamente-correto/>>. Acesso em 28 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: EDUSP; FAPESP, 1999.

\_\_\_\_\_. Antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, Myrian Lins (Org.). **Velhice ou terceira idade?**: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 49-67.

DENDENA, Aline et al. **Religiosidade e envelhecimento bem-sucedido**. Unoesc & Ciência, v. 2, n. 2, p. 184-197, 2012.

DOLL, Johannes. Educação e envelhecimento: desafios no mundo contemporâneo. In: ANICA, Aurízia et al. **Envelhecimento ativo e educação**. Algarve, 2014.

\_\_\_\_\_. Educação e Envelhecimento: fundamentos e perspectivas. **A Terceira Idade**, São Paulo, SESC, v. 19, n. 43, p. 7-26, 2008.

\_\_\_\_\_. Bem-estar na velhice: mitos, verdades e discursos, ou a gerontologia na pós-modernidade. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, v. 3, n. 1, 2006.

\_\_\_\_\_; RAMOS, Anne; BUAES, Caroline. Apresentação Educação e Envelhecimento. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 9-15, jan./mar. 2015.

DORNELLES, Leni Vieira. “Tu não podes ser princesa”: corpos, brinquedos e subjetividades. In: BRANDÃO, Ana Paula; TRINDADE, Azoilda Loretto da (Orgs.). **Modos de brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. (Coleção A cor da cultura, n. 5).

ESTEVES, João Pissarra. **Os media e a questão da identidade: sobre as leituras pós-modernas do fim do sujeito**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1999. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/pissarra-media-identidade.html>. Acesso em: 10 abr. 2015.

FERNANDES, Florestan. **Negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972. (Coleção Corpo e alma do Brasil, n. 36).

FOUCAULT, Michel. **Ordem do discurso (A)**. São Paulo: Loyola, 2013.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal; 2008.

FREITAS, M. **Logos. São Paulo: Verbo. 1993**

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.

GOLDSTEIN, Lucila Lucchino; NERI, Anita Liberalesso. Tudo bem, graças a Deus: religiosidade e satisfação na maturidade e na velhice. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). **Qualidade de vida e idade madura**. Campinas: Papyrus, 1999.

GOMES, Joaquim B. Barbosa. **O debate constitucional sobre as ações afirmativas**. 2012. Disponível em: <<http://arquivo.geledes.org.br/areas-de-atuacao/educacao/cotas-para-negros/16538-o-debate-constitucional-sobre-as-acoes-afirmativas-por-joaquim-barbosa>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

GOMES, Nilma Lino. Uma dupla inseparável: cabelo e cor da pele. In: BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; SILVÉRIO, Valter R. (Orgs.). **De preto a afrodescendente: trajetos de pesquisa sobre o negro, cultura negra e relações étnico-raciais no Brasil**. São Carlos: EdUFSCar, 2003. p. 137-150.

GOMES, Viviane dos Santos. **Práticas de resistência em Antônia: identidade, representação e exclusão social da mulher negra da periferia**. 2010. 135 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2010.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira. In: LUZ, Madel T. (Org.). **O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

- GREGOLIN, Maria. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Comunicação mídia e consumo**, v. 4, n. 11, p. 11-25, 2008.
- GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima; MEDEIROS, Patrícia Flores de; BRUSCHI, Michel. Psicologia Social e estudos culturais: rompendo fronteiras na produção do conhecimento. In: GUARESCHI, Neuza M. de F.; BRUSCHI, Michel (Orgs.) **Psicologia social nos estudos culturais: perspectivas e desafios para uma nova psicologia social**. Petrópolis: Vozes. p. 23-49. 2003.
- HAHNER, June E. **A mulher no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- HALL, Stuart. Que negro é esse na cultura negra? In: **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- HAWKINS, Kate; CORNWALL, Andrea; LEWIN, Tessa. Sexualidade e empoderamento: uma conexão íntima. **Revista Feminismos**, v. 1, n. 2, mai. - ago. 2013. Disponível em:  
<<http://www.feminismos.neim.ufba.br/index.php/revista/article/viewFile/53/60>>  
Acesso: 28 fev. 2016.
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD)**. Rio de Janeiro, IBGE, 2014
- IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). **Retrato das desigualdades de gênero e raça**. Brasília: IPEA, 2011.
- IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). **Retrato das desigualdades de Gênero e Raça**. Brasília: IPEA, 2008. (Análise preliminar dos dados).
- JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90-113.
- KAERCHER, Gládis Elise Pereira da Silva. **O mundo na caixa: gênero e raça no Programa Nacional Biblioteca da Escola: 1999. 2006. 225 f.** Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, v. 1, n. 994, p. 35-86, 1994.
- LAZO, Aida Cecília G. Verdugo. **A nupcialidade da população feminina negra**. Estado de São Paulo. Anais Encontro Nacional ABEP, v. 3, p. 289-321, 1988.
- LEITE, Ilka Boaventura. O mito das três raças repaginado. 2005. Disponível em:  
<<http://www.cfh.ufsc.br/~nuer/artigos/mito%20das%20racas.htm>>. Acesso em: 05 mai. 2015.

LEMOS, Daniela de.; PALHARES, Fernanda; PINHEIRO, João Paulo; Landenberger, Thaís. **Velhice**. Disponível em: <www.ufrgs.br/e-psico/subjetivacao/tempo/velhice-texto.htm>. Acesso em: 14 mai. 2015.

LISBOA, Teresa Kleba. O empoderamento como estratégia de inclusão das mulheres nas políticas sociais. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO: CORPO, VIOLÊNCIA E PODER, 8., 2008, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Uma leitura da História da Educação sob a perspectiva do gênero. **Projeto História**, São Paulo, v. 11, p.31-46, 1994.

MARQUES, Sônia Maria dos Santos. **Pedagogia do estar junto: ética e estéticas no Bairro São Sebastião do Rocio**. 2007. 206 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

MARX, Karl. **Introdução à crítica da economia política**: contribuição à crítica da economia política. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MEYER, Dagmar E. Estermann. **Identidades traduzidas: cultura e docência teuto-brasileiro-evangélico no Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; São Leopoldo: Editora Sinodal, 2000.

MINAYO, Maria C. de Souza; SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, ENSP/FIOCRUZ, v. 9, n. 3, p. 239-262, 1993.

NADAL, Carla Marlise Silva. **A resiliência ao longo da vida de afrodescendentes**. 2007. 171 P. Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

NEGREIROS, Teresa C. de Góes Monteiro. Sexualidade e gênero no envelhecimento. **Revista Alceu**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, p. 77-86, jul.-dez. 2004.

NERI, Anita Liberalesso. **Palavras-chave em Gerontologia**. São Paulo: Alínea, 2008.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 19, n. 1, p.287-308, nov. 2006.

OLIVEIRA, Maria Waldenez de et al. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: REUNIÃO DA ANPED, 32, 2009, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2009.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação popular e educação de adultos**. São Paulo: Loyola, 1987.

PAIXÃO, Marcelo J. P.; CARVANO, Luiz M. **Relatório anual das desigualdades raciais no Brasil: 2007-2008**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **Revista História**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005.

PEIXOTO, Clarice E. Avós e netos na França e no Brasil: a individualização das transmissões afetivas e materiais. In: PEIXOTO, Clarice E.; SINGLI, F.; CICCHELLI, V. (Orgs.). **Família e individualização**. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 95-111.

\_\_\_\_\_. Velhice e analfabetismo, uma relação paradoxal: a exclusão educacional em contextos rurais da região Nordeste. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 26, n. 3, p. 631-662, dez. 2011.

PERES, Marcos Augusto de Castro. A andragogia no limiar da relação entre velhice, trabalho e educação. **Revista História, Sociedade e Educação no Brasil**, Campinas, n. 20, p. 20-27, dez. 2005.

PETRUCCELLI, José Luis. Seletividade por cor e escolhas conjugais no Brasil dos 90. **Estudos Afro-Asiáticos**, v. 23, n. 1, p. 30-51, 2001.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**. São Paulo: Cortez, 2003.

PIRES, Rosa Cristina Cavalcanti de Albuquerque. **Corpo que se finda ou corpo que se faz?: estudo sobre a sexualidade feminina na velhice como contribuição à educação inclusiva**. Disponível em:

<[http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2004/Painel/Painel/12\\_24\\_14\\_CORPO\\_QU E\\_SE\\_FINDA\\_OU\\_CORPO\\_QUE\\_SE\\_FAZ\\_ESTUDO\\_SOBRE\\_A\\_SEXUAL.pdf](http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2004/Painel/Painel/12_24_14_CORPO_QU E_SE_FINDA_OU_CORPO_QUE_SE_FAZ_ESTUDO_SOBRE_A_SEXUAL.pdf)>. Acesso em: 22 abr. 2015.

RABELO, Miriam Cristina; MOTTA, Sueli Ribeiro; NUNES, Juliana Rocha. Comparando experiências de aflição e tratamento no Candomblé, Pentecostalismo e Espiritismo. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p.93-121, 2002.

RAMOS, Marise Nogueira. **A pedagogia das competências: autonomia ou adaptação?** São Paulo: Cortez, 2002.

ROWE, John Wallis; KAHN, Robert L. **Successful aging**. New York: Pantheon Books, 1998.

SAD, Irene. Revisão de vida, autoconhecimento e auto-aceitação: tarefas da maturidade. In: NERI, Anita Liberalesso. **Maturidade e velhice: trajetórias individuais e socioculturais**. Campinas: Papirus, 2001. p. 53-69.

SANTOS, Sueli Souza dos. **“Pretas velhas”**: um estudo sobre saberes de mulheres negras nas perspectivas do trabalho, da sexualidade e da religiosidade. 2014. Projeto de Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

- SANTOS, Sueli; CARLOS, Sergio Antonio. **A Sexualidade e amor na velhice**. Estudos interdiscip. envelhec., Porto Alegre, v. 5, p. 57-80, 2003.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em branco e preto**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SILVA, Ana Célia da. **As transformações da representação social do negro no livro didático e seus determinantes**. 2001. 182 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.
- SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Estudos afro-brasileiros: africanidades e cidadania. In: ABRAMOWICZ, Anete; GOMES, Nilma Lino Gomes (Orgs). **Educação e raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 37-56.
- SILVÉRIO, Valter Roberto; SOUSA, Karina Almeida. A socialização e a identidade: a escola e o dilema étnico-racial. In: ABRAMOWICZ, Anete; GOMES, Nilma. **Educação e raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- SIEVERS, Burkard. Além do sucedâneo da motivação. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo. v. 30, n. 1, p. 5-16, jan.-mar. 1990.
- SIQUEIRA, Renata Lopes de; BOTELHO, Maria Izabel Vieira; COELHO, France Maria Gontijo. A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais. **Ciência & saúde coletiva**, v. 7, n. 4, p. 899-906, 2002.
- SOUZA, Rosângela Ferreira de; MATIAS, Hernani Aparecido; BRÊTAS, Ana Cristina Passarella. Reflexions about aging and work. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n. 6, p. 2835-2843, 2010.
- SPINK, Mary Jane. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez. 2004.
- TEIXEIRA, Ilka Nicéia D.; NERI, Anita Liberalesso. Envelhecimento bem-sucedido: uma meta no curso da vida. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 81-94, 2008.
- TELLES, Edward E. **O Significado da Raça na Sociedade Brasileira**. Princeton; Oxford: Princeton University Press, 2004.
- TOLFO, Suzana Rosa da; PICCININI, Valmíria. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 38-46, 2007.
- TOLFO, Suzana da Rosa et al. Revisitando abordagens sobre sentidos e significados do trabalho. **Anais... Fórum CRITEOS 2005**, Porto Alegre: UFRGS/EA, CRITEOS, 2005
- UCHÔA, José. **Análise de discurso na perspectiva Foucaultiana**. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=R9up5YrSj1s>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

VASCONCELLOS, Doris et al. A sexualidade no processo do envelhecimento: novas perspectivas – comparação transcultural. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 9, n. 3, p. 413-419 set.-dez. 2004.

VIEIRA, Kay Francis Leal; MIRANDA, Rosane de Souza; COUTINHO, Maria da Penha de Lima. Sexualidade na velhice: um estudo de representações sociais. **Psicologia e Saber Social**, v. 1, n. 1, p. 120-128, 2012.

VILLELA, Heloisa de Oliveira. O mestre escola e a professora. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 95-134.

WERNECK, Jurema; LOPES, F. **Mulheres Negras**: um olhar sobre as lutas sociais e as políticas públicas no Brasil. Rio de Janeiro: Criola, 2009.

YUNES, Maria Angela Mattar. Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. **Psicologia em Estudo**, v. 8, n. 1, p. 80-95, 2003.

**APÊNDICE A – Perfil da entrevistada**

1. Pseudônimo:
2. Data de nascimento:
3. Idade:
4. Estado conjugal:
5. Cidade de nascimento: \_\_\_\_\_ urbano ( ) rural ( )
6. Cidade onde reside:
7. Grau de escolaridade:
8. Profissão:
9. Religião:

**APÊNDICE B – Roteiro para entrevista aberta**

- Conte-me um pouco da sua história.
- Fale-me sobre a sua infância.
- Fale-me sobre a sua juventude.
- E a sua vida afetiva (relacionamentos amorosos).
- Fale-me sobre a sua vida profissional.
- Fale-me sobre a sua religião.
- Fale-me sobre o seu momento atual.
- Haveria ainda alguma coisa que você gostaria de dizer?

### APÊNDICE C – Revisão bibliográfica<sup>31</sup>

Para a realização da revisão, foi consultado o Banco de Dados *Scielo*, a partir do qual foram obtidos os seguintes resultados:

<b>OPERADORES E PALAVRAS-CHAVE</b>	<b>NÚMERO DE TRABALHOS com recorte de gênero/raça/envelhecimento</b>	<b>UNIVERSO PESQUISADO</b>
“envelhecimento” and “mulheres” or “mulher” and “negra” or “negras”	Artigo intitulado “ <i>Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança?</i> ” de Ana Amélia Camarano, que dialoga com a questão racial ao trazer alguns dados sobre as mulheres negras idosas.	24
“mulher” and “negra” and “idosa” or “envelhecimento”	0	42
“envelhecimento” or “idoso” or "terceira idade" or “velhice” or “gerontologia” or “geriatria” and “mulher” or “mulheres” or “velhas” or “velha”	0	170
“negras” and “velhas”	0	3
“saberes” and “mulheres” and “envelhecimento”	0	1
“saberes” and “mulheres” and “envelhecimento” and “negras”	–	Não foram encontrados documentos para pesquisa.
“mulheres” and “negras” or "mulheres" and "negras" and "envelhecimento" or "velhas" or "saberes"	0	120

Também foi realizada pesquisa junto ao *Google Acadêmico*, com os seguintes resultados:

<b>OPERADORES E PALAVRAS CHAVE</b>	<b>NÚMERO DE TRABALHOS com recorte de gênero/raça/envelhecimento</b>	<b>UNIVERSO PESQUISADO</b>
"mulheres" and "negras" and "envelhecimento" or "velhas" and	0	64

<sup>31</sup> Dados consultados em 19/10/2015.

"saberes"		
"mulheres" <i>and</i> "envelhecimento"	48.900	
"mulheres" <i>and</i> "idosas"	30.000	
"mulheres" <i>and</i> "envelhecimento" <i>and</i> "negras"	2.560 (5,23%) das pesquisas sobre mulheres e envelhecimento tratam, também, da mulher negra	
"mulheres" <i>and</i> "idosas" <i>and</i> "negras"	2.560 (8,53%)	

## ANEXO A – Termo de consentimento livre e esclarecido

A senhora está sendo convidada como voluntária, a participar da Pesquisa de Mestrado em Educação, **Negras Velhas: Um Estudo Sobre Seus Saberes nas Perspectivas de Envelhecimento, Trabalho, Sexualidade e Religiosidade**, realizada pela pesquisadora Nilsa Maria Conceição dos Santos, sob a orientação do Prof. Dr. Johannes Doll. O objetivo da pesquisa é investigar os saberes das mulheres negras sexagenárias e pós-sexagenárias e realizar a insurreição dos saberes das negras velhas, trazê-los à tona, desvelá-los e vê-los, na tentativa de encontrar uma boa perspectiva, um ângulo adequado e os instrumentos necessários para, articulando-os com os saberes ditos científicos, legitimá-los. O material será coletado por meio de entrevistas narrativas. As entrevistas serão gravadas digitalmente e integralmente transcritas. Após, serão analisadas e comentadas, sendo utilizadas na dissertação do mestrado e em artigos científicos. A pesquisadora Nilsa Maria Conceição dos Santos certificará que todos os dados serão confidenciais e a identidade da entrevistada será preservada.

Eu \_\_\_\_\_ fui informada dos objetivos da pesquisa de maneira clara e detalhada, e esclareci minhas dúvidas. Estou ciente que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e mudar minha decisão de participar da pesquisa, se desejar.

Declaro que concordo em participar deste estudo. Recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e me foi dada a oportunidade de esclarecer as minhas dúvidas.

---

**Nome, Assinatura da Participante e Data**

---

**Nome, Assinatura do Pesquisador e Data**

**Para outros esclarecimentos da pesquisa, disponibilizamos os seguintes dados:**

Nome da Responsável: Nilsa Maria Conceição dos Santos.

Endereço: Av. Paulo Gama, Predio 12201, 110

Telefone: (51) 8504-6669 E-mail: [nilsamcs@yahoo.com.br](mailto:nilsamcs@yahoo.com.br)

**ANEXO B – O Sistema Classificatório de “Cor ou Raça” do IBGE.<sup>32</sup> Implicações e relevância em classificações do matiz de cores como elemento de diferenciação entre as raças – conclusões.**

1) A classificação de “cor ou raça” empregada nas pesquisas do IBGE tem uma história que reflete, em grande grau, a própria história das relações raciais brasileiras nos últimos dois séculos. Além disso, a classificação encontrou, posteriormente, um sólido respaldo teórico nas reflexões de Oracy Nogueira acerca da singularidade do racismo no Brasil, em especial o preconceito de marca.

2) Verificou-se que as reivindicações de maior precisão ou objetividade na classificação são insustentáveis. No caso da delimitação de grupos raciais no Brasil, não é o instrumento de mensuração que é impreciso, mas o fenômeno ao qual se endereça, pois a definição da pertença racial varia circunstancialmente. As categorias abrangentes e de fronteiras fluidas da classificação permitem que esta lide com a imprecisão do fenômeno da identificação racial. Embora não se possa, a partir dos resultados de seu emprego, saber exatamente qual é o “fenótipo” nacional ideal do pardo, ou do preto, ou do branco, identificar-se-ão as pessoas que se enquadram nessas categorias em seus contextos relacionais locais.

3) O número de categorias da classificação também não configura um problema, pois, ao contrário do que por vezes é propalado, os brasileiros usam um conjunto restrito de termos de identificação racial – o que justifica a indução à escolha da cor em vez do registro de respostas espontâneas. Deste conjunto, o termo “moreno” é um dos mais escolhidos, todavia não faz parte da classificação. Há razões históricas e técnicas para essa exclusão, que deve ser mantida, pois o termo moreno revela uma espécie de recalque coletivo que trai a rejeição da ascendência negra e da valorização das muitas contribuições realizadas pelos africanos transmigrados à força para o Brasil e por seus descendentes.

4) Quanto aos métodos de identificação, rejeitados os biológicos por inadequação, parece não importar muito se esta é realizada por autoatribuição ou por heteroatribuição

---

<sup>32</sup> Pesquisa “O Sistema Classificatório de “Cor ou Raça” do IBGE”, de Rafael Guerreiro Osorio (2003), produzido pelo IPEA.

de pertença, embora à luz da história e das teorias sobre o racismo no Brasil a composição racial com menos brancos gerada pela autoatribuição possa ser considerada mais acurada. Entretanto, no que toca às desigualdades raciais, embora estas possam parecer um pouco mais ou um pouco menos acirradas, dependendo do método de identificação aplicado, o fato é que serão intensas de qualquer forma, e sempre no sentido de prejuízo dos pretos e dos pardos, caracterizando o Brasil como uma sociedade racista.

5) Foram vistos aqui alguns argumentos que depõem a favor da classificação de “cor ou raça” empregada pelo IBGE. Entretanto, o melhor depoimento nesse sentido é dado pelos resultados de sua aplicação. Se houvesse tanta imprecisão, tanta falta de objetividade, como se explicaria o fato de que, em diferentes pesquisas, eventualmente bem distantes no tempo, as populações delimitadas pelo emprego da classificação sejam praticamente idênticas? E mais, como explicar que o grande grupo populacional formado pelas pessoas pretas e pardas, os negros, se encontrem invariavelmente em situação de extrema vulnerabilidade social?

6) Para finalizar, chama-se a atenção para dois pontos. O primeiro é o fato de que, nas situações analisadas, nenhum dos responsáveis pela identificação racial – entrevistadores ou entrevistados – viam na resposta algo capaz de garantir a titularidade de direitos, como, por exemplo, definir as pessoas como beneficiárias de políticas de ações afirmativas. O sistema de classificação do IBGE provou ser muito eficiente, mas, sua aplicação em contextos nos quais o enquadramento em determinadas categorias possa alavancar vantagens pessoais deve ser feita de forma refletida. O segundo ponto é que o sistema, apesar de muito bom, pode ser aperfeiçoado por meio de um melhor treinamento dos responsáveis pelo registro da identificação e de alterações na formulação da pergunta e das explicações que se façam necessárias para que os classificadores “entendam” as categorias.

**ANEXO C –Autorização de uso de imagem**

Eu, \_\_\_\_\_, portadora da cédula de identidade número \_\_\_\_\_, CPF número \_\_\_\_\_ **autorizo a gravar em vídeo e veicular minha imagem e depoimentos em qualquer meio de comunicação para fins didáticos, de pesquisa e divulgação de conhecimento científico sem quaisquer ônus e restrições. Fica, ainda, autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos de veiculação, não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.**

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

**Assinatura:** \_\_\_\_\_